FERNANDO HENRIQUE ARAUJO TORRES

BOSSA NOVA FORA DO EIXO: Uma História da Bossa Nova na Capital Pernambucana

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC - como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música, área de Musicologia-Etnomusicologia.

Orientador: Luís Fernando Hering Coelho

Florianópolis
Março/2015

T689b

Torres, Fernando Henrique Araujo
Bossa Nova fora do eixo: uma história da Bossa Nova na capital pernambucana / Fernando Henrique Araujo Torres. – 2015.
210 p. il.; 21 cm

Orientador: Luís Fernando Hering Coelho
Bibliografia: p. 198-208
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Florianópolis,2015.

1. Música popular - Brasil. 2. Bossa Nova - Recife. 3. Musicologia. I. Coelho, Luís Fernando Hering. II. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Música. III. Título.

CDD: 781.630981 – 20.ed.

FERNANDO HENRIQUE ARAUJO TORRES

BOSSA NOVA FORA DO EIXO:
UMA HISTÓRIA DA BOSSA NOVA NA CAPITAL PERNAMBUCANA

Dissertação, Curso de Pós-graduação em Música/ Centro de Artes/ Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestre em Música, subárea Musicologia/Etnomusicologia.

Banca Examinadora

Orientador: _____
Prof. Dr. Luís Fernando Hering Coelho
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro: _____
Prof. Dra. Virgínia de Almeida Bessa
Universidade Estadual Paulista

Membro: _____
Prof. Dr. Marcos Tadeu Holler
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 26/03/2015

AGRADECIMENTOS

Tenho muitas pessoas a quem agradecer e seria tarefa árdua elencá-las aqui, além de incorrer no sério risco de cometer uma injustiça deixando de citar algumas delas por lapso de minha memória. Vou citar nominalmente (por questões específicas) apenas aqueles a quem se torna imprescindível fazê-lo, embora isso não diminua a importância de todas as outras contribuições que recebi em todos os campos da construção desse trabalho.

Em primeiro lugar quero agradecer aos professores Edwin Vásquez (UFPR), Jusamara Souza (UFRGS) e Virgínia Bessa (UNESP) pela ajuda na elaboração do título da dissertação com sugestões enriquecedoras e fundamentadas.

Aos membros da minha banca examinadora, a já citada professora Virgínia Bessa e o professor Marcos Holler (PPGMUS-UDESC), que também fez parte da minha banca de Qualificação, junto com a professora Márcia Oliveira (UDESC/História). A todos meus mais profundos agradecimentos. Suas contribuições foram importantíssimas na construção dessa pesquisa.

À UDESC e todo corpo de funcionários pela acolhida maravilhosa na instituição. Vindo de Pernambuco, tão distante e tão diferente de Santa Catarina em algumas peculiaridades, esse carinho com que fui recebido por todos foi fundamental para que pudesse me sentir bem e construir o trabalho.

A todos os professores do PPGMUS-UDESC, que com sua sabedoria e dedicação nos transmitiram seus ensinamentos de forma aberta, levando em conta as características da pesquisa de cada um individualmente e sempre dispostos a ouvir nossas experiências e críticas, abrindo sempre um debate construtivo e muitas vezes transformador.

Ao CEMO, instituição da qual tenho orgulho de fazer parte, que me apoiou e apoia sempre! Agradeço profundamente à Direção, professores, alunos e funcionários.

Aos funcionários do Arquivo Público Estadual (PE) Jordão Emerenciano e da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) por sua presteza e atenção em todos os momentos que precisei consultar os arquivos.

Ao departamento de pós-graduação em História da UFPE, funcionários e professores, principalmente à professora Bartira Ferraz pela contribuição incomensurável na realização dessa pesquisa, principalmente no que diz respeito aos caminhos que deveriam ser trilhados.

Ao amigo Kennedy Barros por disponibilizar o acesso à sua coleção de discos em vinil para consulta (incluindo fotografias) e suas informações adicionais precisas, além do seu incentivo contínuo para a realização do trabalho.

Ao meu orientador Luís Fernando Hering Coelho por sua paciência, preocupação e carinho com minha pessoa. Por seu esmero em orientar sem tolher, de não impor seu vasto conhecimento pela força, mas pelo esclarecimento e pela elucidação. Essa pesquisa seria impossível sem as contribuições desse espetacular profissional.

A todos os entrevistados pela disposição e boa vontade em contribuir com esclarecimentos e lembranças dos tempos vividos naquele Recife dos anos 1960 e daquela relação que a Bossa Nova ocasionou com os artistas da cidade.

Aos colegas de turma do mestrado (que por uma graça divina e conjuntural se tornaram TODOS maravilhosos amigos que irei levar comigo por toda a vida). Não conseguiria explicar em palavras as experiências acadêmicas e interpessoais que vivenciei com cada um deles. Foi mágico!

Aos amigos do Recife e de Olinda, quantas ajudas, quanto carinho! Esse trabalho tem um pedacinho de cada um deles.

À minha família, base de tudo! É por ela que tento me tornar, a cada dia, um ser humano melhor.

[...] eu mesmo mentindo devo argumentar, que isso é Bossa Nova [...].

Trecho da letra da canção *Desafinado* de Tom Jobim e Newton Mendonça.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema principal a relação da Bossa Nova com Recife, capital pernambucana, nos anos 1959 a 1969 (período em que a Bossa Nova surgiu e se disseminou de forma mais intensa), sendo Recife o terceiro centro urbano mais populoso do país à época. Tem como objetivos compreender como se deu essa relação, numa cidade tão distante do eixo Rio/São Paulo (onde a Bossa Nova foi propagada como uma revolução jovem e intrinsicamente ligada ao Rio de Janeiro e àquela sociedade da zona sul carioca). Como Recife, tão ligada às tradições do Frevo e do Maracatu absorveu a onda bossanovista e de que forma essa relação se manifestou, inclusive no processo de surgimento do que viria se chamar de música Bossa Nova. Foram consultados os dois principais jornais da cidade (e do estado de Pernambuco) no período acima citado, além de capas e contra capas de discos produzidos na época, principalmente os da extinta gravadora pernambucana de discos: a Rozenblit, que possuía alcance nacional à época. Também são apresentados trechos de entrevistas e depoimentos de músicos, artistas e atores envolvidos no cenário artístico intelectual da cidade à época, com ênfase no fato de que em 1960 eram inauguradas duas emissoras de televisão na cidade, com aparelhagens consideradas "supermodernas" e um alcance interestadual (e até internacional), que transmitiam programação musical com a presença de auditório e de calouros, como por exemplo, um, denominado *Clube da Bossa*, composto exclusivamente de jovens amadores da Bossa Nova que cantavam exclusivamente ao som de violões. A pesquisa demonstra que houve uma relação: Recife – Bossa Nova – agentes locais e que essa

relação afetou a produção musical local no recorte temporal aqui proposto e trouxe reflexos que podem ser percebidos nos anos subsequentes e ainda nos dias de hoje.

Palavras – chave: Bossa Nova. Recife. Música Popular.

Gravadora Rozenblit.

ABSTRACT

This research has as main theme the relationship of Bossa Nova with Recife city, capital of Pernambuco State, Brazil, between 1959 to 1969 (period in which the Bossa Nova emerged and spread more intensely), being Recife the third most populous urban center of the country in those years. This research aims to understand how occurred this relationship, in a city so far from the Rio / São Paulo (where Bossa Nova was propagated as a young revolution and intrinsically linked with Rio de Janeiro and with the Rio's south zone community). How Recife, so proud of their traditions in Frevo and Maracatu, absorbed the onda bossa novista (“bossa novista wave”) and how this relationship was expressed, including in the birth process of what would be called music Bossa Nova. Have been consulted the two main newspapers of the city (and also the state of Pernambuco), in the period mentioned above, as well as covers and back covers of records produced at the time, especially by the former Pernambuco record company: the Rozenblit, which had nationwide scope at the time. Are also presented excerpts from interviews and testimonials from musicians, artists and actors involved in intellectual art scene of the city at the time, with the emphasis on the fact that in 1960 were inaugurated two television stations in the city, with appliances considered "super modernas" (“super modern”), with interstate scope (and even international), conveying music programming with presence of audience and freshmen, for example, a called Bossa Club, composed exclusively of young Bossa Nova amateurs, singing exclusively to the sound of guitars. The research shows that there was a relationship: Recife - Bossa Nova - Local Agents, and that this relationship affected the

local musical production, in the time proposed here, and brought reflexes that can be perceived in the following years and still today.

Keywords: Bossa Nova. Recife. Popular Music. Rozenblit label.

LISTA DE FIGURAS

1- Os 7 da Bossa..... 11
2- Lúcio Alves 27
3- Noite de Acordeão..... 31
4- Náutico Bossa Nova..... 45
5- Máquina de lavar Bossa Nova..... 46
6- São João em Bossa Nova..... 47
7- Telefonema Bossa Nova..... 48
8- Pistoleiro Bossa Nova..... 49
9- *Strip Tease* Bossa Nova..... 50
10- Políticos se unem..... 53
11- Conheçam Leny Andrade..... 54
12- Leny no Iate Clube 55
13-Trio..... 56
14- Leny no canal 6 57
15- Menos Educação e Cultura..... 75
16- Aparelho *Hi-Fi*..... 81
17- Kamerino e seu conjunto..... 85
18- Renato Mendes e seu órgão..... 87
19- A dona da Bossa..... 89

20- Discos Mocambo..... 91
21- Agostinho dos Santos..... 93
22- Música Nossa..... 94
23- Jorge Autuori..... 95
24- Johnny Alf na Mocambo..... 96
25- Claudette em compacto duplo..... 97
26- Vamos dançar Bossa Nova..... 98
27- Festival Mário Gris..... 98
28- Lançamentos futuros..... 99
29- Bossa Nova *Soul*..... 99
30- Velhos Sucessos em Bossa Nova..... 100
31- Contracapa Velhos Sucessos..... 104
32- Discos Família..... 105
33- Discos Família..... 106
34- Mocambo em Revista..... 107
35- Discolândia..... 108
36- IBOPE..... 113
37- *Vídeo Tape*..... 116
38- Clube Internacional..... 120
39- Maysa como ela é..... 121
40- Ritmos Modernos..... 128
41- Vamos Dançar Bossa Nova 2..... 129
42- Capiba Bossa Nova..... 136

43- Eduardo Lobo..... 141
44- Compasso e Tempo..... 142
45- *Ballet* Bossa Nova..... 143
46- Clube Bossa Nova..... 144
47- Novos Ritmos..... 144
48- Casa d'Itália..... 145
49- Porque gostamos de Bossa Nova..... 152
50- Cantochão no Arena..... 156
51- Benjamin Santos..... 156
52- O espetáculo..... 159
53- Bossa Nova nordeste..... 160
54- Cantochão musical..... 161
55- Sebastião Vila Nova..... 161
56- Em tempo de Bossa..... 162
57- Festival Delfim *Drinks*..... 163
58- Festival Rosa Amarela..... 163
59- Libertard..... 164
60- Central de Relações Públicas..... 165
61- Bossa Nova em Campina Grande..... 166
62- Bossa Nova no Santa Isabel..... 167
63- Sucesso..... 168
64- Bossa Nova toma conta da cidade..... 169
65- Concerto de Bossa Nova..... 170

66- Sonny Dellane..... 170
67- Aulas de violão só em Bossa Nova..... 171
68- Bossa *show*..... 171
69- Roça em Bossa Nova..... 172
70- I Festival de Bossa Nova..... 173
71- Parabéns em Bossa Nova..... 174
72- Piscina com Bossa Nova..... 174
73- Serenata em Bossa Nova..... 175
74- I Noite de Gala da Juventude..... 175
75- Uma noite na Bossa Nova..... 176
76- Quem tem Bossa vai ao 6..... 176
77- Bossa a Bessa..... 177
78- Bossa & Verão..... 177
79- Festival da Juventude..... 178
80- Bossa é espetáculo 1..... 178
81- Bossa é espetáculo 2..... 179
82- Bossa no "Esporte"..... 179
83- Bossa Nova nos Bancários..... 179
84- Bossa no Iate Clube..... 180
85- Recife Modéstia à parte..... 181
86- Senô & Bossa..... 181
87- Rádio & TV..... 183
88- Elis Regina..... 184

89- Sambossa Trio..... 184
90- Claudette no Rosa Amarela..... 185
91- Claudette Bossa e Simpatia..... 185
92- Música Popular Moderna..... 186
93- Construção no AIP..... 187
94- Pregão..... 187
95- Os Bossanorte..... 189
96- Lizete Durand..... 190
97- A Bossa de Lizete..... 191
98- Iê-Iê-Iê..... 192
99- Arrecifes..... 193

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....01
1. A BOSSA NOVA.....17
1.1 O surgimento da Bossa.....17
1.2 A expansão.....37
2. O RECIFE.....60
2.1 Recife: Histórias e Revoluções.....60
2.2 O Recife no início do século XX.....66
2.3 O Recife no Momento Bossa Nova.....71
2.4 A Rozenblit.....77
2.5 A chegada da televisão no Recife.....109
3. A BOSSA NOVA NA CAPITAL PERNAMBUCANA -119
3.1 A chegada da Bossa.....119
3.2 1965: O ano da Bossa Nova no Recife..... 146
3.3 Os anos seguintes.....180
4. CONSIDERAÇÕES.....194
5. REFERÊNCIAS.....198
6. ANEXOS.....209

INTRODUÇÃO

Durante toda minha vida, como estudante e profissional da música em Recife, pude perceber o uso muito frequente do repertório da Bossa Nova na "terra dos altos coqueiros"[1]. Fosse nas escolas de música (particulares e públicas) em que estudei, nas aulas de canto coral do curso de licenciatura em Música na Universidade Federal de Pernambuco (onde me graduei), nos corais de que participei, nas aulas de saxofone e flauta transversal, nos grupos de música em que toquei na noite pernambucana ou nas apresentações de outros grupos em casas de *show* ou nos bares e restaurantes, a Bossa Nova estava lá, sempre.

Em 2008 ingressei como professor de História da Música no CEMO (Centro de Educação Musical de Olinda) e pude constatar a repetição daquilo que percebia em outras escolas onde estudei: o uso do repertório da Bossa Nova como material didático. Já havia escolhido pesquisar em minha especialização o ensino de guitarra elétrica naquela instituição (mesmo antes de ingressar como professor) por se tratar do primeiro curso daquele instrumento em instituição pública de ensino no Estado. O tema da pesquisa foi: *A*

[1] Trecho do refrão do Hino de Pernambuco composto em 1908, com letra de Oscar Brandão da Rocha e música de Nicolino Milano.

influência da Bossa Nova no ensino de guitarra elétrica no CEMO.

Por ocasião da pesquisa para essa especialização, tive notícias, através de amantes da música e colecionadores de discos, de um LP intitulado: *Velhos Sucessos em Bossa Nova*, gravado no Recife na extinta gravadora Rozenblit, com arranjos do maestro Clóvis Pereira (participante ativo do Movimento Armorial, ex-regente da Orquestra Sinfônica do Recife, professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e músico atuante no cenário das rádios e TVs na década de 1960, além de tantas outras atividades em sua vida artística) e do maestro Duda[2] (outra figura exponencial da cultura pernambucana, principalmente em relação ao Frevo). Com o início da pesquisa para o mestrado e com o tempo, pude descobrir a história daquele disco e de como ele foi idealizado e, aos poucos, compreender a participação da Rozenblit no cenário musical regional e nacional.

Lendo e pesquisando sobre a Bossa Nova pude perceber a citação de dois pernambucanos em vários momentos da sua história, desde seu surgimento e desenvolvimento até a consolidação no cenário internacional

[2] José Ursicino da Silva.

(CASTRO, 1990; MOTTA, 2000; MELLO, 2008): Normando Santos (*Recife 1932), que participou das primeiras apresentações do grupo que depois seria denominado de Bossa Nova (tendo inclusive composto músicas com Ronaldo Bôscoli e Roberto Menescal e participado do famoso *show* no Carnegie Hall em 1962) e Walter Wanderley (*Recife 1932 - + São Francisco, EUA, 1986), que além de ter gravado discos como organista em vários trabalhos no "estilo" Bossa Nova, constrói sua carreira nos Estados Unidos e lá se estabelece gravando mais de 25 discos, na chamada Bossa Nova instrumental, chegando à impressionante cifra de um milhão de cópias vendidas em agosto de 1966 (CASTRO, 1990 p.390; MELLO, 2008 p.213), apesar de ser, ainda, um ilustre desconhecido para muitos brasileiros, incluindo os pernambucanos.

Dessa forma, e tendo a Bossa Nova cruzado intensamente as fronteiras nacionais e internacionais, surge a necessidade de compreender sua recepção pela sociedade recifense como uma importante instância local de manifestação. De que forma a música da Bossa Nova foi absorvida e que tipo de reação aconteceu? Sabemos que a Rozenblit gravou 24 discos de Bossa Nova (ALVES SOBRINHO, 1993 p.103). Onde eram tocados esses discos?

Que público os ouvia? Através de que meios?

Concomitante a isso é o surgimento da televisão no Brasil, e Recife não se atrasa em relação à novidade. Em meados de 1960 são inauguradas duas emissoras de TV em Pernambuco (CASTELÃO, 1999, p.119-126), com sede na capital, e com uma programação bastante diversificada, inclusive com programas de auditório e apresentação dos últimos lançamentos musicais da época. Sem dúvida a novidade da TV foi uma arma divulgadora incomensurável para a Bossa Nova, principalmente se levarmos em consideração que a maioria esmagadora dos escritores considera o início da Bossa Nova no ano de 1958, com o lançamento do compacto simples de João Gilberto, *Chega de Saudade*. Ou seja, quase que simultaneamente ao surgimento da televisão no Brasil.

Essa pesquisa busca esclarecer (através de reportagens e notas de jornais da época, capas de discos, entrevistas e depoimentos), como foi essa recepção ao que se convencionou chamar música Bossa Nova. Como Recife, sendo referência em suas tradições como o Frevo, o Xote, o Maracatu, o Coco, e tantas outras manifestações, assimilou a "modernidade" da Bossa Nova. Como os atores do processo artístico da cidade, em voga na época, vivenciaram aquele

momento de expansão do que se chamava de “moderna música brasileira”.

Os três capítulos propostos para essa dissertação objetivam primeiramente discutir o surgimento da Bossa Nova no panorama musical brasileiro da época, trazendo para essa discussão autores da musicologia e áreas afins, com o intuito de compreender como se deu esse processo e como se posicionam e se posicionaram aqueles que se detém sobre a música popular (Capítulo 1). Depois, compreender um pouco a história da cidade do Recife e do seu surgimento, como também daquele período dos anos 1950 e dos anos 1960 (Capítulo 2). E por fim esclarecer, através de dados coletados, entrevistas e depoimentos, como aconteceu e foi recebida a Bossa Nova no panorama recifense daquele período, quais as posições daqueles que interagiam no cenário artístico/intelectual citado e que consequências deixou na história da cidade e da produção artístico/fonográfica local e nacional (Capítulo 3).

O primeiro capítulo traz informações do processo de formação da Bossa Nova, quem foram os precursores e influenciadores. Como afirma Canclini, as tradições não nascem de formas puras de manifestação, mas sim de um processo de hibridização cultural, que tem se acentuado com

a modernização nos últimos tempos (CANCLINI, 2008). Em seus estudos sobre o jazz brasileiro e suas correlações com o jazz norte americano, utilizando um conceito que ele denomina de *fricção de musicalidades*, Piedade entende que: "Esta relação, ao mesmo tempo de tensão e de síntese, de aproximação e de distanciamento, tem profunda correlação com discursos sobre imperialismo cultural, identidade nacional, globalização e regionalismo" (PIEDADE, 2005, p.198). É evidente que nenhum estilo ou gênero musical surge por decreto ou por ideia genial de alguém. É fruto das experiências adquiridas pelos atores sociais e das inter-relações que fazem através da mescla de experiências vivenciadas. Fica claro que o surgimento dos meios de comunicação de massa, desde a invenção do fonógrafo em 1877 por Thomas Edison (MILLARD, 1995) e os consequentes desdobramentos dessa descoberta, como a invenção do gramofone e de toda a gama de aparelhos capazes de gravar o som (de forma cada vez mais aperfeiçoada e com mais recursos, numa evolução que continua até os dias atuais) contribuiu bastante para estes processos de hibridização, num horizonte geral. A utilização do rádio como um meio de integração e comunicação nacional desde o final da década de 1920 (SIQUEIRA, 2012;

BESSA, 2010, p.249) e o surgimento da televisão no Brasil, justamente no momento em que "nasce" a Bossa Nova, foram fatores determinantes para esse intercâmbio cultural/musical que culminará com o surgimento do gênero[3].

No segundo capítulo serão apresentadas algumas descrições do Recife e seu contexto histórico. Como era a economia da cidade e do estado naquela época, como a sociedade interagia com a produção cultural, principalmente no que se refere à música. A história da gravadora Rozenblit e de como ela participou do cenário fonográfico brasileiro, inclusive criando um selo, o *Artistas Unidos*, que gravou nomes como Agostinho dos Santos, Elis Regina, Johnny Alf, Lúcio Alves e tantos outros. O convênio com a gravadora Mercury (norte-americana) e uma participação no mercado nacional que alcançava 22% do total, foram consideradas "façanhas" para uma gravadora fora do eixo Centro/Sul (ALVES SOBRINHO, 1993). Mencione-se também a inauguração de duas emissoras de televisão na capital, com alcance em várias cidades do nordeste e até no exterior.

[3] Alguns denominam a Bossa Nova de *movimento*, outros de *gênero* e outros de *estilo*. Neste trabalho estas denominações serão tratadas como equivalentes, sem que se entre na discussão sobre suas fronteiras conceituais. Para um maior esclarecimento da formação e conceito dos gêneros musicais vide: *Jazz, música brasileira e fricção de musicalidades* (PIEDADE,2005), principalmente a nota 3.

Some-se a isso a chegada do videoteipe, que possibilitou a transmissão de programas gravados no Rio e em São Paulo, trazendo uma programação que dentre outras coisas apresentava muitos cantores e compositores da geração Bossa Nova.

Assimilo o pensamento de Tim Carter (2005) que entende necessária a abordagem da história das cidades e suas práticas musicais num contexto de musicologia urbana, relacionando musicologia e história local, delimitando um espaço geográfico em um determinado período cronológico e analisando a forma como a música age na sociedade local e como acontece a recepção da mesma e quais consequências traz no plano sociocultural. Neste sentido, afirma também Arlette Farge: "O lugar, a maneira, as condições da inscrição de um acontecimento no tecido social formam sua irredutível singularidade" (FARGE, 2011, p. 75).

A maneira como os acontecimentos estão expostos no segundo capítulo (e também no terceiro) não tem uma intenção teleológica no sentido de reificar uma história linear. As informações obtidas foram organizadas de forma cronologicamente sequenciada na tentativa de obter uma visualização geral e panorâmica do contexto total e encadeamento dos fatos. Tem-se em conta que a bibliografia

pesquisada sobre a história da cidade do Recife apresenta muitas vezes um caráter laudatório, sendo que uma crítica historiográfica mais detida não cabe no escopo deste projeto.

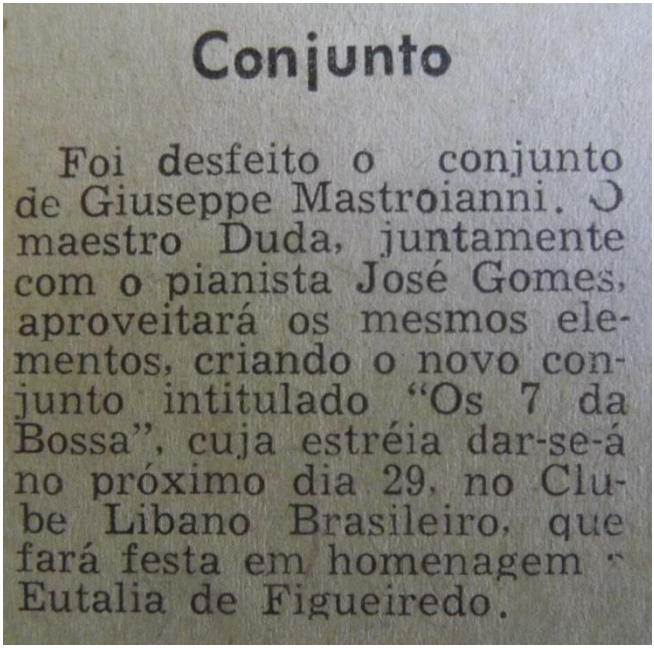
No terceiro e último capítulo será apresentado o resultado da pesquisa de campo no que se refere à documentação coletada. O *Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano* e a *Fundação Joaquim Nabuco*, ambos no Recife, foram de fundamental importância na pesquisa dos jornais da época (*Diario de Pernambuco* e *Jornal do Commercio*, de janeiro 1959 a dezembro de 1969) onde é possível encontrar informações sobre a apresentação de diversos artistas, ligados de alguma forma à Bossa Nova, tais como locais, recepção do público e opinião de colunistas.

O *Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano*, vinculado à Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, foi fundado em 1945 e está situado na Rua do Imperador, em um prédio construído em 1731 que inicialmente estava destinado a servir como cadeia pública da capital pernambucana. Os jornais consultados no arquivo não estão digitalizados e foram consultados fisicamente. A *Fundação Joaquim Nabuco*, vinculada ao Ministério da Educação do governo federal, foi fundada em julho de 1949 pela Lei nº 770. Os acervos de discos e jornais

(microfilmados) foram acessados na Biblioteca Central Blanche Knopf, situada na Rua Dois Irmãos, no bairro de Apipucos no Recife. Os discos (assim como capas e contracapas dos mesmos) e jornais encontrados nesses dois acervos foram fotografados e posteriormente arquivados em formato digital.

Claro, observando sempre com cuidado o que foi veiculado, tendo a consciência de que o que é apresentado nos jornais não se trata da verdade absoluta[4] (algo que a historiografia atual também já pondera ser algo sempre relativizado), uma vez que o tempo e o espaço em que estão inseridos, além de interesses políticos e mercadológicos, podem pender passionalmente em alguns casos (MOUILLAUD in PORTO, 2002, p.51), o que é constatado em pelo menos um deles durante essa pesquisa. Além desse aspecto, outras peculiaridades das notícias veiculadas nos meios de comunicação surgem na medida em que aprofundamos a pesquisa. Um exemplo disso pode ser apresentado observando a nota de jornal na figura seguinte:

[4] Compactuo da mesma opinião do escritor Gustav Flaubert, que desejava que os personagens criados por ele para sua história satírica (publicada em 1881), Bouvard e Pécuchet, entendessem: "que a verdade não jaz em lugar algum e que bem pretensioso e arrogante é aquele que acredita saber onde ela se aloja" (FARGE, 2011, p.117).



Conjunto

Foi desfeito o conjunto de Giuseppe Mastroianni. O maestro Duda, juntamente com o pianista José Gomes, aproveitará os mesmos elementos, criando o novo conjunto intitulado "Os 7 da Bossa", cuja estréia dar-se-á no próximo dia 29, no Clube Libano Brasileiro, que fará festa em homenagem a Eutalia de Figueiredo.

Figura 1: Diario de Pernambuco, 22 de fevereiro de 1964, página 06.

Os maestros Duda e Zé Gomes (entrevistados para essa pesquisa), citados na nota, negam veementemente o fato noticiado. Afirmam que nunca existiu tal grupo nem nunca aproveitaram os músicos do conjunto de Mastroianni para formação de outro. Tania Regina de Luca adverte que a pesquisa deve sempre se assenhorar do maior número de fontes possíveis e entender que as fontes de onde se colhem as informações, para a publicação de uma matéria ou nota no jornal, são o resultado de trabalho coletivo, construído por pessoas com ideais e objetivos muitas vezes diversificados,

além, é claro, do acelerado da produção diária e da constante pressão:

> As redações, tal como salões, cafés, livrarias, editoras, associações literárias e academias, podem ser encaradas como espaços que aglutinam diferentes linhagens políticas e estéticas, compondo redes que conferem estrutura ao campo intelectual e permitem refletir a respeito da formação, estruturação e dinâmica deste. Nessa perspectiva, o sumário que se apresenta ao leitor resulta de "intensa atividade de bastidores", cabendo ao pesquisador recorrer a outras fontes de informação para dar conta do processo que envolveu a organização, o lançamento e a manutenção do periódico (LUCA, 2005, p. 141).

Nessa pesquisa os jornais foram a principal fonte de informação sendo adicionadas ao processo de coleta de dados as entrevistas fornecidas pelos atores envolvidos nos eventos à época. Outras fontes foram buscadas (fotos, programas de *shows*, ingressos), mas o resultado se mostrou muito aquém do desejado. Foram abordados os jornais de 1959 até 1969. A data inicial (janeiro de 1959) foi escolhida por ser o ano em que se inicia a expansão da Bossa Nova pelo Brasil e pelo mundo. A intenção é perceber como se deu a chegada da mesma no Recife e de que forma. A data final (dezembro de 1969) foi definida ao longo da pesquisa por ter sido

percebida a diminuição paulatina, a partir de 1968, de artigos e notas de jornais sobre a Bossa Nova, nos dois jornais pesquisados, culminando com um artigo encontrado no *Jornal do Commercio*, em 1969, em que já se tratava a Bossa Nova como algo do passado.

Foram consultados jornais de todos os dias no período abordado, com exceção de alguns exemplares que estavam interditados por alguma razão. Algumas vezes foram consultados o *Diario de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio* concomitantemente, mas na maioria das vezes foi escolhido um deles. Porém, nem uma data foi ignorada a não ser pelos impedimentos impostos pelos institutos de pesquisa no intuito de preservar seus arquivos físicos, algumas vezes danificados em virtude do número excessivo de consultas e necessitando de reparos.

Todo o texto dos jornais foi consultado, inclusive cartazes de filmes, propagandas de lojas, classificados e etc. Contudo, a seção que mais aparece nos resultados obtidos é a "coluna social", onde são anunciadas as apresentações e comentários das mesmas nos clubes sociais da cidade, muitas vezes com informações de local, data e hora e opinião do colunista na pré e pós-apresentação.

As capas dos discos gravados pela Rozenblit, na

época, também são fundamentais nesse trabalho. A partir da década de 1950 o formato LP irá se tornar cada vez mais popular e o trabalho gráfico das capas dos LPs passa a ser considerado de forma mais cuidadosa (VIDAL, 2008). Nelas, além das informações de praxe, é possível obter informações extras, como prefácios e recomendações, como no caso de um disco de Capiba, prefaciado por Ariano Suassuna (cuja parte do texto foi publicada em uma coluna de um jornal local), em que o escritor e autor rechaça a ideia do compositor ter caído no modismo da Bossa Nova, alegando que Capiba "nem é Bossa Nova nem Bossa velha, é Bossa eterna" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 12 de Novembro de 1960), discurso que o próprio Capiba desconstrói, anos depois, no mesmo jornal, afirmando ter participado da Bossa Nova por convicção e essência. Como afirmam Elton Tada e Cléber Baleeiro: "não podemos ser ingênuos e acreditar que as imagens usadas nas capas são ali colocadas por acaso ou por capricho" (TADA; BALEEIRO, 2012, p. 122).

Como a Rozenblit sofreu as consequências de inúmeras cheias no Recife, muito do seu acervo foi perdido. Alguma coisa está na *Fundação Joaquim Nabuco* (FUNDAJ), mas a grande parte do acervo está nas mãos de colecionadores particulares e de forma muito espalhada. A

coleta desse material é tarefa árdua e contínua e a colaboração de alguns colecionadores também foi de suma importância nesse processo (principalmente o professor e filósofo Kennedy Barros). De alguns discos existem apenas fotografias ou estão catalogados como gravados, mas a parte física não foi encontrada. Foi catalogado e fotografado o que está em poder da FUNDAJ e alguns outros discos que estão em poder de colecionadores.

Nesse capítulo também serão analisadas as entrevistas e depoimentos pessoais. Alguns músicos, como o maestro Zé Gomes, Edson Rodrigues e o Maestro Duda, são exemplos de personagens que ajudaram na reflexão sobre o momento Bossa Nova na capital pernambucana, assim como o escritor e professor Jomard Muniz de Britto, que além de fornecer a primeira edição do seu livro: *Do Modernismo à Bossa Nova* (que contém informações cruciais sobre o momento Bossa Nova em Recife, que as edições posteriores não possuem), também emprestou livros para a construção dessa pesquisa. A metodologia aplicada foi a de entrevistas semiestruturadas filmadas[5]. A escolha desse tipo de entrevista justifica-se, por oferecer todas as perspectivas possíveis para que o entrevistado alcance a liberdade e a

[5] Utilizei filmagem pela facilidade do equipamento em captar imagem e vídeo em boa qualidade, embora apenas o áudio tenha sido analisado.

> espontaneidade necessárias, enriquecendo a pesquisa (TRIVINOS, 1987). Entendendo também que os testemunhos são, como afirma Arlette Farge, reconstrução da memória e não reprodução literal da verdade. “A memória, bem o sabemos, é um teatro pessoal e se fabrica através de reconstituições íntimas ou míticas que podem embaraçar o historiador” (FARGE, 2011, p. 78).

Essa pesquisa não tem a intenção de dar continuidade irrefletida a um dos temas que se “classicizaram” na historiografia sobre música popular por serem oriundos da escuta das elites (BESSA, 2010, p. 18), resultado de uma “concepção aristocrática de cultura” (GINZBURG, 2006, p.12). O trabalho busca ampliar a concepção do surgimento e da dinâmica da Bossa Nova fora do seu tão propagado eixo de gênese (Rio de Janeiro e São Paulo) e compreender como isso ocorreu no Recife, a terceira capital do país à época e referência (naqueles dias e ainda hoje) de produção e divulgação cultural.

1. A BOSSA NOVA

1.1 O SURGIMENTO DA BOSSA

A consolidação do que virá a se chamar de Bossa Nova, acontece como um clímax de um movimento que para alguns começa desde os anos 1930, com uma busca pela modernização. Dentro desta chave de leitura, Ary Barroso, Custódio Mesquita, Noel Rosa e Garoto, já semeavam harmonizações e letras inusitadas para sua época (CASTRO, 1990, GOMES 2010). Nos anos 1950 começam a surgir grupos como o *Trio Surdina***,** conjunto formado por volta de 1951 pelos músicos Garoto (violão), Fafá Lemos (violino) e Chiquinho do Acordeon, apresentando músicas mais "suaves". Era uma tentativa de reproduzir no rádio o que se tocava nas boates da zona sul do Rio de Janeiro, uma vez que esses espaços já estavam "elitizados" e os preços cobrados por elas restringia um acesso mais amplo da população. Uma distinção entre música para as "massas" (programas de auditório e rádio novelas) e música sofisticada (voltada para uma fração da classe média que via com preconceito o tratamento dado à música popular nos programas de maior audiência), naquilo que Middleton (1990) chamaria de definições "sociológicas" de

música popular. Esta era uma tendência que vinha se caracterizando por alguns programas de rádio (*Quando os maestros se encontram*, *Ritmos do Copacabana*), geralmente veiculados no fim da noite, com um repertório de concerto e de música instrumental (VICENTE, 2013). O mesmo autor esclarece que novas tecnologias estavam surgindo no mercado brasileiro e sendo adaptadas por artistas e grupos musicais:

> Além disso, a produção do Trio Surdina se insere numa época em que novas escutas e tecnologias estão emergindo no campo do entretenimento, acredita-se que o seu *estilo interpretativo* estabelece uma relação de interdependência com os novos meios de registro sonoro que caracterizaram a era da "Alta Fidelidade" ou do *Hi-Fi*, com o ambiente e os modos de escuta característicos das pequenas boates do Rio de Janeiro, apontando para uma tendência à "contenção" e ao "intimismo", apropriada a uma recepção mais individualizada, em contraposição à "estridência" e a recepção "coletiva" que então caracterizavam os programas de auditório (VICENTE, 2013, p. 175-176).

Essa transformação tecnológica, criada em grande parte pela guerra e a decorrente necessidade de comunicações cada vez mais rápidas, a ponto de serem veiculadas quase que em "tempo real" (MACHADO, 2008), trouxe consequências também para o mundo do entretenimento do pós-guerra. O

Brasil vivia uma política desenvolvimentista, implantada pelo presidente Juscelino Kubitschek, que, aliada a esse "boom" nas comunicações, dava ao país "a sensação de estar sintonizado com o primeiro mundo" (Idem, p. 20). O rádio, que desde o final da década de 1920 se torna um meio de comunicação de massa cada vez mais presente nos lares brasileiros, tinha ganhado produções espetaculares com o decorrer dos anos, fruto de uma acirrada concorrência entre as emissoras (CABRAL, 1996). Como a transmissão das rádios era feita ao vivo (e as melhorias tecnológicas eram constantes nas emissoras), muitos ouvintes passaram a preferir ouvir música no rádio ao invés de comprar discos produzidos ainda no processo mecânico de gravação. Isso iria mudar em 1927 com o surgimento do processo elétrico de gravação de discos. Contudo a música popular iria encontrar seu espaço na audiência do público fosse por um meio de escuta ou pelo outro numa crescente contínua que só é interrompida com o surgimento da televisão nos anos 1950 (Idem, ibidem).

O país atravessava profundas transformações nas estruturas sociais nos anos 1950, onde a classe média começava a ascender como nunca havia ocorrido antes. Aliado a isso estava o aumento da tecnologia envolvendo a

indústria fonográfica (SANTOS a, 2006). Havia um fluxo intenso da cultura de massa norte-americana e em conjunto com as transformações tecnológicas na cultura, os meios de produção, distribuição e consumo da música popular foram alterados de forma considerável (ZAN, 1996). No campo político, com o fim da segunda guerra, a aproximação dos principais partidos nacionais, a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático), no que se refere ao lazer urbano, levou o Brasil "a um processo de americanização destinado a atribuir a tudo que parecesse 'regional' ou 'nacional' o caráter de coisa ultrapassada" (TINHORÃO, 1998, p. 323).

Talvez haja um exagero na afirmação anterior, mas o fato é que muitos "biógrafos" da Bossa Nova destacam essa escuta exacerbada da música popular americana por aqueles que fizeram parte do processo de criação e expansão da mesma. Johnny Alf, João Donato e Fafá Lemos (violinista e cantor, integrante do *Trio Surdina*, acima citado) são alguns exemplos de músicos que eram frequentadores de um fã-clube, intitulado *SINATRA-FARNEY FAN CLUB*, onde se ouvia majoritariamente música norte-americana (CASTRO, 1990). Apesar do nome artístico "americanizado" Dick

Farney (Farnésio Dutra e Silva, Rio de Janeiro 1921 - 1987) era brasileiro. Chegou a gravar músicas em português, mas gravou e morou nos Estados Unidos cantando em inglês. O "Sinatra" no nome do fã-clube refere-se ao cantor norte americano Frank Sinatra. Era um período em que a importação de discos americanos era incentivada pela demanda introduzida pelas grandes gravadoras multinacionais como a RCA e COLUMBIA, que ao mesmo tempo inibia a produção local (ALVES SOBRINHO, 1993).

Muitas vezes os bossanovistas foram considerados alienados em relação ao sentimento patriótico ou alheios à cultura nacional considerada autêntica e "de raiz":

> Os artistas que criaram a bossa-nova não se interessavam particularmente pelos temas do nacionalismo e da autenticidade que haviam definido as prioridades culturais dos anos 30 e 40. Eram todos ávidos apreciadores dos vocalistas norte-americanos, em especial Frank Sinatra, Billy Eckstine e Sarah Vaughn, e dos artistas de jazz da costa oeste dos Estados Unidos, como Chet Backer, Stan Getz e Gerry Mulligan, além de Miles Davis. A bossa-nova é muitas vezes considerada uma simples fusão de samba com jazz, apesar de muitos observadores também terem constatado a influência de cantores sentimentais brasileiros do passado, como Mário Reis e Orlando Silva (DUNN, 2009, p.47).

Existe um consenso (talvez um ponto pacífico sem qualquer contestação) entre vários autores, tais como José Ramos Tinhorão, Joaquim Aguiar e Ruy Castro, de que o movimento surgiu no Rio de Janeiro. Existe apenas uma discrepância de onde exatamente naquela cidade e que personagens foram os pioneiros. As imagens da Bossa Nova hoje estão associadas às memórias e às identidades dos bairros de Copacabana e Ipanema (PEREIRA, 2004). Para Márcio Pinto, por exemplo, "Atualmente, em 2013, passados mais de 50 anos dos debates iniciais, bossa nova e samba-jazz estão incorporados às "tradições" cariocas e se projetam como elementos identitários da cidade e do bairro de Ipanema" (PINTO, 2013, p.5).

Alguns sugerem que o instrumentista Johnny Alf já trazia a levada e as harmonias da Bossa Nova em suas composições e instrumentações (CASTRO, 2001). Já outros defendem o pioneirismo de João Gilberto em conseguir sintetizar samba, jazz, valsa e outros estilos, de uma forma peculiar e genial (GARCIA, 1999). Existiam dois grupos nesse início embrionário da Bossa Nova: um era composto por Tom Jobim, Newton Mendonça e Vinícius de Moraes, e estava ligado ao universo das gravadoras de disco, por conta de Tom Jobim, que foge das apresentações nos "inferninhos"

noturnos (tocando piano) e passa a trabalhar como arranjador e instrumentista, além de compor inicialmente para que outros cantores gravassem suas composições. O outro grupo estava ligado ao jornalista Ronaldo Bôscoli e sua namorada Nara Leão (então uma adolescente), Roberto Menescal e Carlos Lyra, que começa reuniões no apartamento dos pais de Nara, tocando compondo e cantando, e expande suas apresentações aos núcleos de cultura de algumas universidades do Rio (CASTRO, 2001).

Mas quem criou a Bossa Nova? Em qualquer pesquisa superficial sobre essa pergunta nos *sites* de busca pela internet a resposta é simples: O baiano João Gilberto. Mas, evidentemente, não é tão simples assim. O compacto simples, lançado por João Gilberto em agosto de 1958, com as canções *Chega de Saudade* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) e *Bim Bom* (do próprio João Gilberto) pode ser considerado como um marco do início da Bossa Nova (O LP *Chega de Saudade* seria lançado em 1959 com um impacto de vendas muito maior). Mas aquele compacto representava a síntese de uma inquietação por mudanças na música popular brasileira de uma juventude que não se identificava com o que lhe chegava aos ouvidos:

> A música, pelo menos a que se ouvia no rádio e nos discos, era insuportável para um adolescente de Copacabana no final dos anos 50. Boleros e sambas-canções falavam de encontros e desencontros amorosos infinitamente distantes de nossas vidas de praia e cinema, de livros e quadrinhos, de início de televisão e da ânsia de modernização. Para nós, garotos de classe média de Copacabana, aqueles cantores da Rádio Nacional e suas grandes vozes, dizendo coisas que não nos interessavam em uma linguagem que não entendíamos eram abomináveis (MOTTA, 2000, p. 9).

Roberto Menescal afirma, em entrevista a Marcelo Gomes, que: "o conteúdo da programação da rádio na época era quase que exclusivamente de sambas-canção. E a grande maioria dos discos a que (eu) tinha acesso era de jazz" (GOMES, 2010, p. 82). Talvez por isso, músicos como Johnny Alf e João Donato buscavam uma nova forma de tocar. Johnny Alf tocava em boates de Copacabana, utilizando harmonizações inusitadas, marcando o tempo e sincopando através dos acordes. Tocava composições próprias e temas de jazz, além de prestigiar outros compositores de sua época que trilhavam um novo caminho, como Lúcio Alves, Baden Powell, Dick Farney, Dolores Duran além do próprio João Gilberto, e outros ainda mais jovens como Carlos Lyra, Durval Ferreira e Sylvinha Telles (CASTRO, 1990; MELLO, 2008). Havia uma infinidade de conjuntos vocais naquele

período no Rio tais como *Os Namorados da Lua* (do qual Lúcio Alves era solista), os *Anjos do Inferno*, *Os Cariocas*, os *Garotos da Lua*[6] além de tantos outros. Um desses grupos era *Os Modernistas*, que tinha como integrante o João Donato. Em 1953 (portanto cinco anos antes da gravação do compacto de João Gilberto), numa gravação de um grupo vocal intitulado *Os Namorados* (uma tentativa de reagrupar o *Namorados da Lua* sem Lúcio Alves) com arranjos de João Donato, já se podia perceber o caldeirão que depois resultaria na Bossa Nova:

> Este é um disco a se ouvir para crer. No novo arranjo de Donato, os baixos do seu acordeão fraturavam o ritmo como uma metralhadora de síncopes e produziam uma batida que antecipava, quase sem tirar nem pôr, a do violão de João Gilberto, cinco anos antes de "Chega de Saudade". Era tão *moderno* que, na época, ninguém entendeu – tanto que os Namorados ficaram por ali mesmo (CASTRO, 1990, p. 58).

Pode parecer fácil hoje em dia atribuir a "invenção" da Bossa Nova a João Gilberto, mas a análise do contexto histórico

[6] Composto por nordestinos, dentre eles três pernambucanos. Um dos fundadores, então com 14 anos, é o pernambucano da cidade de Limoeiro radicado no Recife: Inaldo Vilarim, considerado por alguns entrevistados como precursor da Bossa Nova e de quem será tratado de forma mais detalhada no terceiro capítulo.

e cultural mostra que a questão é bem mais complexa, envolvendo múltiplas agências. É só perceber o que diz o colunista (denominado no jornal como *Peter Pan*) de um jornal de grande circulação no Recife em 1959, após fazer alguns elogios a João Gilberto:

> No entanto, advogamos para um outro cantor da ODEON o fato de ter sido realmente o criador da "bossa nova"[...] É um lançamento que honra a ODEON e, ao mesmo tempo, assegura ao veterano Lucio Alves a sua posição de criador da "bossa nova", título que muitos pretendem dar ao João Gilberto, possuidor também de um estilo magnífico, mas que não pode ser apontado como pioneiro nesse setor [...] (DIARIO DE PERNAMBUCO, 20 de Setembro de 1959).

Na foto seguinte se percebe a intenção do colunista em ratificar sua opinião na legenda "criador ABSOLUTO da <bossa nova>".

valores da nossa música estão esperando
oportunidades para demonstrar o quanto são capazes.

LÚCIO ALVES — criador absoluto da «bossa nova» e que aparece com destaque no LP «Lúcio Alves e sua Voz Íntima»

— VOZES EM HI-FI-THE
ANITA KERR QUARTET —
com orquestras de Jack Pleis

Vaughan e Billie Holiday, lançada no Brasil, mas que bem merece um destaque en-

Figura 2: Diario de Pernambuco 20/09/1959.

Já há quem considere que o embrião de toda a Bossa Nova sejam as reuniões no apartamento de Nara Leão em Copacabana. Era lá que figuras importantes em toda história da Bossa (Roberto Menescal, Carlos Lyra, Ronaldo Bôscoli, Normando Santos, os irmãos Castro Neves, e depois inclusive o próprio João Gilberto) se encontravam e além de tocar e cantar compunham. O argumento mais forte é que tais reuniões se iniciam pelo menos dois anos antes do lançamento do disco de João Gilberto:

> E foi assim que, por volta de 1956, um grupo de jovens filhos de famílias de boa situação econômica começou a reunir-se no apartamento da Srta. Nara Leão, na Avenida Atlântica, em Copacabana, para realizar, no campo amadorístico, aquilo que conjuntos de boate já faziam profissionalmente, ou seja, as chamadas *samba sessions*: a execução de sambas em estilo jazzístico sem hora para começar ou acabar, e com a liberação da improvisação (TINHORÃO, 19??, p.226) .

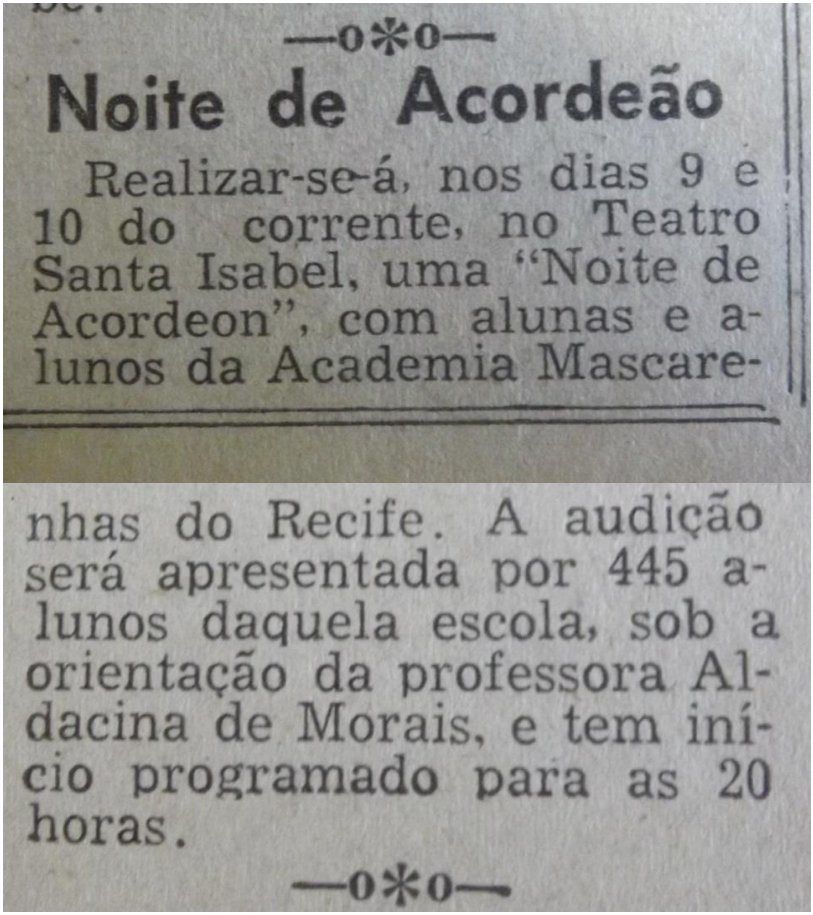
Talvez quando se referia a "conjuntos de boate" Tinhorão estivesse se referindo a músicos, assim como Johnny Alf e João Donato, que viviam tocando em boates no Rio de Janeiro daqueles anos 1950. "Entre bares, boates e inferninhos, sem contar restaurantes, Copacabana tinha pelo menos 39 funcionando pela madrugada adentro. No mínimo um pianinho no fundo era ouvido em cada um" (MELLO,

2008, p.15). Tom Jobim e Newton Mendonça também eram parte dessa população de músicos que trabalhava nas madrugadas e buscava, tocando, uma "música diferente" (CABRAL, 1996). Utilizando velhos sambas (pois o repertório da nova música ainda era incipiente) com o ritmo diferente que estava surgindo, usando harmonias inusitadas (com o uso de tensões dissonantes, adicionando aos acordes notas como nonas, décimas primeiras aumentadas, décimas terceiras diminutas, etc.) muitas vezes assimiladas do jazz americano, ia nascendo a inovação. "Neste ponto, o que se nota é que estava surgindo uma forma diferenciada de se fazer música" (GOMES, 2010, p. 38).

Muitos músicos amadores e amantes da música em geral, tentavam se desvencilhar de uma "febre" que grassava sobre a classe média naqueles tempos: O acordeão. As classes abastadas da sociedade brasileira passam a substituir o ensino particular de piano aos seus filhos pelo do acordeão. O próprio João Donato, como já vimos, tocava acordeão, Edu Lobo e muitos outros daquela época estudaram o instrumento (CASTRO, 1990). Sobre esse aspecto é importante esclarecer: "Na década de 1950, a grande aceitação do baião de Luiz Gonzaga trouxe o acordeom para o foco do mercado da música brasileira, colocando o instrumento em alta,

favorecendo a indústria fonográfica, fabricantes e músicos que atuavam neste seguimento" (SANTOS b, 2012, p. 164) Nos jornais da época consultados em Recife é possível perceber muitos anúncios de venda de acordeões nas páginas dos classificados e quase nenhum outro instrumento à venda a não ser pianos. O músico Mário Mascarenhas e sua esposa, Conchita Mascarenhas, faziam inúmeras apresentações no Brasil tocando acordão com outras meninas acordeonistas. O *Diario de Pernambuco* de 26 e 27 de setembro de 1959 estampa algumas propagandas desses *shows*, realizados nos mais importantes clubes da cidade.

Uma nota no jornal em novembro de 1963 é bastante esclarecedora: Uma audição de alunos de acordeão (da Academia Mascarenhas do Recife), no Teatro Santa Isabel, reunia nada menos que 445 aprendizes.



—0*0—

Noite de Acordeão

Realizar-se-á, nos dias 9 e 10 do corrente, no Teatro Santa Isabel, uma "Noite de Acordeon", com alunas e alunos da Academia Mascarenhas do Recife. A audição será apresentada por 445 alunos daquela escola, sob a orientação da professora Aldacina de Morais, e tem início programado para as 20 horas.

—0*0—

Figura 3: Diario de Pernambuco, 03 de novembro de 1963, segundo caderno página 07.

O maestro Zé Gomes afirma[7]: "Muitas escolas de acordeão davam audições na televisão, no canal 2 e na

[7] Entrevista concedida pelo maestro, para essa pesquisa, em sua residência, no dia 19/11/2014.

própria rádio. Era uma febre realmente. A Jovem Guarda e a Bossa Nova acabaram com essa febre. Eu vendi logo o meu acordeão"[8]. Zé Gomes era acordeonista, pianista e arranjador na *TV Jornal do Commercio*. Foi regente de vários corais na cidade do Recife e como instrumentista acompanhou diversos artistas na América Central e Estados Unidos, incluindo Eliana Pittman (que chega a gravar músicas da Bossa Nova). É professor aposentado do Conservatório Pernambucano de Música. Com grupos de música instrumental (dentre eles o *SAMBOSSA TRIO*) Zé Gomes movimenta a cena musical recifense e ainda hoje é músico e professor atuante na capital pernambucana sendo referência para muitos músicos da cidade.

Talvez como uma reação a essa "febre" do acordeão, aliada a um fascínio que surge em torno das harmonias, começam a surgir no Rio de Janeiro as *academias* de violão. Segundo Menescal (THIAGO, 2005), em número considerável. Todos compartilhavam a descoberta de um acorde novo, criado ou ouvido em um disco. Carlos Lyra e Roberto Menescal (que estão entre os músicos-compositores principais e fundadores da Bossa Nova), além

[8] Para uma maior praticidade, omiti as referências repetitivas quando se trata de citação direta dos entrevistados. Toda vez que uma frase estiver entre aspas, sem a referência, trata-se de trecho retirado da entrevista concedida pelo interlocutor, citado anteriormente na frase ou parágrafo.

de Normando Santos (que deu aulas particulares a Nelson Motta), figuram entre os professores de violão dessas *academias*, e passam a transmitir seus conhecimentos para aqueles que desejam aprender as harmonias inusitadas daquele *movimento*. Ainda segundo Menescal, dentre seus alunos estão músicos que iriam influenciar não só a Bossa Nova como toda a música popular brasileira, (futuramente denominada de MPB). São alguns exemplos: Edu Lobo (ex-aluno de acordeão), Nara Leão e Marcos Valle.

Para alguns, é no sentido da harmonia que a Bossa Nova irá se destacar. A complexidade das harmonias nas composições da Bossa Nova é parte fundamental de sua identidade, acompanhada da sua batida de violão característica[9]. Tanto que muitas vezes a letra é preterida. Sobre a importância da harmonia na Bossa Nova, Chediak cita:

> A Bossa Nova foi o mais importante movimento da nossa música e teve fundamental função: acelerar o processo de

[9] A *batida diferente*, como é chamada por muitos, aparece pela primeira vez em abril de 1958, no disco da cantora Elisete Cardoso, em que João Gilberto executa o violão. Definida por Walter Garcia (1999) como a junção de samba e jazz e se tornando um ritmo original que muitos consideram o pilar da Bossa Nova.

> conscientização, principalmente na harmonia. Tanto músicos como professores tiveram que estudar mais, descobrir novos acordes e novos caminhos harmônicos. Já não era mais possível anotar os acordes, por exemplo, de *Samba de uma nota só* e *Desafinado* apenas com as tradicionais posições [...] A partir daí, a única maneira de notação seria através da cifra, hoje sistema predominante na música popular para qualquer instrumento (CHEDIAK, 1986, p. 03).

Walter Garcia, que inicia o primeiro capítulo do seu livro citando a apresentação de Antônio Carlos Jobim para o LP *Chega de Saudade* em 1959: "João Gilberto é um baiano 'bossa nova' de vinte e sete anos. Em pouquíssimo tempo influenciou toda uma geração de arranjadores, guitarristas, músicos e cantores [...]" e corrobora com ideia de "genialidade" em João Gilberto, também percebe que o cantor/instrumentista trouxe toda uma influência da música anterior (principalmente do Samba) aos anos 1950, da música que era executada em sua atualidade, e da atuação dos seus contemporâneos e parceiros musicais. Aponta como traço da genialidade de João o fato de ter construído essa "ponte", daquilo que existiu, e existia, com o que se passará a chamar de moderno [pós 1958] (GARCIA, 1999).

De fato, a evolução tecnológica já permitia que cantores anteriores a João Gilberto pudessem cantar sem possuir vozeirões, necessários numa época em que a captação das vozes e os microfones utilizados eram bem precários (CABRAL, 1996). O cantor Mário Reis é o melhor exemplo disto. A tecnologia da *high fidelity* (Hi-Fi) proporcionava também a execução de instrumentação mais sutil com a utilização de nuances e dinâmicas bem mais perceptíveis nas gravações (vide produção discográfica do *Trio Surdina*). Como citado anteriormente, a fusão de samba e jazz também era algo anterior a João Gilberto, salientando que em muitos momentos ele esteve rodeado de músicos (dentre eles: Tom Jobim, João Donato, Carlos Lyra, Baden Powell, Dick Farney, Lúcio Alves, Paulo Moura, Dolores Duran e Durval Ferreira) adeptos desta prática, tão em voga naquelas boates de Copacabana, para em várias oportunidades se reunirem e ouvir Johnny Alf e seu piano inusitado, isso desde 1952 quando Alf inicia sua carreira profissional tocando na *Cantina do César* passando depois, em 1954, para a boate do hotel *Plaza* (CASTRO, 1990). Como aponta Guerra-Peixe: "o gênio é o indivíduo nascido em lugar certo, na época certa" (GUERRA-PEIXE, 2007, p.237).

Portanto, ao que parece, a Bossa Nova é a síntese de

uma multiplicidade de situações e modificações que foram surgindo naquele espaço/tempo. Não foi fruto da genialidade de alguém, mesmo que um ou outro ator naquele processo tenha contribuído de forma mais emblemática. Na atualidade entende-se que a Bossa Nova, assim como qualquer manifestação musical, se enquadra em uma linha construída sobre perspectivas mais descentralizadas e relacionais da conformação dos gêneros musicais (MENEZES BASTOS, 1997). Os pesquisadores de hoje da música popular, de forma geral, tendem a alinhar-se ao pensamento de Richard Middleton de que a música popular (ou qualquer outra) pode ser adequadamente descrita apenas no contexto do campo musical total (*whole musical field*), evitando-se uma visão determinista, unidirecional e essencializadora dos gêneros musicais (MIDDLETON, 1990 apud COELHO, 2013).

Em depoimento ao musicólogo Zuza Homem de Mello, Nara Leão define esse amálgama;

> [...] penso que a partir de 1957 criou-se um espírito de receptividade para as coisas brasileiras [...] não era mais de bom gosto só gostar de música estrangeira. Pessoas de mais cultura começaram a fazer samba. **Não houve uma criação totalmente nova, houve uma evolução do que já vinha sendo feito há mais tempo, mas que não tinha chegado ao conhecimento do povo [...]** {grifos meus} (MELLO, 2008, p.75).

1.2 A EXPANSÃO

Dentre os vários movimentos da música popular brasileira, a Bossa Nova se destacou, e se destaca, por sua abrangência internacional. Assim como outros gêneros como a Modinha e o Lundu, que também alcançaram um contexto transnacional (MENEZES BASTOS, 1997), a Bossa Nova abriu veios para uma nova estética e inicia uma linha evolutiva no discurso literomusical brasileiro, como afirma Caetano Veloso (COSTA; MENDES, 2014). Em 2008 comemoramos o cinquentenário do movimento e algumas de suas músicas estão ainda entre as mais executadas ao redor do mundo (O GLOBO, 2012).

Mas a Bossa Nova, do ponto de vista histórico/cronológico (ou como *movimento*, como alguns preferem chamar, mesmo sem a Bossa Nova possuir um manifesto) durou bem pouco. José Estevam Gava considera o período clássico da Bossa Nova entre os anos 1958-1962 (GAVA, 2006). A instalação do regime militar em 1964, a chegada da Tropicália e a era dos festivais na década de 1960 iriam sacramentar o surgimento da MPB e a desaprovação da estética bossanovista no Brasil, embora ela fosse: "[...] consagrada por nomes de relevância indiscutível no cenário

internacional" (POLETTO, 2013, p. 91). O mesmo autor esclarece, referindo-se ao III Festival Internacional da Canção, promovido pela TV Globo em 1968 (no qual a canção *Sabiá*, de Tom Jobim e Chico Buarque, foi vaiada por um público de aproximadamente 20 mil pessoas após receber o resultado como vitoriosa do Festival) que a "canção de protesto", ali representada pela segunda colocada, *Pra Não Dizer que Não Falei das Flores*, composta e defendida por Geraldo Vandré, já era preferência para a maioria da audiência, pelo menos daquela plateia do festival: "O clima hostil a Jobim e à bossa nova em geral já vinha se amalgamando nas páginas da imprensa e no público mais afeito à canção engajada, que de fato parece ter sido maioria na plateia do III FIC" (Idem: p. 92 e 93).

No entanto, as músicas do movimento continuam sendo executadas, por músicos profissionais e estudantes da música, em várias formações instrumentais ou vocais, até os dias de hoje, numa clara demonstração de que a Bossa Nova não foi algo que ficou restrito àquele recorte temporal dos anos 1950 e 1960 nem que a sua estética tenha sido descartada. Aquele momento sócio/político do país (pós 1964) trouxe transformações na postura da população e consequentemente na de artistas e compositores. A música engajada era uma

forma de protesto contra a repressão da ditadura militar e naquele momento as letras das canções da Bossa Nova pareciam "alienadas" em relação aos problemas enfrentados pelo povo.

Embora muitos entendam que a Bossa Nova abriu novas vertentes para a música popular brasileira, ou mesmo trouxe mudanças inovadoras no contexto estético/musical, alguns autores como Távola (1999) e Tinhorão (1978) entendem que a Bossa Nova não revolucionou em nada, apenas modernizou aspectos do jazz e do movimento impressionista (através das influências de Claude Debussy e Maurice Ravel na harmonização de algumas composições de Jobim), juntando um ritmo que fica entre o samba e o próprio jazz[10], de onde João Gilberto teria colhido os elementos para criar a sua característica batida de violão. Muitas vezes essa crítica daqueles que subestimam a importância da Bossa Nova no cenário musical nacional e estrangeiro alcança patamares contundentes: "Na verdade, os fundadores do movimento denominado Bossa Nova haviam chegado à música popular através do jazz, ou, como foi o caso de Antônio Carlos

[10] Nesse caso estamos nos referindo ao ritmo do jazz e mais propriamente às suas variações e à liberdade de exercê-las nesse estilo. Entendemos aqui que são essas variações que caracterizam o próprio jazz, mesmo quando uma análise dessas variações se torne tarefa dificílima (HOBSBAWM, 2012).

Jobim, pela frustração das ambições no campo da música erudita.” (TINHORÃO, 1978, p.223).

Já Artur da Távola, comenta:

> A bossa nova possui influências do jazz branco na harmonia impressionista, contudo, a concepção rítmica é peculiar ao Brasil, baseia-se no samba-canção com a síncope alterada. Tal tensão interna transforma-se em objeto de eterna polêmica e discussão. Conforme a ótica de quem analisa. Quarenta anos após sua eclosão, a polêmica lhe não retira qualidade, legitimidade e aceitação universal como produto brasileiro, talvez até mais de exportação que de consumo interno (TÁVOLA, 1999, p.07 - 08).

“Talvez até mais de exportação que de consumo interno”, essa última frase revela o caráter da propagação internacional da Bossa Nova. Após o famoso *show* no Carnegie Hall nos Estados Unidos[11], com as passagens e hospedagens pagas aos artistas pelo Itamaraty, numa clara demonstração de apoio oficial do governo brasileiro (DUNN,

[11] Após a Bossa Nova conquistar um sucesso considerável nos Estados Unidos, o Itamarati envia mais de vinte artistas para uma apresentação no Carnegie Hall, em Nova Iorque, em 22 de Novembro de 1962. Com lotação esgotada, embora existam vários depoimentos que afirmem que a apresentação foi muito desorganizada (recebendo veementes críticas positivas e negativas), o fato é que aquela apresentação marcou a introdução da Bossa Nova no cenário musical internacional de forma definitiva (CASTRO, 1990; MELLO, 2008).

2009), a internacionalização da Bossa Nova transformou-se em um fato (CASTRO, 1990). Tal apresentação contou com a participação do pernambucano Normando Santos (que já havia participado de várias apresentações emblemáticas no surgimento da Bossa). Sobre o *show* no Carnegie Hall e seus desdobramentos Rafael Menezes Bastos esclarece:

> Na esteira do evento, a bossa nova desenvolveu uma prestigiosa presença internacional. Muitos de seus músicos viajavam regularmente aos Estados Unidos (alguns mudaram-se para lá), Europa e Japão. A bossa e a música brasileira em geral começaram a substituir a música cubana como paradigma do chamado *Latin jazz*, ainda que reconhecida especificamente como brasileira (BASTOS, 2014, p.22).

Normando Santos nasceu em Recife em outubro de 1932. É violonista, cantor e compositor. Chegou a cantar na *Rádio Jornal do Commercio*, no Recife, mas ainda na adolescência se muda para o Rio de Janeiro onde se torna colega de turma de Roberto Menescal no colégio Mallet Soares. Faz parte de um grupo com Menescal e Luís Carlos Vinhas que se apresentava em um clube da zona sul do Rio. A partir daí conhece várias pessoas ligadas ao surgimento da Bossa Nova chegando a compor com Vinícius, Menescal e Bôscoli. Participou de quase todas as apresentações no início

do surgimento da Bossa e aparece em várias fotografias da época ao lado de Nara Leão, Carlos Lyra e tantos outros. Participou de vários programas de televisão da época e foi considerado pelo *Jornal do Brasil* em 1960 como o "Sinatra da bossa nova". Em janeiro de 1961 a revista *O Cruzeiro* publica reportagem dedicada ao cantor e compositor com o título "Bossa Nova não tem frente", definindo o perfil de Normando. Em 1964 viaja para Paris para substituir Baden Powell num restaurante brasileiro fixado naquela capital. Até hoje mora na capital francesa onde divulga suas músicas (TELES, 2008; CASTRO, 1990; GAVA, 2006; MELLO, 2008; ALBIN, 2014).

Embora tenha alcançado todo o Brasil, de fato, a Bossa Nova alcançou os mercados internacionais de forma muitas vezes desconhecida por nós brasileiros. Em documentário intitulado: *Bossa Nova Sol Nascente*, reproduzido pelo canal de televisão fechada CURTA, vários músicos e produtores japoneses atestam a eclosão da Bossa Nova entre os mesmos. Shows de cantoras como Joyce em casas de espetáculos lotadas, com o público cantando as letras das músicas em português, além de discos de Bossa Nova com cantores, instrumentistas e compositores brasileiros, que só foram lançados em selos no Japão e só são vendidos por lá, são

apenas alguns exemplos desse fenômeno (BRAGA, 2008). Christopher Dunn afirma que: "É possível até mesmo argumentar que a bossa-nova (sic) foi o primeiro movimento musical a produzir a cultura brasileira 'de exportação' que Oswald de Andrade havia imaginado" (DUNN, 2009, p. 46 e 47). Ainda segundo Dunn, a imagem do Brasil atrelada à Bossa Nova no exterior era algo com um impacto mais positivo e menos estereotipado que aquele deixado por Carmem Miranda nos anos Vargas.

A canção *Garota de Ipanema* (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) é emblemática acerca desse aspecto de internacionalização da Bossa Nova. Pery Ribeiro e o *Tamba Trio* foram os primeiros a gravá-la no Brasil, em janeiro de 1963, por gravadoras diferentes (Odeon e Philips), e Claudette Soares também a gravou pelo selo *Mocambo* da gravadora recifense Rozenblit. O próprio Tom Jobim a lançou em seu primeiro disco feito nos Estados Unidos em maio de 1963 (CASTRO, 1990).

> A partir daí, apenas nos primeiros dois anos (mas que foram os dois primeiros anos da beatlemania), "Garota de Ipanema" teve mais de quarenta gravações no Brasil e nos Estados Unidos, algumas das quais por Nat "King" Cole, Peggy Lee e Sarah Vaughan (CASTRO, 1990, p.317).

Mesmo reconhecendo, como já foi assinalado, que a identidade da Bossa esteja intrinsicamente ligada ao Rio de Janeiro zona sul, os ecos daquela música atingem o Brasil de forma intensa. Caetano Veloso em depoimento diz: "Não sei por que as pessoas acham que a Bossa Nova tenha sido um fenômeno que ficou em Ipanema [...] eu acho um equívoco lastimável as pessoas dizerem que a Bossa Nova foi um acontecimento restrito a pequenas áreas [...]" (MELLO, 2008, p.40 e 137). De fato, não foi apenas a música Bossa Nova que alcançou ares nacionais. A expressão "bossa nova" era utilizada para expressar quase tudo que se relacionasse a moderno, novo, jovem, ou interessante. "Tudo virou Bossa Nova, do presidente à geladeira, do sapato à enceradeira, a expressão ficou muito maior do que a música que a originara" (MOTTA, 2000, p. 35). José Estevam Gava, na introdução do seu livro: *MOMENTO BOSSA NOVA*, explica:

> Pelo que se pôde constatar, o termo bossa nova (ou simplesmente BN) teve diversas utilizações, infiltrando-se em muitos campos, definindo e adjetivando um variado leque de situações, coisas e personagens. Por isso, o fenômeno chega a ser referido como verdadeira invasão bossanovista que assolou o país no final dos anos 1950 e primeira metade dos 1960. Pela sua força sugestiva, relacionada à inovação e movimento, encontrou ampla e rápida difusão, fazendo parte do imaginário de uma época (GAVA, 2006, p.15).

Nos jornais do Recife (à época) podemos encontrar inúmeros exemplos dessa manifestação.

ALIZARAM PRIMEIRO
, ONTEM DE MANHÃ
SUSPENSOS OS ANIMAIS DE AMANDIO FERNANDES
Náutico: Bossa Nova Em 1960
IOLANDA FUTEBOL CLUBE
SANTA CLARA x CRUZEIRINHO

Figura 4: Diario de Pernambuco 06/01/1960. Alude à campanha do Náutico (um dos três times de futebol com maior torcida em Pernambuco) no ano que se iniciava.

Figura 5: Diario de Pernambuco 01/05/1960. Propaganda de máquina de lavar.

DIARIO DE PERNAMBUCO—SEXTA- FEIRA, 10 DE JUNHO DE 1960

Prêmios para os melhores caipiras e brinde-surprêsa no «São João em Bossa Nova», do Caxangá Golf Club

* **Diretor social já traçou programa para julho, no Engenho Poeta**
* **Agapeanos homenagearam Waldemar Lopez Martinez**
* **América festejará o "Dia dos Namorados"**
* **Nautico oferece, hoje, festa ao rubro-negro**

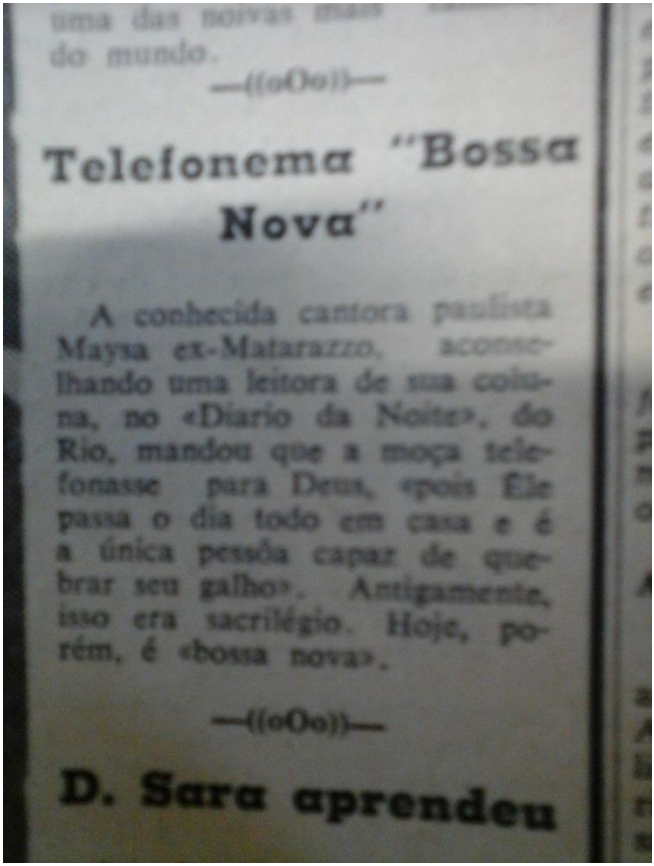
Orquestras

Dentro em breve, deverá exibir-se, no Internacional, a orquestra de Sylvio Mazzuca. Na festa de São João, tocará a famosa bandinha de Altamiro Carrilho.

Volta de Procópio

Depois de dez dias em Natal, onde se exibiu no Teatro Alberto Maranhão a convite do governador potiguar e do prefeito daquela capital, volta, hoje, ao Recife, o ator Procópio Ferreira para iniciar uma nova temporada no Teatro Marrocos. A peça de estréia será «Um Beijo na Face», original de Tristan Bernard, em três atos, e tradução de Luiz Palmeirim. A função terá início às 20 e 30.

Figura 6: Diario de Pernambuco 10/06/1960. Uma manchete no mínimo paradoxal relacionando a festa de São João (caracterizada pelos trajes típicos nordestinos) com a Bossa Nova.



uma das noivas mais
do mundo.

—((oOo))—

Telefonema "Bossa Nova"

A conhecida cantora paulista Maysa ex-Matarazzo, aconselhando uma leitora de sua coluna, no «Diario da Noite», do Rio, mandou que a moça telefonasse para Deus, «pois Êle passa o dia todo em casa e é a única pessôa capaz de quebrar seu galho». Antigamente, isso era sacrilégio. Hoje, porém, é «bossa nova».

—((oOo))—

D. Sara aprendeu

Figura 7: Diario de Pernambuco 20/08/1960.

Figura 8: Diario de Pernambuco 04/09/1960. Cartaz de cinema publicado na seção de filmes do jornal.

Figura 9: Diario de Pernambuco 07/10/1960. Um dos muitos cartazes de *strip tease* da época. Utiliza a expressão *Bossa Nova* como atrativo para o *show*.

Tom Jobim desabafa sobre esse uso exacerbado do termo e da leva de "aproveitadores" que queriam lucrar com a nova "onda":

> A Bossa Nova da forma como foi usada, teve um esvaziamento. Não sei se o termo é esvaziamento, eu sei que tudo começou ser Bossa Nova. Deputado bossa nova, geladeira bossa nova, sapato bossa nova [...] entrou o lado do consumo e naturalmente todo mundo

> começou a compor Bossa Nova [...] esse fenômeno ocorreu não só aqui, mas sobretudo na Europa e nos Estados Unidos com aquelas imitações crassas, com LPs que tinham na capa a palavra Bossa Nova mas que não tinham nada que ver com a Bossa Nova (MELLO, 2008, p.155).

Mesmo sofrendo duros ataques dos intelectuais na época, numa disputa ideológica que atrelava a Bossa Nova ao industrialismo americano e sua alienação em relação ao que seria "autenticamente brasileiro" (como o Samba "do morro"), aquela música atingiu patamares inusitados de uma exportação da nossa cultura. E óbvio que ela também arregimentou defensores ferrenhos nos meios intelectuais[12]. E esse apoio governamental, já citado aqui, inicia com o "presidente Bossa Nova", Juscelino Kubitschek e continua com seus sucessores Jânio Quadros e João Goulart (AGUIAR, 1993; DUNN, 2009).

Um exemplo desse apoio à Bossa Nova pode ser encontrado no *Diario de Pernambuco* de outubro de 1961. Durante essa pesquisa, que tem como marco inicial janeiro de 1959, não encontramos nenhuma menção à Bossa Nova na primeira capa de nenhum dos dois jornais consultados (o

[12] Para uma maior compreensão do impacto da Bossa Nova nos meios intelectuais na cultura brasileira vide: *Balanço da Bossa e Outras Bossas* – Augusto de Campos, 1974.

outro pesquisado é o *Jornal do Commercio*). Quase que não há menção a qualquer tipo de música na primeira capa de tais jornais. Quando acontecia era sempre fato muito raro, e quase sempre com informações sobre o encontro de algum político importante com uma celebridade musical em voga à época. Na data citada aparece a seguinte manchete:

> MÚSICA BOSSA NOVA AGORA UNE POLÍTICOS
>
> [...] A rua Carvalho Mendonça sempre foi conhecida como local de maior concentração de bares e <inferninhos> do Rio de Janeiro. Agora um desses bares está sendo ponto de encontro de políticos e ministros de Estado [...] os parlamentares e membros de gabinete discutem fórmulas e acordos, debatem pontos de vista agora num barzinho chamado <Manhattan Club> [...] a atração que tornou o <Manhattan Club > famoso veio do subúrbio carioca e se chama Leny Andrade, uma cantora diferente [...] que canta música brasileira de forma nova e muita categoria, bem apoiada por um trio de músicos modernos, pertencentes à geração de novos musicistas brasileiros (DIARIO DE PERNAMBUCO, 25 de Outubro de 1961).

O que se constata lendo a coluna social e os anúncios do mesmo jornal no mesmo dia dessa manchete e nos subsequentes, é que Leny Andrade e o trio de jazz que a acompanhava estariam se apresentando em alguns dos

maiores e importantes clubes do Recife, e principalmente na televisão, no canal 6, de propriedade da mesma empresa do jornal escrito.

Música Bossa Nova
Une Agora Políticos

RIO, 24 (Meridional) — Em meio à apreensão causada pela greve dos bancarios e pelas notícias sôbre a instabilidade da situação no país, há um acontecimento na vida noturna carioca que é o comentario de todos os circulos.

A rua Carvalho Mendonça sempre foi conhecida como o local de maior concentração de bares e «inferninhos» do Rio de Janeiro. Agora um dêsses bares está sendo ponto de encontro de politicos e ministros de Estado. Em seus dias na Guanabara, os parlamentares e membros do gabinete discutem formulas e acôrdos, debatem pontos de vista agora num barzinho chamado «Manhattan Club», onde a sociedade faz filas disputando mesas e até simples banquinhos para cocolar nos cantinhos da sala, repleta tôdas as noites.

A atração que tornou o «Manhattan Club» famoso, veio do suburbio carioca e se chama Leny Andrade, uma cantora diferente. Sem esgares ou atitudes estudadas, mas demonstrando personalidade e ritmo impressionantes, a jovem cantora carioca se tornou, em pouco tempo, o assunto de tôda a cidade e transformou o pequeno clube da rua Carvalho Mendonça num centro das atenções dos altos circulos. E' comum ver-se destacadas personalidades cumprimentando Leny Andrade, que canta musica brasileira de forma nova e muita categoria, bem apoiada por um trio de musicos modernos, pertencentes à nova geração de musicistas brasileiros.

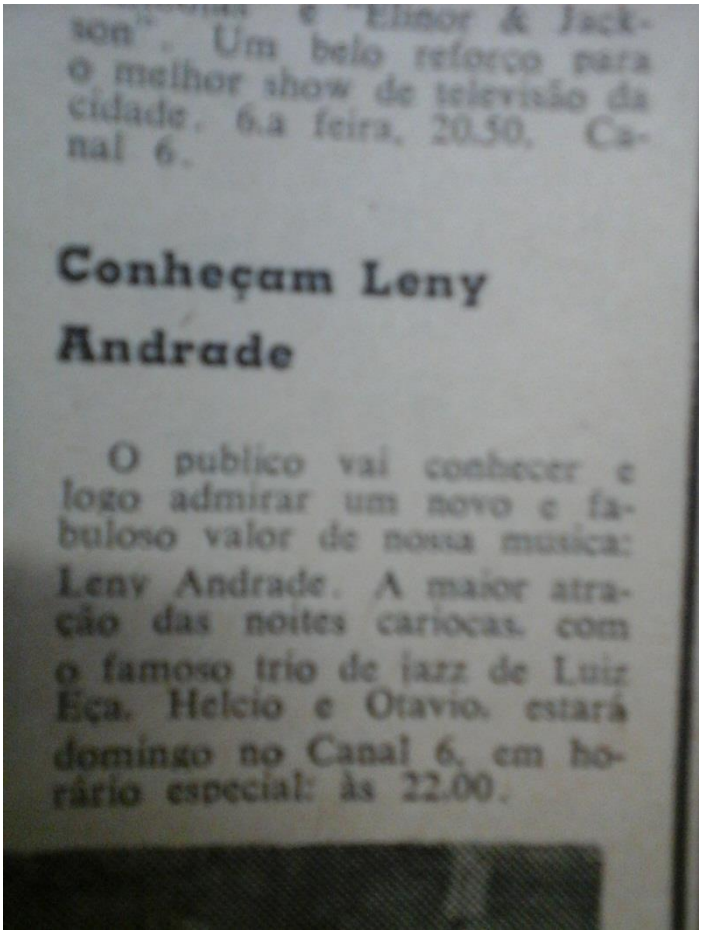
Tornou-se o «Manhattan Club», onde é dificil encontrar lugar, no centro da politica e também na Méca da nova geração musical brasileira. Lá não se dança, porque nem há espaço para isso: apenas ouve-se boa musica popular, entre drinks. Um fato novo na noite carioca, assinalando o aparecimento de uma nova fase na vida do Rio.

assa De
Fortaleza
onel, 7 majores, 30 capi-

Ja-
efe-

somente reataria após a transferencia de Tito Canto, o que

Figura 10: Diario de Pernambuco 25/10/1961. Primeira página do jornal, algo muito inusitado na época em se tratando de música.



son". Um belo reforço para o melhor show de televisão da cidade. 6.a feira, 20.30. Canal 6.

Conheçam Leny Andrade

O publico vai conhecer e logo admirar um novo e fabuloso valor de nossa musica: Leny Andrade. A maior atração das noites cariocas, com o famoso trio de jazz de Luiz Eça, Helcio e Otavio, estará domingo no Canal 6, em horário especial: às 22.00.

Figura 11: Diario de Pernambuco 25/10/1961.

DIARIO DE PERNAMBUCO—QUINTA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 1961

«Jam session», Leny Andrade e sucesso: «Serenata ao Pôr do Sol», no Iate Clube

* Cantora foi, com o seu talento, do "inferninho" à glória artística
* "Manhattan" multiplicou faturamento
* Cônsul Rouette recebe, hoje, para "cocktail"
* Não é mais preciso visto para brasileiro entrar na Inglaterra

Golf Clube, intitulado «Caxangá Pegando Fogo». Duas orquestras e uma escola de samba animarão as danças.

América

A festa carnavalesca do América, do dia quatro, estará presente o Bloco «Pitombeiras dos Quatro Cantos», tradicional agremiação de Olinda.

O maestro Nelson Ferreira será homenageado.

Atlântico

Figura 12: Diario de Pernambuco 26/10/1961.

Trio acompanha

Desde a sua estréia, Leny é acompanhada por três músicos, também da nova geração artística brasileira. O pianista é Luis Eça, garotão diplomado em harmonia e composição pelo Conservatório Nacional de Música e inteiramente entregue à melodia popular. Com Luis Eça, estão Otávio, ao contra-baixo, e Hélcio, na bateria, ambos tendo cumprido curso superior de música.

O trio pertence ao grupo dos expoentes de «jazz» e da «bossa nova» no Brasil, como Ronaldo Bôscoli, por exemplo, e foi premiado no grande certame internacional de «jazz» ocorrido no Teatro Municipal.

No Iate e na TV

Figura 13: Diario de Pernambuco 26/10/1961.

Figura 14: Diario de Pernambuco 26/10/1961.

O "trio de músicos modernos", citado pelo *Diario*, era composto por músicos atuantes na Bossa Nova, incluindo o Luizinho Eça do *Tamba Trio*.

O *Diario de Pernambuco*, o mais antigo jornal (em circulação) da América latina, a partir de 1931 passa a fazer parte de um conglomerado de empresas denominado

DIÁRIOS ASSOCIADOS (que em seu auge chegou a possuir mais de cem jornais e emissoras de rádio e TV em todo o Brasil), liderado pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand[13]. Não obstante todas as polêmicas em torno de sua figura era defensor de investimentos estrangeiros no país e aliado político de Juscelino, sendo inclusive articulador de sua campanha à presidência da República em 1955 (LUFT, 2011). Segundo José Estevam Gava: "para Assis Chateaubriand, contudo, o mais importante era reunir capital e dirigi-lo à aquisição de mais jornais, por intermédio dos quais podia intensificar sua rede de influência e poder" (GAVA, 2006, p. 33).

Elis Regina também expõe sua opinião sobre esse "apoio" que a Bossa Nova adquiriu desde o seu surgimento. Em sua opinião sem essa articulação com os meios de imprensa a Bossa Nova não teria ido tão longe:

> Os camaradas que fizeram isso tinham a imprensa mais conceituada na mão, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* pra começar. *O Cruzeiro* daquela época, *Manchete*, *Fatos e Fotos*, sem falar nas outras. Tendo esses homens, os meios de divulgação do Rio, nada mais admissível que essas coisas se tornassem

[13] Conforme informações obtidas no endereço eletrônico do *Diários Associados*: http://www.old.pernambuco.com/diario/historia.shtml. Acesso em 20/05/2014.

> conhecidas no Brasil inteiro e que o Rio passasse a ser considerado a terra da Bossa Nova. Mas podia ter nascido na Bahia também [...] e há a coincidência maior de haver um dos letristas e participante do movimento que era jornalista de uma revista e um jornal conceituadíssimos e de ele ter forçado a barra: a revista *Manchete*, o jornal *Última Hora* e o jornalista Ronaldo Boscoli. O negócio só foi para os jornais porque o Ronaldo era jornalista (MELLO, 2008, p. 133).

Esse conjunto de fatores contribuiu para a divulgação maciça da Bossa Nova. Mas o fato é que fosse uma cópia de outro movimento ou apenas influência dos meios de comunicação (ou nenhuma dessas duas coisas), a Bossa Nova alcançou gerações diferentes e ainda hoje se insere no repertório de grupos vocais e instrumentais por todo o mundo, numa demonstração clara da solidificação de sua estética. Algumas composições da Bossa Nova, como *Garota de Ipanema* e *Wave*, configuram entre as mais executadas em todo o mundo, até hoje.

2. O RECIFE

2.1 RECIFE: História e Revoluções

A origem do nome Recife vem dos *arrecifes* ou *recifes*, muralhas naturais de rochedos (arenito) que se estendem por toda sua costa. Tais formações são bastante visíveis nas praias do bairro de Boa Viagem, um dos principais pontos turísticos da cidade. Olhando da praia elas parecem muros construídos pelo homem para contenção do mar, mas são mesmo obras da natureza. Tal formação levou Charles Darwin a publicar, em revista científica de Londres, em 1841, o artigo *O recife de grés do porto de Pernambuco*, resultado das observações que o cientista fez quando esteve na cidade em Agosto de 1836 (DONATO, 1986).

O recifense acha estranho e engraçado quando alguém se refere à cidade sem precedê-la do artigo masculino. Gilberto Freyre e outros autores já fizeram menção a isso como José Antônio Golsalves Mello em seu livro *O Recife e os arrecifes* (Apud REZENDE, 2002). Portanto, o recifense mora **no** Recife e não **em** Recife, ele é **do** recife e não **de** Recife. Ele sai **do** Recife e depois volta **ao** Recife (FREYRE, 1967, ALCIDES, 1998).

"O nome do Recife aparece pela primeira vez na CARTA FORAL, conferida à câmara de Olinda em 12 de março de 1537, pelo donatário da capitania de Pernambuco Duarte Coelho" (DONATO, 1986, p.10). Como Olinda (a uma légua de distância), capital da capitania de Pernambuco, não possuía porto de mar, era no porto do Recife que se desembarcava tudo que chegava da Europa e também os escravos das costas africanas. Toda exportação de cana de açúcar e pau-brasil também era feita por lá, transformando o porto do Recife no mais frequentado do Brasil e mais importante das Américas no século XVI (LINS e SILVA, 1984; DONATO, 1986). Formou-se então a freguesia de São Pedro Gonçalves, que era chamada de "Corpo Santo" e fez parte do território de Olinda até 1709 (BERNARDES, 1987).

Embora a História e a Antropologia atuais demonstrem claramente que os portugueses não foram os primeiros a ocupar o que viria a ser chamado Brasil, eles foram os que primeiro iniciaram o processo de exploração comercial sistemática das riquezas naturais e suas primeiras expectativas eram de descobrir e explorar minas de metais preciosos. Porém, o que garantiria o sucesso da exploração no processo de colonização seria a cana de açúcar e a capitania de Pernambuco era, de longe, o lugar mais propício

e fecundo para sua produção. Alguns interpretam que a história do Recife só se inicia com a ocupação holandesa. Depois de tentativas de invasão por franceses e ingleses, os holandeses desembarcam na praia de Pau Amarelo (hoje município do Paulista, região metropolitana do Recife) em 16 de fevereiro de 1630 com 7 mil homens em 67 navios. Olinda foi destruída em 1631 e Recife se torna o centro de referência para as manobras comerciais e militares dos holandeses, onde se instalam por 24 anos (REZENDE, 2002). De fato, nesse início do século XVII, em pouco menos de uma década, o Recife adquiriu suas primeiras características de cidade, com algumas obras de engenharia (aterros de mangues e drenagens de alagados), arquitetura e urbanização, utilizando técnicas importadas da Holanda. Recife ficou conhecido como sede do Brasil Holandês (MAGDALENA ALMEIDA in REZENDE, 2002).

Em 1637 o conde de origem alemã Maurício de Nassau (*1604 - +1679) assume o governo da região por ordem da Companhia das Índias Ocidentais. Maurício de Nassau inicia a construção da Mauritsstad ou Cidade Maurícia (até hoje o Recife é denominado por muitos como “Cidade Maurícia” ou “Mauricéia”), trazendo com ele dois pintores (Franz Post e Albert Eckout) e cientistas variados

(MELLO, 1987). Nassau possuía fama de conciliador. Embora os holandeses fossem em sua maioria protestantes, católicos e judeus puderam exercer seus cultos livremente e a comunidade judaica do Recife tornou-se uma das mais importantes da América (REZENDE, 2002). A cidade foi traçada por aspectos urbanísticos definidos, como ruas regulares, saneamento e construção de pontes e diques. Foi construído o primeiro observatório astronômico existente na cidade e os teatros apresentavam peças dos mais variados gêneros (MELLO, 1987).

Depois da demissão de Nassau pela Companhia em 1643, seus substitutos não foram benevolentes com os devedores da região e nem tampouco deram continuidade à tolerância religiosa implantada pelo conde. O resultado foi um movimento denominado *Insurreição Pernambucana*. Os holandeses foram vencidos em duas batalhas no Monte dos Guararapes, em 1648 e 1649, mas ficaram sitiados no Recife durante cinco anos. Em 26 de janeiro de 1654 assinaram a rendição.

O espaço deixado pelos holandeses foi preenchido por comerciantes vindos de Portugal que logo se estabeleceram no Recife com o fim da União Ibérica desligando Portugal da Espanha. A população do Recife

passa de 16 mil pessoas em 1711 para 25 mil em 1745. Com a queda vertiginosa do preço do açúcar a vida dos senhores de engenho estabelecidos em Olinda ficava cada vez mais complicada. A prosperidade dos comerciantes lusos em Recife gerava insatisfações na aristocracia olindense que denominava os comerciantes recifenses de "mascates", enquanto esses chamavam os nobres do açúcar de "pés-rapados" (SILVA, 1995).

Porém, os recifenses não possuíam autonomia por serem dependentes das decisões políticas dos olindenses. Recife ainda era um território de Olinda. O controle das tropas militares e dos órgãos judiciários continuava nas mãos dos senhores de engenho. Mas o Governo de Portugal incentivava a luta pela independência e elevou o Recife, em 1710, à categoria de vila independente. Iniciava-se assim a *Guerra dos Mascates*, que em sua primeira batalha foi vencida pelos olindenses, com a ideia, sugerida por Bernardo Vieira de Melo, de libertar Pernambuco do jugo da coroa portuguesa (REZENDE, 2002). Os olindenses comemoram o dia 10 de novembro (nos dias atuais) como o Primeiro Grito de República do Brasil, proclamado por Vieira de Melo, com um feriado municipal. Mas os recifenses venceram a guerra e a coroa puniu com prisão e envio de muitos revoltosos para

Lisboa. Olinda decaía enquanto o Recife se expandia.

No fim do século XVIII a população do Recife já passava dos 25 mil habitantes enquanto Olinda, ainda se reconstruindo, possuía apenas 4 mil. As ideias liberais vindas da Europa rapidamente se espalharam com a instalação do Seminário de Olinda e das lojas maçônicas de sociedade secreta, muito frequentadas pela elite colonial. O resultado desse anseio pela busca de autonomia e libertação do jugo pesado que a coroa portuguesa impunha foi a *Revolução Pernambucana de 1817* iniciada em 06 de março, que foi capitulada pelo governo em 19 de maio com punição violenta aos rebeldes (REZENDE, 2002).

O Brasil se torna independente de Portugal em 1822, mas a insatisfação continua. O imperador Dom Pedro I dissolve a Assembleia Constituinte em 1824 centralizando o poder. Eclode em Pernambuco a *Confederação do Equador*, proclamada em 02 de julho de 1824. A constituição da Colômbia foi escolhida como parâmetro por ser de natureza republicana. O Imperador enviou tropas que incluíam mercenários e o conflito se estendeu até novembro. Com a rendição dos rebeldes, Dom Pedro I condenou à morte os principais líderes. Dentre eles Frei Caneca, que foi fuzilado por não haver nenhuma pessoa disposta a fazer o papel de

carrasco. Pernambuco mantinha seu perene estado de resistência ao poder centralizador (LIMA SOBRINHO, 1985).

O Recife torna-se cidade em 1823 e capital de Pernambuco em 1827. A insatisfação com o poder central continuava. Formou-se o Partido Nacional de Pernambuco que era conhecido como Partido da Praia, pois a sede do seu jornal com ideias liberais ficava na Rua da Praia. Num cenário de fome, desemprego e carestia os comerciantes portugueses e os conservadores eram novamente responsabilizados pela população pobre. A revolta denominada *Revolução Praieira* começa em 07 de novembro de 1848 e se expande por toda a província. Foi sufocada pelo império em 1850 quando terminaram os últimos focos de resistência no interior (REZENDE, 1995).

2.2 O RECIFE NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Nas duas primeiras décadas do século XX o Recife, seguindo a mesma tendência de muitas outras cidades importantes, vivenciou a modernização de forma

contundente. Medidas referentes à coleta de lixo e outras no plano de estrutura urbana como as implantadas pelo engenheiro Saturnino de Brito foram bem marcantes. Em 1920 a população do Recife era de aproximadamente 239 mil pessoas. Preocupações e ações de reforma nos serviços de higiene e saúde, além de um tratamento diferenciado aos doentes mentais, bem como ampliação dos serviços de luz elétrica e abertura de ruas e avenidas, faziam parte de uma mobilização destacada do poder público (REZENDE, 2002). Embora muitas vezes essas reformas não fossem benéficas pra toda a população, trazendo transtornos e desalojando muitos, como aconteceu no Rio de Janeiro.

A Semana de Arte Moderna em São Paulo, em 1922, teve reflexos que provocaram alguns intelectuais da cidade como Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa, assim como artistas das mais diversas áreas, inclusive no cinema. Antônio Paulo Rezende esclarece que o cinema recifense era bastante representativo no cenário nacional na década de 1920:

> A década de 20 foi também cenário do ciclo de cinema no Recife, com destaque na produção cinematográfica brasileira. O Recife era conhecido como a Hollywood brasileira. Muitos filmes foram produzidos e alguns tornaram-se clássicos como *A filha do advogado*, *Aitaré da praia*, entre outros. O ciclo do Recife chegou a produzir 13 filmes em

> oito anos, no período de 1923 – 31 [...]. O Recife convivia também com salas cinematográficas que exibiam com destaque as produções estrangeiras (REZENDE, 2002, p. 98).

O teatro de Santa Isabel, inaugurado em 1850 (SILVA, 2011), portanto ainda no Brasil Império e ainda em total atividade nos dias atuais (o seu nome é uma homenagem à Princesa Isabel e uma dedicação à santa), foi palco de apresentações internacionais e de renome à época: "Entre as décadas de 1920 e 1960, o palco do Santa Isabel recebeu os mais importantes nomes da música erudita no mundo" (BARRETO/GASPARINI, 2010, p. 51). Os mesmos autores afirmam que aconteceram centenas de concertos, que eram financiados pela Sociedade de Cultura Musical (que chegou a ter mais de 1500 sócios, em sua grande maioria membros da elite recifense). Por ocasião das consultas nos jornais para essa pesquisa foram encontrados diversos anúncios de concertos internacionais, promovidos pela Sociedade de Cultura Musical, no palco do referido teatro.

O início do século XX também é o palco do surgimento das transmissões radiofônicas no Brasil e o Recife é pioneiro nessa jornada. Embora alguns autores como Magno Siqueira (2012), baseado entre outros autores como

Roberto Murce (1976), afirmem ser a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 20 de Abril de 1923, a primeira estação radiofônica do Brasil, para Renato Phaelante (1994) essa afirmação deriva da insistência na história "oficial" em ignorar os acontecimentos históricos produzidos no nordeste. De acordo com ele, e outros autores, a Rádio Clube de Pernambuco é inaugurada em 06 de Abril de 1919, no salão nobre do *Diario de Pernambuco*. Evento noticiado pelo *Jornal do Recife* no dia seguinte (FILHO, 1991; PHAELANTE, 1994).

No começo dos anos 1930 Recife possuía o porto mais bem equipado do Brasil, uma indústria crescente, vários cafés e restaurantes, cinemas e tetros luxuosos. Mas também possuía uma paisagem contrastante com comunidades ribeirinhas habitando algo muito semelhante às favelas atuais, os chamados mocambos (ANDRÉ ROSEMBERG in REZENDE 2002). Esses mocambos eram tão representativos da paisagem recifense que a fábrica de discos Rozenblit escolheu o nome *MOCAMBO* como selo para suas produções fonográficas, sendo inclusive confundido o nome do selo com o da fábrica. Como explica Alves Sobrinho (1993): "por questões comerciais [...] as gravadoras identificavam os discos [...] contendo o nome da indústria fonográfica, o título

da música e um número de série" (ALVES SOBRINHO, 1993, p. 59). O mesmo autor esclarece que a cidade do Recife ficou conhecida como a cidade dos mocambos por ser essa habitação à época tão característica da região.

A Revolução de 1930 trouxe Getúlio Vargas ao poder provisoriamente (o que se tornou nada provisório como a história demonstra) e mais uma vez o Recife é cenário importante nos acontecimentos do país.

> O fato que fez eclodir o movimento aconteceu no Recife, com o assassinato do paraibano João Pessoa, candidato derrotado à vice-presidência da República. Embora o movimento não tenha trazido propostas de mudanças estruturais, se pensarmos num modelo de revoluções burguesas europeias, a presença do povo nas ruas, reivindicando, procurando radicalizar, mostra que as insatisfações não podem ser reduzidas a uma mera disputa dos grupos dominantes (REZENDE, 2002, p. 105).

Sobre esse acontecimento vale ressaltar algo inusitado: O então regente da Orquestra Sinfônica da Sociedade de Concertos Populares (só renomeada Orquestra Sinfônica do Recife em 1949), Vicente Fittipaldi, estava presente nos momentos dos disparos que vitimaram o ex-candidato João Pessoa, fato ocorrido na confeitaria Glória, na

Rua Nova. O regente, abalado, deixou as pastas dos músicos numa cadeira da confeitaria reavendo-as depois (BARRETO/GASPARINI, 2010).

2.3 O RECIFE NA ERA DA BOSSA NOVA

Nos anos 1950 a população do Recife superou os 500 mil habitantes e em pouco menos de uma década iria chegar a 700 mil habitantes, sendo então a terceira capital mais populosa do Brasil, atrás apenas de São Paulo e Rio de Janeiro (ALCIDES, 1998). Em 1960 o censo do IBGE aponta Recife com uma população de 797mil e 234 habitantes[14]. No fim dos anos 1930, Getúlio Vargas havia nomeado como interventor de Pernambuco Agamenon Magalhães (ministro da Justiça e do Trabalho, professor do Ginásio Pernambucano e da Faculdade de Direito do Recife, primeira do Brasil) que investiu num plano rodoferroviário, facilitando o escoamento da produção agropecuária e fortalecendo o comércio intermunicipal, criou hospitais regionais e especializados em doenças tropicais como lepra e tuberculose, além de incentivar a educação e a cultura (ALVES SOBRINHO,

[14] Dados colhidos no site do IBGE: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00 acesso em 27/11/2014.

1993). Investiu também na erradicação dos mocambos, mas não alcançou o êxito desejado.

> Entre os anos de 1939 e 1945, 13.355 mocambos foram destruídos. Isso causou muitos transtornos. A população era transferida para lugares mais higiênicos em vilas populares, mas ficava distante do seu local de trabalho. Houve protestos e embates, mesmo se reconhecendo o esforço do governo em buscar alternativas. Há de se registrar que, em 1939, 63,7 % dos prédios da cidade eram considerados mocambos (REZENDE, 2002, p.116 e 123).

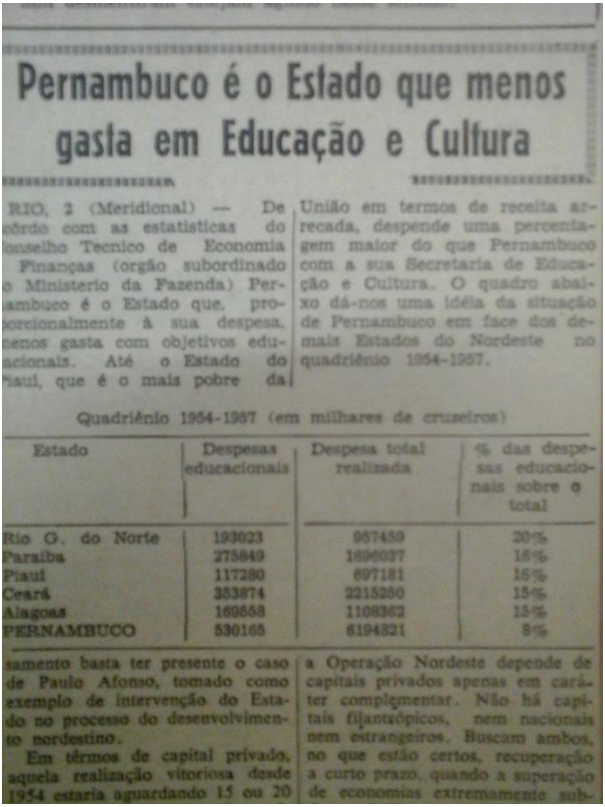
Recife passa a ter o direito de eleger seu prefeito através do voto em 1955. Isso impulsiona o Partido Comunista e outras organizações de esquerda. Pelópidas Silveira é eleito em 1955 pela Frente do Recife (PC, PS e PTB) com o dobro da soma de votos dos três concorrentes (SOARES, 2005). O mesmo autor afirma que o governo de Pelópidas foi marcado por uma grande participação da sociedade, a regulação do mercado urbano e planejamento como instrumento de gestão, que caracterizariam a modernidade como administração municipal no Brasil e destaca:

> Pode-se afirmar que na administração de Pelópidas, em 1955, já se apresentam todos os

> componentes básicos dos modernos instrumentos das gestões descentralizadas e participativas, que emergem em Recife e no Brasil a partir da volta das eleições diretas em 1985, na transição democrática pós 64 (SOARES in GUSMÃO FILHO, 2005, p.152).

As organizações de esquerda saíram vencedoras mais uma vez quando Miguel Arraes foi eleito como sucessor de Pelópidas em 1960. Com a morte de Getúlio Vargas e a eleição de Juscelino Kubitschek os anseios por modernização continuavam. A criação da SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) contribuiu para uma busca por soluções econômicas que antes eram descartadas pelas condições climáticas desfavoráveis da região nordeste, condenando-a ao subdesenvolvimento. Como afirma Antônio Paulo Rezende: "Havia esperança no ar, muita movimentação cultural, projetos, cinema novo, **bossa nova**, delírios nacionalistas, a televisão anunciando novos tempos, futebol campeão do mundo em 1958. Quem iria segurar esse país?" [Grifos meus] (REZENDE, 2002, p.126). José Estevam Gava corrobora com a informação de que o grupo Bossa Nova da UDN "surgiu oficialmente em Recife durante a convenção nacional conhecida como 'Convenção da Vitória', em abril de 1961" (GAVA, 2006, p. 84). Recife era um epicentro político-cultural.

Miguel Arraes teve o compromisso de dar continuidade ao modelo de gestão administrativa de Pelópidas Silveira. Ampliou o sistema de transportes coletivos, urbanizou os mocambos e construiu obras de melhorias nos bairros mais afetados pela pobreza. Um dos maiores destaques do governo Arraes foi a atuação do Movimento de Cultura Popular, na área de educação. O MCP foi criado (1960) para diminuir um déficit de 45 mil crianças sem escola no Recife (REZENDE, 2002). Para se ter uma ideia da situação na educação no estado (e consequentemente na capital) vejamos uma manchete do *Diario de Pernambuco* em 1959:



Pernambuco é o Estado que menos gasta em Educação e Cultura

RIO, 2 (Meridional) — De acôrdo com as estatísticas do Conselho Tecnico de Economia e Finanças (orgão subordinado ao Ministerio da Fazenda) Pernambuco é o Estado que, proporcionalmente à sua despesa, menos gasta com objetivos educacionais. Até o Estado do Piauí, que é o mais pobre da União em termos de receita arrecada, despende uma percentagem maior do que Pernambuco com a sua Secretaria de Educação e Cultura. O quadro abaixo dá-nos uma idéia da situação de Pernambuco em face dos demais Estados do Nordeste no quadriênio 1954-1957.

Quadriênio 1954-1957 (em milhares de cruzeiros)

Estado	Despesas educacionais	Despesa total realizada	% das despesas educacionais sobre o total
Rio G. do Norte	193023	957459	20%
Paraíba	275849	1696037	16%
Piauí	117280	697181	16%
Ceará	353874	2215250	15%
Alagoas	169558	1108362	15%
PERNAMBUCO	530165	6194821	8%

samento basta ter presente o caso de Paulo Afonso, tomado como exemplo de intervenção do Estado no processo do desenvolvimento nordestino.

Em têrmos de capital privado, aquela realização vitoriosa desde 1954 estaria aguardando 15 ou 20

a Operação Nordeste depende de capitais privados apenas em caráter complementar. Não há capitais filantrópicos, nem nacionais nem estrangeiros. Buscam ambos, no que estão certos, recuperação a curto prazo, quando a superação de economias extremamente sub-

Figura 15: Diario de Pernambuco 03 de fevereiro de 1959.

Utilizando o método de alfabetização do recifense Paulo Freire (que alcança repercussão nacional), a prefeitura elabora um Plano Municipal de Ensino e convoca 300 normalistas para a tarefa de diminuir o déficit escolar. O comércio e a indústria locais são convocados a contribuir com as despesas e se forma uma verdadeira campanha de arrecadação de fundos. A imprensa local também apoia

através de seus editoriais. Um levantamento realizado em julho de 1960 revela 54 escolas instaladas e 4.500 crianças sendo atendidas (BATISTA NETO, 1987).

Quando o Recife começa a se erguer num plano democrático de escolarização e divulgação da cultura, o país é tomado pelo golpe militar de 1964. Miguel Arraes assume o governo do estado em 1963 e é deposto pela ditadura no ano seguinte. Sobre esse período no Recife o historiador Antônio Paulo Resende escreve:

> O golpe não deve ser creditado, somente, à ação dos grupos militares. Contou com a ajuda fundamental dos grupos mais conservadores da sociedade, temerosos de perder seus seculares espaços de poder. A cidade do Recife teve sua vida comprometida, sendo seus territórios de liberdade suprimidos, suas lideranças populares perseguidas ou eliminadas, sua memória de lutas considerada perigosa pelas forças dominantes. Retomava-se o autoritarismo, sem cerimônias. Continuava o discurso da modernização, do desenvolvimento, mas agora com ênfase na segurança e no controle social. Por maior que fosse o fechamento político, a sociedade não deixava de formular seus sonhos. O Recife conviveu com esses anos de chumbo, encontrando caminhos para manter o fio com sua história, mesmo que eles tivessem traçados labirínticos (REZENDE, 2002, p. 134-135).

2.4 A ROZENBLIT

Com a ideia e o espírito desenvolvimentista, no mesmo ano da campanha "O Petróleo é nosso" (1953), durante o segundo mandato de Getúlio Vargas, surge a motivação de se criar uma indústria fonográfica em Pernambuco. José Rozenblit, de família judia (a comunidade judaica no Recife sempre foi muito expressiva), junto com seus irmãos Isaac e Adolfo, resolve criar a *Fábrica de Discos Rozenblit* (ALVES SOBRINHO, 1993; BARBOSA DE SOUSA/FILHO, 2009).

Em entrevista ao pesquisador Antônio Alves Sobrinho em 1989, José Rozenblit explicou que o nome *Rozenblit*, no dialeto dos judeus romanos, indicava tradição mercantil (sangue rosa). Talvez por isso seguiu a mesma orientação do pai, seu Luís, que foi pioneiro no ramo de lojas de móveis e decoração no Recife. Depois de trazer discos dos Estados Unidos e revendê-los nas lojas do pai, decidiu abrir seu próprio comércio e criou as *Lojas do Bom Gosto* (ALVES SOBRINHO, 1993; FRANÇA, 2011).

O espírito empreendedor de José Rozenblit o fez inovar na venda de discos, que não era a exclusividade das lojas:

> A *Lojas do Bom Gosto* não comercializava apenas discos, mas também eletrodomésticos e

> móveis, além de possuir uma galeria onde se promoviam exposições de diversos artistas locais. A loja, com equipamentos modernos para a época, possuía seis cabines, onde o cliente podia escutar os álbuns antes de decidir se os comprava ou não (FRANÇA, 2011, p. 112).

Incomodado com a dependência das gravadoras instaladas no Rio e São Paulo (RCA VICTOR principalmente, COLUMBIA e ODEON) em divulgar o frevo pernambucano, José convoca o maestro Nelson Ferreira e pede ao mesmo que escolha duas composições que fossem indubitavelmente sucessos para serem gravadas. O maestro seleciona *Come e Dorme* (frevo de rua de autoria do próprio Nelson) e *Boneca* (frevo canção de José Menezes e Aldemar Paiva). Em outubro de 1953 (mesmo com imensas dificuldades financeiras e logísticas), José Rozenblit leva a fita da gravação e consegue prensar na gravadora SINTER, no Rio de Janeiro, duas mil cópias em 78 rpm, que já saíram com a etiqueta "Mocambo". O representante de uma pequena gravadora norte-americana (Mercury) incentivou o projeto e mediou a compra dos primeiros equipamentos. Nascia assim, em meados de 1954, a empresa *Fábrica de Discos Rozenblit* (ALVES SOBRINHO, 1993).

Com a exclusividade de distribuição de três selos americanos (a já citada Mercury e também a Decca e Seeco) o grupo Rozenblit achou uma maneira de divulgar rapidamente os discos: contratou o apresentador Fernando Castelão (bastante famoso no Recife, inclusive na era inicial da televisão pernambucana) para, através de um programa de rádio, veiculado todos os sábados na *Rádio Clube de Pernambuco*, apresentar as músicas como sucessos do momento (o nome do programa era *Parada de Ritmos*). "Era fazer a divulgação e esperar a abertura da loja na segunda-feira, para vender rapidamente os estoques" (BARBOSA DE SOUSA/ FILHO, 2009, p. 05). Em outubro de 1961 o grupo iria lançar um programa de televisão na *TV Rádio Clube* chamado *Clube do Bom Gosto* (uma alusão às *Lojas do Bom Gosto* onde tudo surgiu), que tinha como apresentadores Fernando Luiz e Carmen Rodrigues (DIARIO DE PERNAMBUCO, 08/10/1961).

No início as tiragens eras modestas, se comparadas às cópias prensadas pelas gravadoras multinacionais, mas isso logo mudou. O grupo Rozenblit criou um parque gráfico que produzia as capas, os selos de identificação e os encartes dos seus discos, reduzindo bastante os custos totais. Introduziu o sistema de alta fidelidade nas gravações (*Hi-Fi*) e possuía um

dos maiores estúdios de gravação da América do Sul (O sistema de som estereofônico é lançado no Recife pela *RCA Victor* em Janeiro de 1959. DIARIO DE PERNAMBUCO, 18/01/1959). Abriu filiais no Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. O pai do cantor Cazuza (João Araújo) era responsável pela filial do Rio de Janeiro. Cazuza era afilhado de José Rozenblit. De 1959 até 1966 a Rozenblit era a única grande indústria fonográfica fora do eixo centro/sul. Chegou a ter 22% do mercado nacional e 50% do mercado de música regional (ALVES SOBRINHO, 1993; FRANÇA, 2011).

Figura 16: Propaganda de aparelho de som "Hi-Fi". Diario de Pernambuco, 05/07/1959.

Era intencional e ideológica a supremacia dos gêneros musicais regionais/locais nos discos da Rozenblit. José queria divulgar a cultura pernambucana e nordestina nacionalmente. Era uma tentativa de expandir a "pernambucanidade" (conjunto de características culturais dos nascidos em Pernambuco ou que absorveram a cultura pernambucana) difundida por Gilberto Freyre em seu *Manifesto Regionalista*

de 1926 (FREYRE, 1952). A prioridade era o frevo, a ciranda, o coco, o maracatu. "O momento mais importante do frevo no cenário da música nacional ocorreu entre os anos de 1950 e 1960, e está associado ao surgimento e consolidação da fábrica de discos Rozenblit, que teve influência direta na expansão do frevo na indústria fonográfica brasileira" (BARBOSA DE SOUSA/ FILHO, 2009, p. 07). Em junho de 1959 o *Diario de Pernambuco* anuncia que a gravadora Mercury levaria discos da *Mocambo* para montar um *stand* com discos da gravadora pernambucana para serem ouvidos na convenção mundial da gravadora norte-americana, que seria realizada em Madrid naquele mesmo mês (DIARIO DE PERNAMBUCO, 03/06/1959). Mesmo com todo o prestígio dado pela Mercury, em março de 1961 a Rozenblit rompe com a gravadora norte-americana e, segundo o *Diario de Pernambuco*, isso acontece porque a fábrica pernambucana "tenciona intensificar gravações de músicas brasileiras, numa espécie de campanha de prestígio das composições nacionais" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 05/03/1961).

Isso impeliu que artistas brasileiros dos mais variados estilos gravassem e distribuíssem pela Rozenblit. O selo *Mocambo* reunia os principais artistas locais, enquanto que o selo *AU* (Artistas Unidos) englobava os artistas do sul e

sudeste. O selo *AU* só foi lançado em Novembro de 1966 por ocasião do *Festival Da Música Popular Brasileira* de 1965, mas a política de valorização da música nacional começa muito antes. Para exemplificar: por ocasião do título mundial da seleção brasileira de futebol na Suíça em 1958, foi confirmada a passagem da seleção canarinha em escala no Recife. A Rozenblit gravou, prensou e distribuiu nas emissoras de rádio locais um disco contendo a música: Brasil, campeão do mundo (ALVES SOBRINHO, 1993).

> Quando a seleção brasileira voltou da Suécia, em 1958, cada jogador recebeu um compacto simples com as músicas *Rei Pelé*, de Aldemar Paiva, e *Brasil Campeão do Mundo*, de Nelson Ferreira, uma edição especial gravada, prensada e distribuída em um tempo reduzido para aproveitar as comemorações da conquista do título mundial (BARBOSA DE SOUSA/ FILHO, 2009, p.06).

Analisando a série 15.000 (série de 1.120 discos em 78rpm lançada pela Rozenblit) Antônio Alves Sobrinho constata: "a presença da **bossa nova** [grifos meus] é significativa para quem estava fora do eixo Ipanema-Leblon:

3,5% (24 discos[15]) dos gêneros nacionais, 2% do total" (ALVES SOBRINHO, 1993, p. 103). Essa relação com a Bossa Nova fica mais explícita analisando alguns comentários nos jornais da época. Em outubro de 1962 a *Mocambo* anuncia quatro LPs para o carnaval do ano seguinte, mas também Lps de "samba em Bossa Nova" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 28/10/1962).

Por ocasião dessa pesquisa foram encontrados alguns discos desse período nos acervos da Fundação Joaquim Nabuco e de alguns particulares, como também comentários e anúncios dos discos nos jornais disponíveis no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano :

[15] Infelizmente não existem registros desses discos. Apenas a citação numa relação da FUNDAJ em que consta o número de discos por estilo. Do que está catalogado Antônio Alves Sobrinho (1993) afirma que Tom Jobim e Ary Barroso são os compositores mais gravados, ambos com sete músicas. Billy Blanco e Tito Madi aparecem com cinco canções cada

Figura 17: Capa e contracapa do disco Órgão em Samba, de *Kamerino e seu Conjunto*, gravado pela Rozenblit, sem indicação de ano.

órgão em samba
O maestro KAMERINO senta-se ao órgão elétrico e toca sambas. Sambas de grande riqueza melódica, selecionados com muito bom gôsto, interpretados com alma, num conjunto de ritmo notavelmente bem marcado, numa "batida diferente". Uma batida que tambem serve de título à primeira faixa do LP.
As melodias dos sambas contidos nêste álbum são realmente deliciosas, e sem qualquer preferência especial, citamos o ZÉ DE CONCEIÇÃO, DESFOLHANDO A MARGARIDA, FAÇO UM LÊ LÊ LÊ.
Melodia e ritmo fazem um casamento perfeito nesta gravação de grandes sambas cariocas e traduzem de maneira fiel todo o conteúdo do disco.
KAMERINO, metendo o órgão elétrico no samba, deu realmente uma "volta por cima". E uma volta de mestre.
FACE A
1 - BATIDA DIFERENTE (Durval Ferreira - Mauricio)
2 - GAROTA DE IPANEMA (A. C. Jobim - V. Morais - J. Gilberto)
3 - NÓS E O MAR (R. Menescal - R. Bôscoli)
4 - HÁ MUITO TEMPO (Sivuca)
5 - ZÉ DE CONCEIÇÃO (João Roberto Kelly)
6 - DESFOLHANDO A MARGARIDA (L. Reis - H. Barbosa)
FACE B
1 - ROSINHA (Sivuca)
2 - CÉU E MAR (Johnny Alf)
3 - AMOR E PAZ (Tito Maddi)
4 - MUDE DE PENSAR (Miro Rosé - Almeida Junior)
5 - FAÇO UM LÊ LÊ LÊ (Luiz Reis - Haroldo Barbosa)
6 - VOLTA POR CIMA (Paulo Vanzolini)
RENATO MENDES E S/ORGÃO
LP N.o 70.008
Praça 11
Evocação N.o 1
Mis Noches Sin Ti
Baião
Um Fandango Em Bagé
La Cumparsita
Morena Boca De Ouro
La Morena De Mi Copla
Recuerdo De Ti
Acompanhei-te Cavaquinho
Granada
Samba De Uma Nota Só - Meditação (Bossa Nova).
S. Ex. O VIOLÃO DE OCTACILIO AMARAL
LP N.o 70.020
VELHOS SUCESSOS EM BOSSA NOVA
LP N.o 70.037
SUGERIMOS ÊSTES TRÊS LP's DA SÉRIE "DISCOS FAMÍLIA"
Sambando com Renato Mendes e seu Órgão
LP N.o 70.008
Violão
LP N.o 70.020
VELHOS SUCESSOS
BOSSA NOVA
LP N.o 70.037
O elo entre prazer e qualidade
DISCOS FAMILIA

Figura 18: Capa e contracapa do disco *Sambando com Renato Mendes e seu Órgão*. Lançado pela Rozenblit, sem indicação de ano.

Sambando com Renato Mendes e seu Orgão
A família ganhou um órgão.
E ainda que pareça incrível, com RENATO MENDES ao teclado.
Não teremos músicas litúrgicas.
Nem profanas.
Apenas nossos ritmos autênticos.
Brasileiros.
E aqui prá nós, prá que mais do que isso ?!
FACE A
1 - O BARQUINHO - Samba - (Ronaldo Boscoli - R. Menescal)
2 - NOSSOS MOMENTOS - Samba Canção - (Haroldo Barbosa - Luiz Reis)
3 - CEU E MAR - Samba - (Johnny Alf)
4 - CHEIRO DE SAUDADE - Samba (Luiz Antonio - Dialma Ferreira)
5 - A NOITE DE MEU BEM - Samba (Dolores Duran)
6 - GIMBA - Samba - (Jorge Kassas - G. Guarnieri)
FACE B
1 - POEMA DAS MÃOS - Samba-Canção - (Luiz Antonio)
2 - ZELÃO - Samba - (Sergio Ricardo)
3 - TERNURINHA - Samba - (Tereza Souza)
4 - ESQUECENDO VOCÊ - Samba-Canção - (A. C. Jobim)
5 - COPACABANA - Samba - (Alberto Ribeiro - João de Barro)
6 - O APITO NO SAMBA - Samba - (Luiz Bandeira)
BOLEROS IN GUITARS
LP No 70.017
SERESTAS
LP No 70.021
ACCORDION ITALY
LP No 70.033
SUGERIMOS ESTES TRÊS LP's DA SÉRIE "DISCOS FAMÍLIA"
LP No 70.017
Seresta
LUCIO ALVES
LP No 70.021
ACCORDION ITALY
LP No 70.033
O elo entre prazer e qualidade
DISCOS FAMILIA
UM LANÇAMENTO DA FÁBRICA DE DISCOS ROZENBLIT LTDA. - ESTR. DOS REMÉDIOS, 655 - RECIFE - PERNAMBUCO

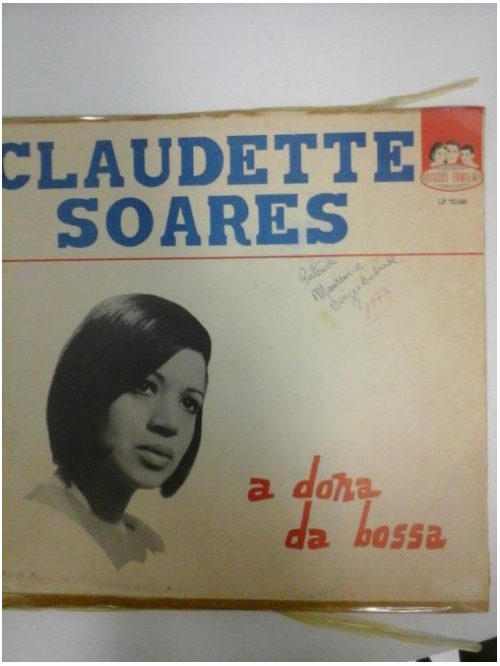
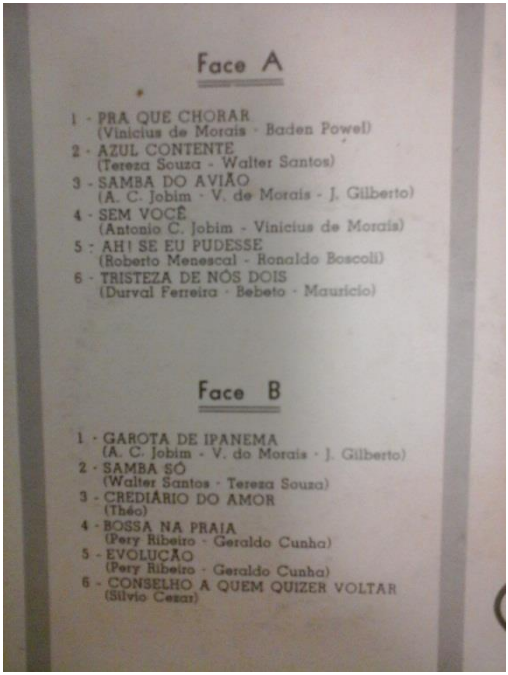


Figura 19: Foto da capa e parte da contracapa do disco de Claudette Soares gravado pela Rozenblit. Sem indicação de ano.



Face A

1 - PRA QUE CHORAR
(Vinicius de Morais - Baden Powel)
2 - AZUL CONTENTE
(Tereza Souza - Walter Santos)
3 - SAMBA DO AVIÃO
(A. C. Jobim - V. de Morais - J. Gilberto)
4 - SEM VOCÊ
(Antonio C. Jobim - Vinicius de Morais)
5 - AH! SE EU PUDESSE
(Roberto Menescal - Ronaldo Boscoli)
6 - TRISTEZA DE NÓS DOIS
(Durval Ferreira - Bebeto - Mauricio)

Face B

1 - GAROTA DE IPANEMA
(A. C. Jobim - V. do Morais - J. Gilberto)
2 - SAMBA SÓ
(Walter Santos - Tereza Souza)
3 - CREDIÁRIO DO AMOR
(Théo)
4 - BOSSA NA PRAIA
(Pery Ribeiro - Geraldo Cunha)
5 - EVOLUÇÃO
(Pery Ribeiro - Geraldo Cunha)
6 - CONSELHO A QUEM QUIZER VOLTAR
(Silvio Cezar)

Figura 20: Alguns compactos gravados pelo selo Mocambo na era Bossa Nova. Também sem indicação de ano.

MOCAMBO
especial para RADIO e IMPRENSA
R - 939
15211 A
ESTRADA DO SOL
— Melodico Brasileiro —
(Antonio Carlos Jobim-Dolores Duran)
MARIA HELENA RAFOSO
INDÚSTRIA BRASILEIRA
FÁBRICA DE DISCOS Rozenblit LTDA.
ESTRADA DOS REMEDIOS 650 - RECIFE - PERNAMBUCO

Figura 21: Foto da capa e contracapa do disco de Agostinho dos Santos lançado pela Rozenblit em 1967. Quem o acompanhava era o *Yansã Quarteto*, formado por recifenses, dentre eles Naná Vasconcelos e Sérgio Kyrillos (entrevistados para essa pesquisa).

Figura 22: Capa e contracapa do disco *MUSICANOSSA!* Reunindo vários artistas que haviam se apresentado no teatro Santa Rosa no Rio de Janeiro em 1968. Lançado pela Rozenblit no mesmo ano.

isto é musicanossa!

LP 50.005

"Um dos maiores acontecimentos musicais dos últimos tempos foi a estréia de MUSICANOSSA, segunda-feira, no Teatro Santa Rosa...
... O ano de 68 vai ter de se rebolar para arranjar um acontecimento que suplante aquele em matéria de música popular brasileira moderna."
ARY VASCONCELLOS: - O Globo-GB.

"O que êles querem é tocar e cantar o que sentem, sem pressões comerciais sem fazer concessões à música facial, dirigida, feita de encomenda para agradar o grande público."
MORACY DO VAL - Notícias Populares - SP

"Apóio êste movimento e peço apoio integral, porque sua causa é a mais louvável possível: reestruturar a música popular brasileira.
MUSICANOSSA é a união dos bons para salvar e reerguer a música."
JOSÉ MAURICIO: Última Hora-MG

"Em síntese: no Santa Rosa há uma gente honesta, não visando lucros fáceis pecando e acertando, querendo realizar. Uma gente unida, todos muito jovens e sérios.
O MUSICANOSSA, portanto, merece apoio."
SERGIO BITTENCOURT: - O Globo-GB.

"Há algumas acusações contra o MUSICANOSSA: uns dizem que êles estão fugindo da finalidade com que se apresentaram, outros acham que êles estão fazendo bossa-nova, enfim, a luta de sempre: velhos contra novos, novos contra velhos, luta que é muito compreensível, mas sempre inaceitável. Por mim confesso que considero não apenas o espetáculo, mas o movimento inteiramente válido."
ENEIDA: - D. Notícias - GB.

"Alcançando grande sucesso no Teatro Santa Rosa, do Rio, os espetáculos intitulados MUSICANOSSA, que muito têm contribuído para a redenção da música popular brasileira."
MISTER ECO: - Jornal dos Sports-GB.

"... Aconteceu o que todo mundo sempre esperou: tudo que é bom fica. Ficou a música popular brasileira."
ROBERTO TOSTES MARTINS: - D. da Tarde-MG.

"MUSICANOSSA pretende então dar oportunidade àqueles que se dedicam à música popular brasileira, sem a preocupação do comércio. Única exigência: a boa qualidade."
DIÁRIO DA TARDE - GB.

"Tudo informal, espontâneo, predominando na platéia um público de "teenagers", mas de público heterogêneo."
MARIO CABRAL: - Tribuna da Imprensa - GB.

Face A

1 -	SAMBA DO RETÔRNO - Johnny Alf Johnny Alf e s/Sexteto Contraponto	2,35
2 -	ALEGRIA DE CARNAVAL - Antonio Adolfo - Tibério Gaspar Trio 3 D - vocal: Novelli	2,33
3 -	ROSA BRANCA - Antonio Adolfo - Tibério Gaspar Iracema Werneck	3,15
4 -	REMA - Menescal - Richter Henrique Beni	2,17
5 -	MARIA DA FAVELA - Marcos Valle - Paulo Sergio Valle Mario Telles	2,55
6 -	ALVORADA - M. Einhorn - Arnaldo Costa - Lula Freire Mauricio Einhorn	3,47

Face B

1 -	EU E A BRISA - Johnny Alf Johnny Alf e s/Sexteto Contraponto	3,40
2 -	POBRE MORRO - Gilberto Barcellos Neide Marrarosa	2,55
3 -	TEMA TRISTE - Antonio Adolfo - Tibério Gaspar Iracema Werneck	2,20
4 -	SISTEMA - M. Einhorn - Arnaldo Costa - Marco Versiani Mauricio Einhorn	1,55
5 -	O BRILHO DA FACA - Novelli - Paulo Sergio Valle Trio 3 D - vocal: Novelli	3,30
6 -	NOS - Candinho - Lula Freire Henrique Beni	2,35

FICHA TÉCNICA:

Direção e Coordenação	João Araujo
Produção	MUSICANOSSA
Técnicos de Som	Alberto Soluri Ary Perdigão
Arranjos	Johnny Alf Face A 1 Face B 1 Antônio Adolfo " - 2.3. " - 3.5. Roberto Menescal " - 4. " - 6. Ugo Marotta " - 5.6. " - 4. Lindolfo Gaya " - 2.
Capa	Walderes Soares

rozenblit

fábrica de discos : rozenblit ltda — MATRIZ: RECIFE, Estrada dos Remédios, 855 — RIO DE JANEIRO, Av. Rio Branco, 14, 15.o andar — SÃO PAULO, Rua Conselheiro Nébias, 662

Capa: trabalho de nossa gráfica (P) 1968

C. G. C. 10.923.003

Figura 23: Capa do disco do *Jorge Autuori Trio*, lançado pela Rozenblit, sem indicação de ano (Imagem captada pela internet).

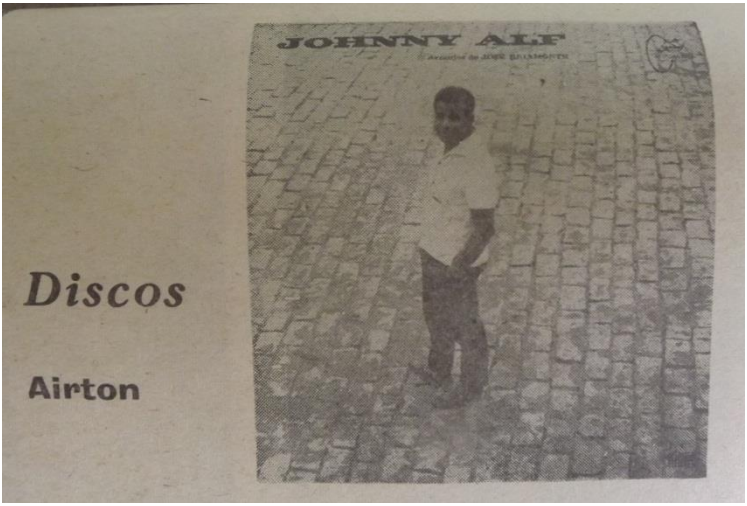
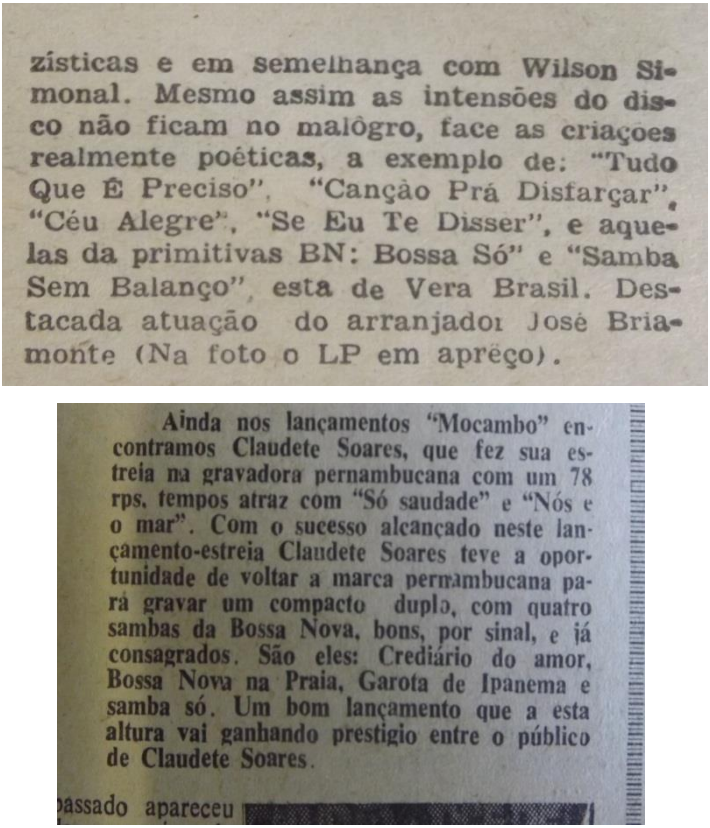


Figura 24: Diario de Pernambuco 07/08/1966. Suplemento feminino pág. 04.

JOHNNY ALF NA MOCAMBO — Embora com um nome "made in USA" este artista é uma das figuras de vanguarda na música popular brasileira. Suas composições, surgidas no período de 1949-52 sofreram uma pequena parcela de jazz, todavia em 1958, com o influxo daquilo que chamava-se "bossa nova" Johnny Alf, juntamente com Jobim e Vinicius foram os "papas", daquele movimento de renovação. Sem quaisquer ligações com escolas e "rótulos" que mistificaram a verdadeira música popular Johhny Alf aparecer neste LP Mocambo, com músicas de maior equidade mas que sua voz, de modulações e falcêtes, continua ainda, com reflexões faz-

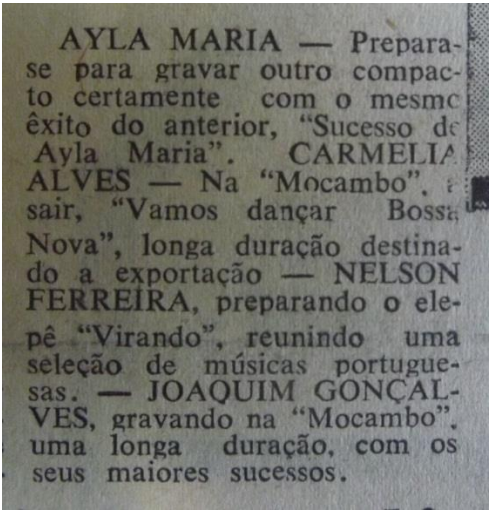


zísticas e em semelhança com Wilson Simonal. Mesmo assim as intensões do disco não ficam no malôgro, face as criaçoes realmente poéticas, a exemplo de: "Tudo Que É Preciso", "Canção Prá Disfarçar", "Céu Alegre", "Se Eu Te Disser", e aquelas da primitivas BN: Bossa Só" e "Samba Sem Balanço", esta de Vera Brasil. Destacada atuação do arranjador José Briamonte (Na foto o LP em apreço).

Ainda nos lançamentos "Mocambo" encontramos Claudete Soares, que fez sua estreia na gravadora pernambucana com um 78 rps, tempos atraz com "Só saudade" e "Nós e o mar". Com o sucesso alcançado neste lançamento-estreia Claudete Soares teve a oportunidade de voltar a marca pernambucana para gravar um compacto duplo, com quatro sambas da Bossa Nova, bons, por sinal, e já consagrados. São eles: Crediário do amor, Bossa Nova na Praia, Garota de Ipanema e samba só. Um bom lançamento que a esta altura vai ganhando prestigio entre o público de Claudete Soares.

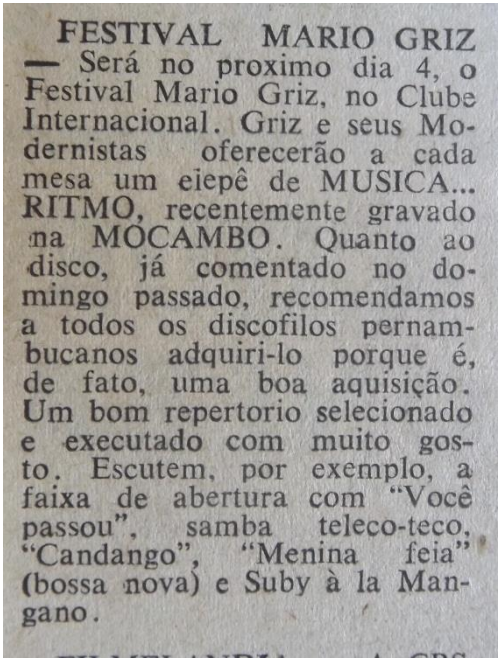
passado apareceu

Figura 25: Diario de Pernambuco, 11/08/1963, Segundo Caderno pág. 09.



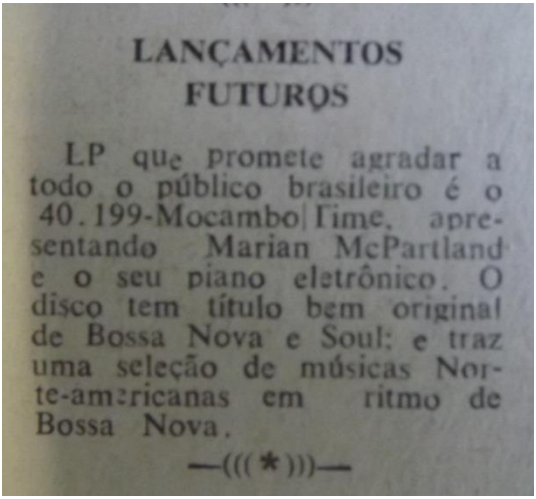
AYLA MARIA — Prepara-se para gravar outro compacto certamente com o mesmo êxito do anterior, "Sucesso de Ayla Maria". CARMELIA ALVES — Na "Mocambo", a sair, "Vamos dançar Bossa Nova", longa duração destinado a exportação — NELSON FERREIRA, preparando o elepê "Virando", reunindo uma seleção de músicas portuguesas. — JOAQUIM GONÇALVES, gravando na "Mocambo", uma longa duração, com os seus maiores sucessos.

Figura 26: Diario de Pernambuco, 26/05/1963. Segundo Caderno pág.09.



FESTIVAL MARIO GRIZ — Será no proximo dia 4, o Festival Mario Griz, no Clube Internacional. Griz e seus Modernistas oferecerão a cada mesa um elepê de MUSICA... RITMO, recentemente gravado na MOCAMBO. Quanto ao disco, já comentado no domingo passado, recomendamos a todos os discofilos pernambucanos adquiri-lo porque é, de fato, uma boa aquisição. Um bom repertorio selecionado e executado com muito gosto. Escutem, por exemplo, a faixa de abertura com "Você passou", samba teleco-teco, "Candango", "Menina feia" (bossa nova) e Suby à la Mangano.

Figura 27: Diario de Pernambuco, 28/04/1963.

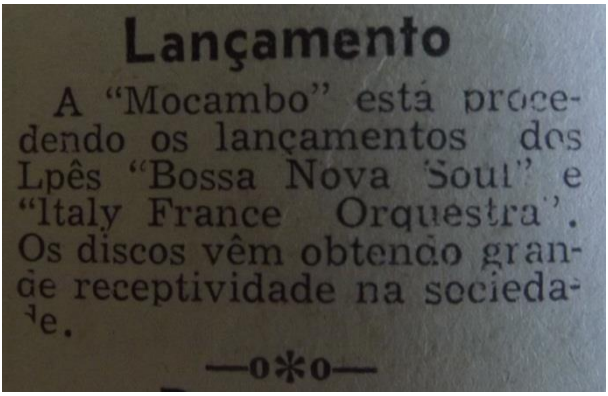


LANÇAMENTOS
FUTUROS

LP que promete agradar a todo o público brasileiro é o 40.199-Mocambo| Time, apresentando Marian McPartland e o seu piano eletrônico. O disco tem título bem original de Bossa Nova e Soul: e traz uma seleção de músicas Norte-americanas em ritmo de Bossa Nova.

—(((*)))—

Figura 28: Diario de Pernambuco, 29/09/1963 pág.07.



Lançamento

A "Mocambo" está procedendo os lançamentos dos Lpês "Bossa Nova Soul" e "Italy France Orquestra". Os discos vêm obtendo grande receptividade na sociedade.

—o*o—

Figura 29: Diario de Pernambuco, 24 de outubro de 1963. Primeiro caderno, página 06.

O mais emblemático desses discos (pois muito provavelmente seja o primeiro disco instrumental de Bossa

Nova), que despertou a curiosidade e o interesse em realizar essa pesquisa, é *Velhos Sucessos em Bossa Nova*. Gravado em 1962 e lançado em 1963, o disco foi dirigido por Clóvis Pereira e executado por um time de instrumentistas de renome à época como o trombonista Senô, maestro Duda, o saxofonista e professor Valderedo e o já nacionalmente conhecido Sivuca.

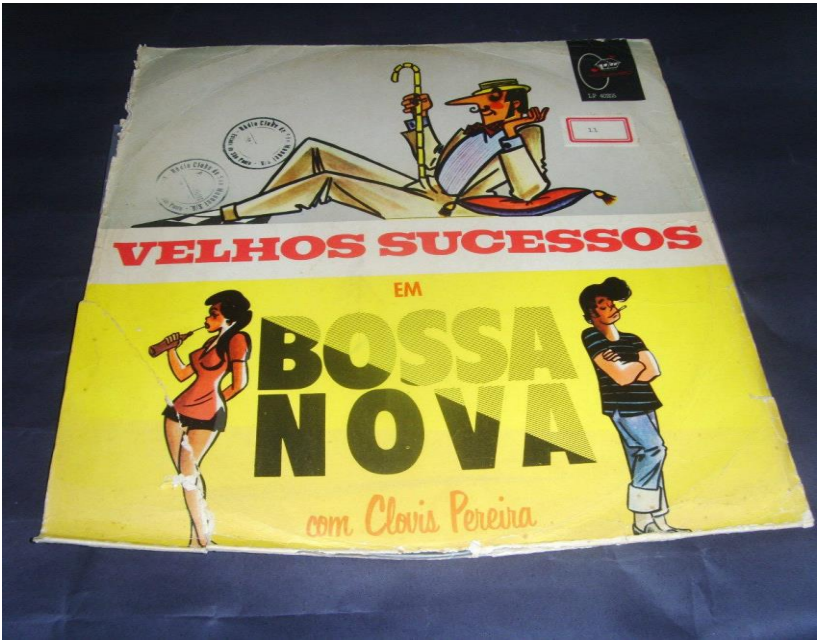


Figura 30: Capa do disco: *Velhos Sucessos em Bossa Nova* (imagem captada na internet).

Clóvis Pereira (*14/05/1932) iniciou como pianista na *Rádio Jornal do Commercio* em 1952, na ocasião em que

estudava harmonia, composição e orquestração com o maestro Guerra Peixe (na época morando e trabalhando no Recife) com quem escreveu um livro em parceria (*Mourão*). Em 1960 Clóvis assume a direção musical da *TV Jornal do Commercio* e se torna professor de Harmonia e Teoria da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Em 1967, convidado por Ariano Suassuna, compõe as primeiras obras representativas do Movimento Armorial (PHAELANTE, 1997; AMORIM, 2006).

O disco que foi provavelmente, como afirma Leonardo Saldanha, a primeira gravação de Bossa Nova instrumental feita no Brasil, reunia músicas conhecidas do passado como *Aos Pés da Santa Cruz* (Marino Pinto e Zé Gonçalves), *No Rancho Fundo* (Ary Barroso) e *Amélia* (Ataulfo Alves e Mário Lago). Segundo o maestro Duda (José Ursicino Da Silva* 23/12/1935): [...] “o repertório da Bossa Nova ainda estava muito curto. ‘Garota de Ipanema’ ainda não existia, gravamos músicas que não eram Bossa Nova, sambas velhos para completar o disco” (SALDANHA, 2001, p.21).

Em entrevista concedida para essa pesquisa[16] o maestro Duda afirma:

> Na capa tem escrito Clóvis. Clóvis era o pianista só. Os arranjos era tudo meu (sic). Seu Zé (José Rozenblit) representava pro Brasil todo, diversas fábricas de marca americanas. Mercury, Decca, uma bocado dessas. Quando surgiu o negócio, Bossa Nova surgiu nos Estados Unidos, aí mandaram a ordem pra ele: faça urgente um disco de Bossa Nova pra gente. Clóvis me perguntou: a gente vai gravar o quê se não tem música? A gente inventa (risos). Mas tem que ter alguém que tenha aquela batida de João Gilberto, aquele balanço. Aí a gente botou Sivuca no violão. A gente fez os arranjos tudo parecido com *Desafinado* pra poder ser Bossa Nova né? E o disco não foi lançado aqui no Brasil, foi pros Estados Unidos. Seu Zé mandou e pronto! (Maestro Duda, 17/10/2014).

Maestro Duda foi componente da Orquestra Sinfônica do Recife, regente da Banda Sinfônica do Recife e fez parte do quadro de arranjadores da TV Bandeirantes em São Paulo, por três anos, no fim dos anos 1960. Foi escolhido pelo *Projeto Memória Brasileira*, da Secretaria de Cultura de São Paulo, como um dos doze melhores arranjadores do século. Também é membro da Academia Pernambucana de Música. Suas

[16] Entrevista concedida para esse trabalho em 17/10/2014 na residência do maestro Duda.

músicas estão presentes em mais de 100 discos no Brasil e no exterior (PHAELANTE, 1997; SALDANHA, 2001; AMORIM, 2006).

Ainda sobre o disco maestro Duda revela algo muito interessante. Falando sobre o saxofonista norte - americano Stan Getz:

> Aquela maneira dele tocar, aquele som que ele tirava, a gente aqui tudo procurava imitar fazia muito tempo, muito antes de existir Bossa Nova, entendeu? Eu fiz um bocado de solo imitando Stan Getz no disco (Segundo o maestro isso foi percebido e escrito na contracapa do disco por quem o prefaciou). Agora veja mesmo, tempos depois foi que Tom Jobim fez *Garota de Ipanema* e que Stan Getz veio a tomar conhecimento do que era Bossa Nova. Anos depois de eu ter imitado ele [risos] (Maestro Duda, 17/10/2014).

De fato, o disco é prefaciado por Washington França como demonstra a figura abaixo. França descreve um pouco da inquietação em se realizar eventos relacionados à Bossa Nova naquele Recife dos anos 1960. Conceitua a Bossa Nova à sua maneira e sobre o som de saxofone do maestro Duda afirma: “lembrando conhecidas incursões de notável músico de jazz, STAN GETZ”.

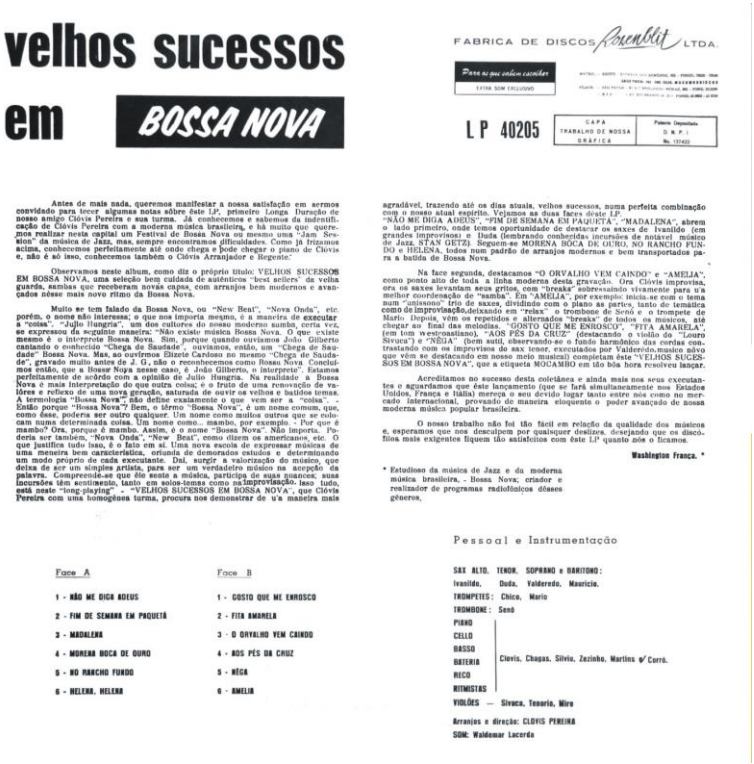


Figura 31: Contra capa do disco: *Velhos Sucessos em Bossa Nova* (Imagem captada na internet).

Após o festival de 1965 a Rozenblit criou o selo *AU* (Artistas Unidos) e firmou convênio com a *TV Record* para aquele e futuros lançamentos da MPB. Dentre outros artistas (cantores e compositores) no disco de primeiro lançamento estão: Chico Buarque, Gilberto Gil, Elis Regina, Edu Lobo, Carlos Lyra, Caetano Veloso, Maysa, Vinícius de Morais e Geraldo Vandré (JORNAL DO COMMERCIO, 15/11/1966, pág. 08).

Rozenblit lança etiqueta AU com Banda e Disparada

«Viva o Festival da Música Popular Brasileira» é o nôvo disco que a Fábrica Rozenblit lançou esta semana no mercado, na sua nova etiqueta Artistas Unidos (AU). Trata-se do início de um convênio que a fábrica pernambucana assinou com a TV Record e através do qual deverá lançar grande número de cantores brasileiros.

Este primeiro disco, que tem capa premiada de Minoru, trás uma seleção das principais canções apresentadas no recente Festival, inclusive as duas colocadas no primeiro lugar: «A Banda» e «Disparada».

Temos a seguinte seleção:

Face A — «A Banda», de Chico Buarque cantada pelo autor e pelos Meninos Cantores de São Paulo; «Ensaio Geral», de Gilberto Gil, na voz de Elis Regina; «Um Dia», de Caetano Veloso, cantada por Maria Odete; «Amor, Paz», de Maysa e Vera Brasil, cantada por Maysa; «Anoiteceu», de Vinicius de Morais e Francis Hime, na voz de Leny Eversong.

Face B — «Disparada», de Geraldo Vandré e Théo, na voz de Geraldo Vandré; «Canção de não Cantar», de Sérgio Bittencourt, cantada por Hebe Camargo; «Lá Vem o Bloco», de Carlos Lyra e Gianfrancesco Guarnieri, por Leny Eversong; «Flôr Maior», de Célio Borges Pereira, pelos Meninos Cantores de São Paulo, «Jôgo de Roda», de Edú Lôbo e Rui Guerra, na voz de Elis Regina, «Canção para Maria», de Paulinho da Viola e Capinam, na voz de Paulinho da Viola. Encerramento.

Figura 32: Jornal do Commercio, 15/11/1966 pág. 08.

O grupo Rozenblit já utilizava o rádio e a TV como meios de divulgação dos discos. E fazia mais: efetuava sorteios nos programas de TV para quem estava com os carnês de pagamento em dia, como demonstra o anúncio a seguir:

no concurso de miss Brasil. Chame-se Selange Leão, tem

Discos Família

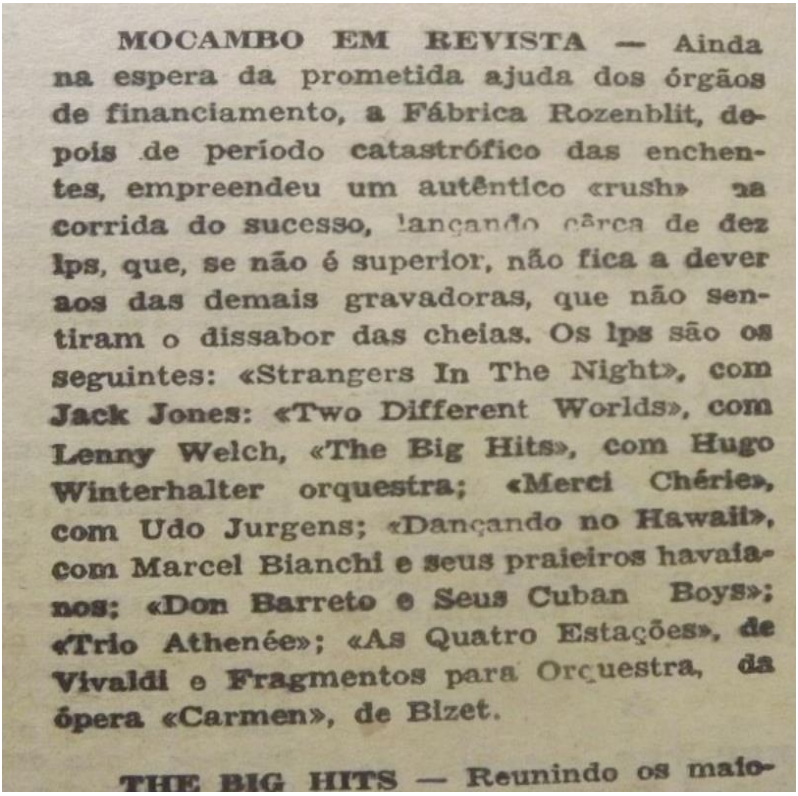
1.º SORTEIO

Através do Programa "NO ITE DE BLACK-TIE", a 10 DE JULHO, pelo CANAL 2, será realizado o 1.º Sorteio dos famosos "DISCOS FAMÍLIA". Prêmios em exposição à Rua da Aurora, 77, nas Lojas do Bom Gôsto. Estejam em dia com as suas mensalidades, efetuando os pagamentos na FÁBRICA DE DISCOS ROZEMBLIT LTDA., – ESTRADA DOS REMÉDIOS, 885 ou nas LOJAS DO BOM-GOSTO, RUA DA AURORA, 77 e na RUA DA PALMA, 399/401 – nos horários comerciais. Nêstes endereços estão as urnas para RECOLHIMENTO DOS CUPÕES, com os QUAIS TODOS PODEM CONCORRER ao 1.º SORTEIO DOS PRÊMIOS MILIONÁRIOS, desde que estejam DEVIDAMENTE QUITADOS.

(AM-824)

Figura 33: Diario de Pernambuco, junho de 1965.

Com o golpe militar de 1964 as coisas começaram a complicar para a fábrica pernambucana. A proposta regionalista se opunha ao projeto nacionalista-desenvolvimentista nascido com o golpe. Some-se a isso os interesses das gravadoras multinacionais. Em 1966 o rio Capibaribe transbordou trazendo enormes prejuízos pra toda a população e a fábrica de discos não ficou ilesa (ALVES SOBRINHO, 1993). O *Jornal do Commercio* divulga nota, em setembro daquele ano, demonstrando que a Rozenblit não desistia, mesmo sem a chegada da ajuda prometida pelos governos.



MOCAMBO EM REVISTA — Ainda na espera da prometida ajuda dos órgãos de financiamento, a Fábrica Rozenblit, depois de período catastrófico das enchentes, empreendeu um autêntico «rush» na corrida do sucesso, lançando cêrca de dez lps, que, se não é superior, não fica a dever aos das demais gravadoras, que não sentiram o dissabor das cheias. Os lps são os seguintes: «Strangers In The Night», com Jack Jones: «Two Different Worlds», com Lenny Welch, «The Big Hits», com Hugo Winterhalter orquestra; «Merci Chérie», com Udo Jurgens; «Dançando no Hawaii», com Marcel Bianchi e seus praieiros havaianos; «Don Barreto e Seus Cuban Boys»; «Trio Athenée»; «As Quatro Estações», de Vivaldi e Fragmentos para Orquestra, da ópera «Carmen», de Bizet.

THE BIG HITS — Reunindo os maio-

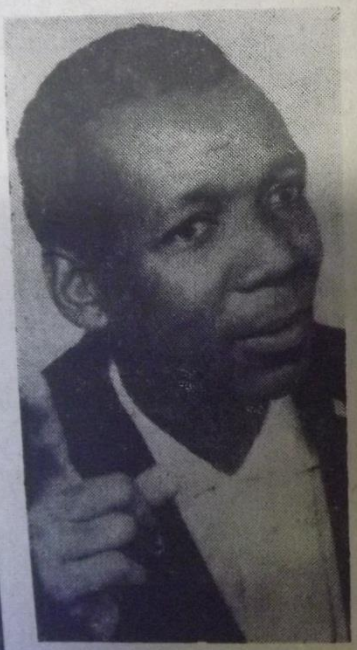
Figura 34: Jornal do Commercio, 11/09/1966. Suplemento feminino pág. 11.

Para exemplificar a força da marca *Rozenblit* (mesmo depois da enchente), em janeiro de 1969 o *Diario de Pernambuco* divulga uma lista com as melodias mais procuradas nas lojas de disco do Recife (no período de cinco dias entre o final de 1968 e o início de 1969). Das doze mais procuradas três eram gravações da Rozenblit. O primeiro lugar

era Roberto Carlos pela CBS (DIARIO DE PERNAMBUCO, 07/01/1969 pág. 05).

DISCOLÂNDIA

Mário SABINO



NORIEL VILELA, O NOVO OSWALDO NUNES

Outro cantor "colored" que, a principio não causou boa impressão aos "experts", agora, encontra-se nas paradas de sucesso com uma composição de Edenal Rodrigues:

MELODIAS MAIS PROCURADAS NAS LOJAS DE DISCOS DESTA CAPITAL

(Período: 30-12-68 a 04-01-69).

— **Ninguém vai tirar você de mim** — Roberto Carlos — CBS.

— **Deixe-me outro dia, menos hoje** — Agnaldo Timóteo — Odeon.

— **Por quem estou apaixonada** — Martinha — Rozenblit.

— **Você deixa?** — Oswaldo Nunes — Equipe.

— **Eu tenho um amor maior do mundo** — Zegê — Rozenblit.

— **Bólha de sabão** — Kátia Cilene — Cbs.

— **Unica** — Moacyr Franco — Copacabana.

— **Já nem sei** — Wanderléia — CBS.

— **Oração do amor perdido** — Nilton César — Rca Victor.

— **Solução** — Os Populares — Rca Victor.

— **O homem proibido** — The Brazilian Boss — Rozenblit.

— **O Barqueiro** — The Brazilian Bitles — Phillips.

Figura 35: Diario de Pernambuco, 07/01/1969 pág. 07.

Em 1977 outro transbordamento do rio Capibaribe fechou uma sequência de outras enchentes no Recife naquela década, dessa vez de forma mais contundente para o grupo Rozenblit. A rua da fábrica estava interditada pelo Corpo de Bombeiros e a Rozenblit estava literalmente embaixo d'água. Mergulhado em dívidas, sem ter a quem recorrer, José Rozenblit enfrenta processos judiciais de 62 ex-empregados da fábrica. O empresário não cumpriu o prazo de pagamento da dívida estipulado pela justiça e foi preso em 1988. Em 1989 chega ao fim o legado daquele que transformou uma fábrica de discos no nordeste em uma concorrente respeitada por todos. Que divulgou inúmeros artistas brasileiros e que fez história no cenário da música brasileira (ALVES SOBRINHO, 1993; BARBOSA DE SOUSA/ FILHO, 2009; FRANÇA, 2011).

2.5 A CHEGADA DA TELEVISÃO NO RECIFE

Em junho de 1960 são inauguradas duas emissoras de televisão no Recife: a *TV Rádio Clube* (que fazia parte do

conglomerado Diários Associados[17], presidido por Assis Chateaubriand) e a *TV Jornal do Commercio* (que tinha como acionário majoritário o senhor F. Pessôa de Queiroz). A empreitada foi arrojada, pois envolveu importação de maquinário de ponta no exterior (o que implicava em aplicação de muitos recursos financeiros sem garantia de retorno a curto e médio prazos) e uma corrida contra o tempo, pois ambas queriam se tornar pioneiras em Pernambuco (CASTELÃO, 1999).

Em janeiro de 1959, o coordenador de relações públicas da *RCA Victor*, Jorge Ramirez de Arellano, vem ao Recife para analisar as instalações da "TV Associada" e explicar as razões do êxito da aparelhagem americana de TV (DIARIO DE PERNAMBUCO, 28/01/1959). Ao mesmo tempo Pessôa de Queiroz adquiria a concessão para implantar a *TV Jornal do Commercio* e importou da Inglaterra (considerada à época a mais avançada indústria no ramo), não dos Estados Unidos, como a concorrente, todo o maquinário necessário para "uma emissora supermoderna" (CASTELÃO, 1999, p. 120). O mesmo autor afirma que era frequente a visita de curiosos em conhecer: "a mais moderna emissora de televisão do Brasil" e que "os próprios artistas do sul que

[17] Mais informações sobre o *Diários Associados* no primeiro capítulo página 57 e 58.

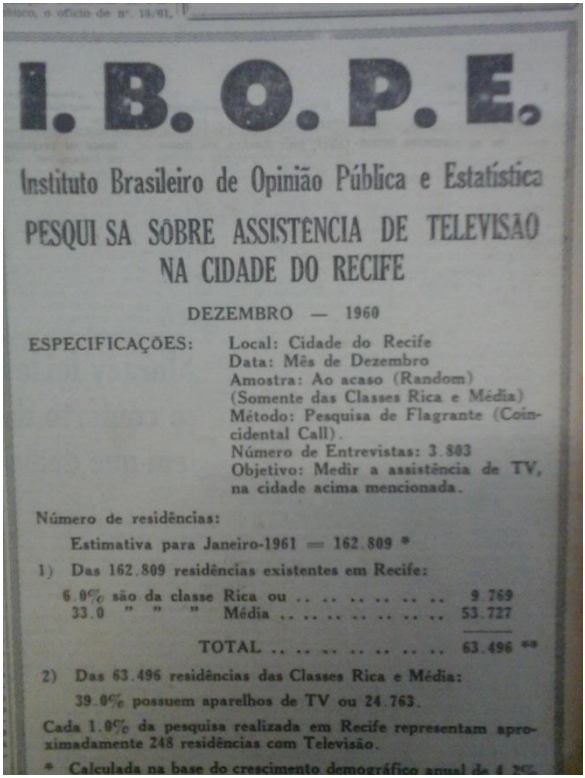
vinham se apresentar no Recife, ficavam empolgados com o que viam" (Idem, p.131).

A *TV Jornal* inicia seu período de transmissão experimental em fevereiro de 1960 e anuncia seu pioneirismo no *Jornal do Commercio* em 21/02/1960. Em março, o mesmo jornal anuncia que a *TV Jornal* está sendo captada em todo o nordeste, em alguns estados do sul e nos países da América do Sul como Argentina e Uruguai (JORNAL DO COMMERCIO, 15/03/1960). Mas mesmo com todo esse potencial a *TV Jornal* perdeu a corrida pelo pioneirismo. Mesmo estando apta a ser inaugurada, o empresário Pessôa de Queiroz só admitia uma inauguração com a presença do presidente da República, na época Juscelino Kubitschek. O presidente demorou e a *TV Rádio Clube* aproveitou para fazer sua inauguração em 11 de junho de 1960. Oito dias depois, sem a presença de Juscelino, Pessôa de Queiroz inaugura a *TV Jornal do Commercio*. Estava dessa forma o estado de Pernambuco dotado de duas emissoras de televisão, sendo pioneiro em todo o norte e nordeste (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1º de junho de 1960; CASTELÃO, 1999; REZENDE, 2002).

Logo em suas primeiras transmissões a programação já apresentava cartazes alusivos à Bossa Nova. Em junho de 1960, nas primeiras programações anunciadas (e divulgadas no

jornal) a *TV Rádio Clube* apresentava o programa *SERENATA EM BOSSA NOVA*, que ia ao ar aos sábados das 21h50 às 22h20. Ainda no mesmo mês o cantor Juca Chaves se apresenta na *TV Clube* em um "festival de Bossa Nova". Em julho do mesmo ano é lançado no mesmo canal o programa: *CLUBE DA BOSSA NOVA*, que prometia revolucionar a televisão apresentando unicamente moças e rapazes da sociedade recifense "cantando e tocando (violão apenas) em autêntico estilo <bossa nova>". Em outra nota, falando das moças e rapazes que tocavam e cantavam no programa (todos amadores) o *Diario* revela que eles "de fato lideram no Recife esse movimento musical que se alastra cada vez mais em todo o país" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 18/06, 28/06, 02/07 e 09/07 de 1960).

Em outubro de 1960 o programa *CLUBE DA BOSSA NOVA* passa a ser patrocinado pela PHILIPS e ganha ainda mais força. Em fevereiro de 1961 O *Jornal do Commercio* revela uma pesquisa feita pelo IBOPE que apresenta os números da quantidade de aparelhos de TV no Recife. Das 63.496 residências das "classes média e rica" 39% possuíam aparelhos de televisão.



I. B. O. P. E.

Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

PESQUISA SÔBRE ASSISTÊNCIA DE TELEVISÃO NA CIDADE DO RECIFE

DEZEMBRO — 1960

ESPECIFICAÇÕES:
Local: Cidade do Recife
Data: Mês de Dezembro
Amostra: Ao acaso (Random)
(Somente das Classes Rica e Média)
Método: Pesquisa de Flagrante (Coincidental Call).
Número de Entrevistas: 3.803
Objetivo: Medir a assistência de TV, na cidade acima mencionada.

Número de residências:

Estimativa para Janeiro-1961 = 162.809 *

1) Das 162.809 residências existentes em Recife:

6.0% são da classe Rica ou 9.769
33.0 " " " Média 53.727

TOTAL .. .. 63.496 **

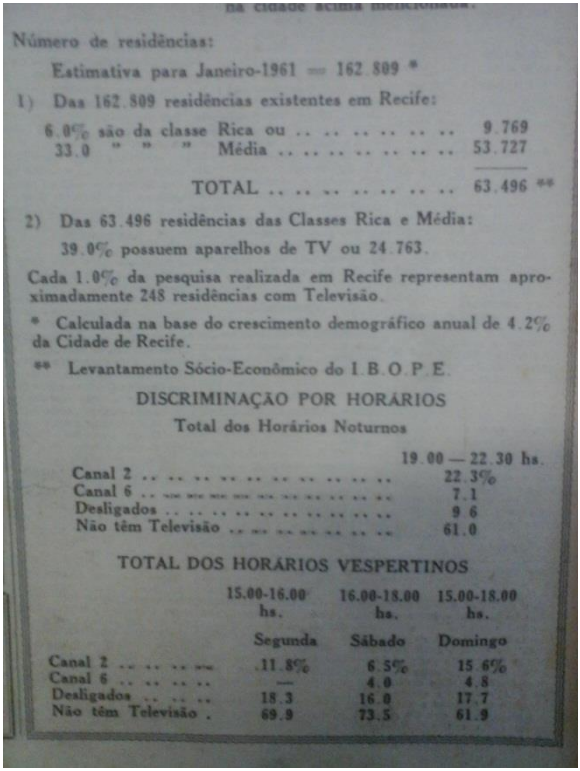
2) Das 63.496 residências das Classes Rica e Média:

39.0% possuem aparelhos de TV ou 24.763.

Cada 1.0% da pesquisa realizada em Recife representam aproximadamente 248 residências com Televisão.

* Calculada na base do crescimento demográfico anual de 4.2%

Figura 36: Jornal do Commercio, 07 de fevereiro de 1961.



na cidade acima mencionada:

Número de residências:

Estimativa para Janeiro-1961 = 162.809 *

1) Das 162.809 residências existentes em Recife:

6.0%	são da classe Rica ou	9.769
33.0	" " " Média	53.727
	TOTAL	63.496 **

2) Das 63.496 residências das Classes Rica e Média:

39.0% possuem aparelhos de TV ou 24.763.

Cada 1.0% da pesquisa realizada em Recife representam aproximadamente 248 residências com Televisão.

* Calculada na base do crescimento demográfico anual de 4.2% da Cidade de Recife.

** Levantamento Sócio-Econômico do I.B.O.P.E.

DISCRIMINAÇÃO POR HORÁRIOS

Total dos Horários Noturnos

	19.00 — 22.30 hs.
Canal 2	22.3%
Canal 6	7.1
Desligados	9.6
Não têm Televisão	61.0

TOTAL DOS HORÁRIOS VESPERTINOS

	15.00-16.00 hs.	16.00-18.00 hs.	15.00-18.00 hs.
	Segunda	Sábado	Domingo
Canal 2	11.8%	6.5%	15.6%
Canal 6	—	4.0	4.8
Desligados	18.3	16.0	17.7
Não têm Televisão .	69.9	73.5	61.9

Comentando sobre esse aspecto da aquisição de aparelhos de TV e do consumo no Brasil, Mary Del Priore afirma:

> A classe média deparou-se com uma grande quantidade de novos bens de consumo e com a possibilidade de financiamento de dívidas. A utilização da televisão foi fundamental nesse processo. O Brasil emergira subitamente como um dos mais dinâmicos mercados de TV do

> terceiro mundo. As compras pelo crediário e as facilidades de aquisição de aparelhos no período, expandiram o número de domicílios com receptores – em 1960, 9,5% das residências urbanas tinham TV; em 1970 essa proporção passou para 40%. Grandes investimentos foram feitos para implantar as bases de um sistema amplo (PRIORE, 2011, p. 178).

Sobre a audiência da TV no Recife naquele início dos anos 1960, o escritor Rivaldo Paiva afirma:

> Com o advento da televisão, as pessoas começaram o cultivo do hábito de se ligar nos canais 2 e 6 – TV JORNAL DO COMMERCIO e TV RÁDIO CLUBE, respectivamente - , para assistirem luxuosos programas de auditório ou seriados, tudo em preto – e – branco (PAIVA, 2002, p. 51).

Embora alguns autores, como Alfredo Borba, afirmem que a chegada do videoteipe se deu em meados de 1963 no Recife, o *Diario de Pernambuco* anunciava, já em Novembro de 1960, a chegada de programas enviados do Rio e São Paulo para serem apresentados ao público pernambucano pelo canal 6, por possuir "a única aparelhagem de 'Tapes' do nordeste" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 05/11/1960; ALFREDO BORBA in REZENDE, 2002). Em nota no jornal em 1964, o *Diario* confirma esse pioneirismo e

simultaneidade entre programas ao vivo e com utilização de videoteipe.

O VIDEO - TAPE DO CANAL 6

O VIDEO TAPE não é novidade alguma nos dias atuais. Desde o início de suas atividades a Tv Rádio Clube operava com êsse sistema, recurso técnico empregado em várias emissoras do mundo e sempre levou aos telespectadores notáveis programas dos mais distantes rincões de nossa terra. Através do vídeo-tape, assistimos ao primeiro espetáculo com gente nossa que foi TERRA DOS ALTOS COQUEIROS, roteiro de Severino Barbosa, realização Guilhermo Rubiano.

A seguir, tivemos aquele sucesso que foi GOLIAS, dominando as noites dos sábados recifenses. E outros e outros trabalhos foram levados ao vídeo, através daquela moderna aparelhagem, tendo como responsavel técnico o sr. José Leão, conhecedor profundo do assunto, que vem conosco até os dias atuais. Vários teatros têm sido gravados e enviados para o Sul do País e as cartas atestam o valor da nossa equipe técnica e artística, elogiando a boa gente da Tv Rádio Clube de Per-

—):0:(—

Figura 37: Diario de Pernambuco, 18 de fevereiro de 1964. Primeiro caderno, página 09.

A produção local foi paulatinamente perdendo espaço para as produções nacionais e, ao mesmo tempo, o público recifense foi tendo contato mais direto com a música da Bossa Nova apresentada nesses programas. Em outubro de 1961 a *TV Rádio Clube* anuncia a transmissão aos domingos do programa apresentado pela cantora Bibi Ferreira: *BRASIL 61* (que passaria a se chamar *BRASIL 62*, e assim por diante, na medida em que se passavam os anos), que trazia muitos cantores da Bossa Nova, tão em voga naqueles anos, como Os Cariocas, Sylvinha Telles, Sérgio Ricardo, Dick Farney,

Alaíde Costa e o próprio João Gilberto. O maestro Edson Rodrigues, em entrevista realizada para esse trabalho[18], revela sua insatisfação quanto à chegada do videoteipe no Recife: "Não sei qual foi a época da Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações). Ela foi muito boa para o Brasil, mas particularmente para o nordeste ela foi muito má, porque ela acabou com o pouco que nós fazíamos".

Edson Rodrigues (*29/03/1942) é um dos fundadores da Banda Municipal do Recife da qual também foi regente. Foi presidente do Sindicato dos Músicos e professor do Conservatório Pernambucano de Música onde se aposentou. Ganhou inúmeros prêmios em concursos de músicas carnavalescas, sendo talvez a mais famosa *Roda e Avisa*, uma homenagem a Chacrinha, composta em parceria com J. Michiles. Em 1965 foi eleito pela crítica especializada como o melhor saxofonista de jazz e bossa nova do Nordeste[19]. Na década de 1970 foi saxofonista e arranjador da *TV Jornal do Commercio* e da extinta *TV Tupi*. É membro fundador da Academia Pernambucana de Música. Bastante atuante na cena musical pernambucana, é componente da *CONTRABANDA*,

[18] Entrevista concedida no dia 27 de Agosto de 2014, na escola de música TRITONIS, no Recife.

[19] Embora os dois livros citados nesse trabalho, que relatam um pouco de sua biografia, citem "Bossa Nova", Edson Rodrigues afirma que o prêmio era de melhor saxofonista de MPB.

quarteto de música instrumental bastante reconhecido no cenário local, criado na década de 1980, com um repertório voltado ao jazz e que inclui Bossa Nova [ainda hoje, segundo o próprio Edson] (PHAELANTE, 1997; AMORIM 2006).

O maestro Zé Gomes afirma que a produção local de programas de auditório (todos ao vivo) era muito representativa. No canal 2 havia o *VOCÊ FAZ O SHOW*, com Fernando Castelão, *BOSSA 2*, *NOITE DE BLACK TIE* e um programa dedicado exclusivamente à Bossa Nova: *RECIFE MODÉSTIA À PARTE* com Zezito Neves. Zé Gomes era o pianista da *TV Jornal* e consequentemente tocava em todos esses programas com o seu grupo: SAMBOSSA TRIO (Zé Gomes no piano, Chagas no contrabaixo e Walter Moura na bateria). É sobre essa produção local, com participação de músicos tocando Bossa Nova nas televisões e nos clubes da cidade, além das críticas de lançamentos de discos e acontecimentos culturais publicados nos dois principais jornais da época, que trata o capítulo seguinte.

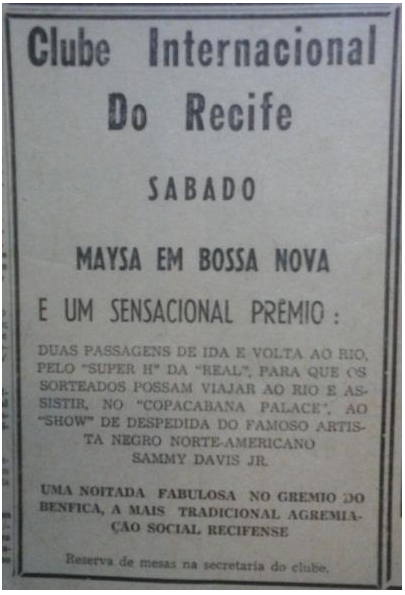
3. A BOSSA NOVA NA CAPITAL PERNAMBUCANA

3.1 A CHEGADA DA BOSSA

Em 11 de janeiro de 1959, na coluna intitulada RONDA DOS DISCOS, o *Diario de Pernambuco* divulga uma lista com os melhores artistas da música do ano anterior (1958), na opinião do jornal. A citada lista seria enviada ao *Clube dos Cronistas*, entidade sediada no Rio de Janeiro que promovia concurso anual com os melhores da música escolhidos por colunistas de todo o país. Na lista Sylvia Telles era a melhor cantora, Agostinho dos Santos o melhor cantor e Tom Jobim o melhor compositor. A coluna não informa quem votou nem quantos votos foram computados. O resultado nacional dava o título de melhor cantora a Sylvia Telles (derrotando Maysa por dez votos). Na eleição local a *MOCAMBO* era eleita como melhor gravadora. Era uma clara demonstração de que a música que depois seria denominada de Bossa Nova já havia alcançado o público especializado na mídia local recifense (DIARIO DE PERNAMBUCO, 11 de janeiro de 1959).

Embora derrotada no concurso nacional de cronistas, Maysa era muito requisitada nos palcos dos grandes clubes do

Recife. No mês seguinte ao resultado do concurso, o *Clube Náutico Capibaribe* anuncia um *show* de Maysa com orquestra do Rio de Janeiro. Esse seria apenas um dos inúmeros outros que a artista faria na capital pernambucana, inclusive sendo anunciada muitas vezes como "cantora Bossa Nova". Em julho do mesmo ano Maysa alcança o primeiro lugar de discos mais vendidos com *Recado*, distribuído pela gravadora RGE (DIARIO DE PERNAMBUCO, julho de 1959).



Clube Internacional
Do Recife

SABADO

MAYSA EM BOSSA NOVA

E UM SENSACIONAL PRÊMIO :

DUAS PASSAGENS DE IDA E VOLTA AO RIO, PELO "SUPER H" DA "REAL", PARA QUE OS SORTEADOS POSSAM VIAJAR AO RIO E ASSISTIR, NO "COPACABANA PALACE", AO "SHOW" DE DESPEDIDA DO FAMOSO ARTISTA NEGRO NORTE-AMERICANO SAMMY DAVIS JR.

UMA NOITADA FABULOSA NO GREMIO DO BENFICA, A MAIS TRADICIONAL AGREMIAÇÃO SOCIAL RECIFENSE

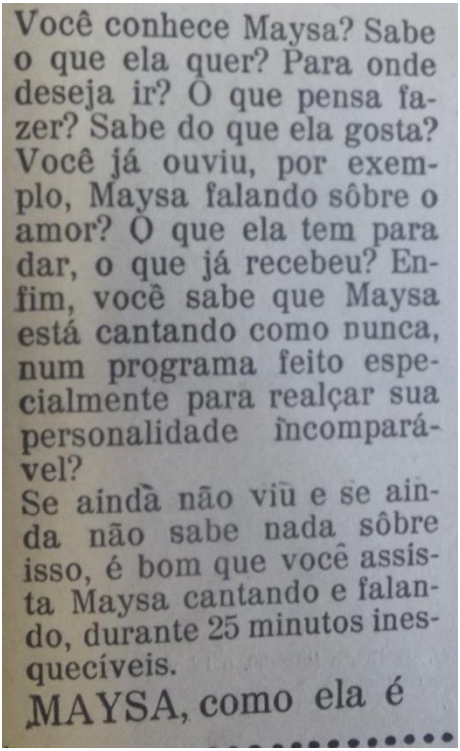
Reserva de mesas na secretaria do clube.

Figura 38: Diario de Pernambuco 11 de junho de 1960.

Em 1963 Maysa ainda é sucesso no Recife assim como no Rio e São Paulo. Um programa de televisão é lançado

com Maysa. Intitulado *MAYSA COMO ELA É*, o cartaz no jornal incita o público a desvendar a personalidade da cantora.

Figura 39: Diario de Pernambuco 29 de maio de 1963.


Você conhece Maysa? Sabe o que ela quer? Para onde deseja ir? O que pensa fazer? Sabe do que ela gosta? Você já ouviu, por exemplo, Maysa falando sôbre o amor? O que ela tem para dar, o que já recebeu? Enfim, você sabe que Maysa está cantando como nunca, num programa feito especialmente para realçar sua personalidade incomparável?
Se ainda não viu e se ainda não sabe nada sôbre isso, é bom que você assista Maysa cantando e falando, durante 25 minutos inesquecíveis.
MAYSA, como ela é

Em maio de 1959 o *Jornal do Commercio* anunciava o sucesso do filme "Orfeu Negro" no Festival de Cannes, fazendo referência ao "samba" de Vinícius de Morais e Tom Jobim (*Felicidade*) e inclusive publicando a letra da canção, justificando a atitude por se tratar a letra de Vinícius de uma "poesia" (JORNAL DO COMMERCIO, 17 de maio de 1959). No mês seguinte o mesmo jornal publica uma nota em que elogia João Gilberto afirmando que o mesmo era: "uma espécie de Mário Reis mais moderno e de quem a música

nacional estava precisando para determinar uma fase, um tempo sem arabescos" (JORNAL DO COMMERCIO, 04 de junho de 1959). Em agosto do mesmo ano o *Diario de Pernambuco* anunciava que os maiores sucessos do momento no Rio de Janeiro eram duas músicas de Tom Jobim e Vinícius (*Eu sei que vou te amar* e *Felicidade*), sendo gravadas por Sylvia Telles e Zezé Gonzaga, dentre outros artistas. O Rio de Janeiro era naquela época a capital federal e concentrava uma grande parte da produção fonográfica do país. O sucesso de um artista no Rio acabava reverberando no resto do Brasil e com a Bossa Nova não foi diferente. O colunista do *Diario*, que utilizava o codinome PETER PAN, afirma que os publicitários criaram o termo BOSSA NOVA e que a mesma está para a música popular assim como "as criações de Portinari para os padrões clássicos da pintura da renascença ou as concepções arquitetônicas de Niemeyer no panorama da engenharia moderna" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 10 e 13 de setembro de 1959). Estava claro que a Bossa Nova havia chegado no Recife.

No entanto, na opinião de dois dos entrevistados para essa pesquisa, maestro Duda e maestro Zé Gomes, ela já estava no Recife fazia algum tempo. Maestro Duda afirma:

> Quando a Bossa Nova surgiu a gente aqui em Pernambuco já fazia música Bossa Nova. Senô (refere-se ao trombonista e compositor Senival Bezerra do Nascimento) fazia muita música, a gente dizia que era música troncha. Vilarim fez um samba que foi um sucesso medonho, inclusive foi gravado por Dóris Monteiro [...] Normando (Santos) dava canja com a gente no (Clube) Náutico, no conjunto de Mastroianni. Ele cantava aquilo mesmo antes de ser Bossa Nova, cantava as música de Vilarim e tudo [...] (Maestro Duda, entrevista em 17 de outubro de 2014).

O maestro Zé Gomes corrobora com o pensamento: "toquei com Inaldo Vilarim demais, foi ele quem começou a Bossa Nova aqui. Nem existia o nome (Bossa Nova) ainda, as composições dele eram sambas bem atuais".

Todos os músicos entrevistados para essa pesquisa citaram Inaldo Vilarim quando interpelados sobre o início da Bossa Nova no Recife. E mais: todos (com exceção de Sérgio Kyrillos que foi entrevistado via *email*) cantarolaram sua música *Eu e o meu coração*, que além de gravada por Dóris Monteiro (em 1955), como citado pelo maestro Duda (que também foi seu parceiro em outras músicas), foi gravada também pelo próprio João Gilberto (CD lançado em 1991 intitulado "João"). Naná Vasconcelos afirma[20] que antes de gravá-la João Gilberto lembrava a Naná que era preciso falar

[20] Entrevista concedida ao autor em 06 de outubro de 2014 na residência de Naná Vasconcelos.

com Vilarim e pedir sua autorização. Segundo Naná, João queria gravar porque gostava demais da música além de considerá-la propriamente Bossa Nova.

Inaldo Vilarim nasceu em Limoeiro, interior de Pernambuco em 1922. Aos 14 anos começa a tocar violão e funda o grupo *Garotos da Lua*, o mesmo que teria no futuro o próprio João Gilberto como vocalista principal. Vilarim não foi ao Rio de Janeiro tentar a sorte nas rádios e cassinos do sul como fizeram seus companheiros de grupo vocal. Ficou no Recife onde fez parte do *cast* da *Rádio Clube de Pernambuco* e fundou o conjunto *Ases do Ritmo*, com o qual divulgava seu trabalho de compositor e intérprete (CASTRO, 1990; PHAELANTE, 1997). Ao que parece, mesmo de forma indireta, João Gilberto tomou conhecimento das composições de Vilarim e foi influenciado pela maneira de cantar do *Garotos da Lua* a partir do momento que se tornou integrante do conjunto vocal em 1950.

Segundo Ruy Castro:

> Os Garotos eram tidos como o mais brasileiro dos conjuntos – não porque fossem nordestinos, mas só porque, ao contrário dos outros, não viviam cantando músicas

> americanas. Isto é, não as cantavam em inglês. Mas não tinham nada contra as versões de Inaldo Villarim para 'Caravan' e 'In the mood', que chegaram a gravar em 1946... (CASTRO, 1990, p. 56).

A maioria dos entrevistados relembra que havia no Recife alguns conjuntos de baile que se reversavam tocando na noite dos principais clubes da cidade. Em julho de 1960 o *Diario de Pernambuco* anuncia uma festa intitulada "Uma noite em Bossa Nova". No anúncio o conjunto de José Menezes aparecia como responsável pelas danças. Segundo o maestro Duda existiam uns cinco ou seis conjuntos mais importantes e destacados no Recife nessa época. Além do conjunto de José Menezes os mais citados nos jornais eram os conjuntos de Geraldo Rocha, Giuseppe Mastroiani, Mário Gris (nos jornais a grafia varia entre o "s" e o "z") e Fernando Borges. Mas vários entrevistados fazem referência a Inaldo Vilarim como dono de conjunto de baile também e bastante atuante. Zé Gomes afirma: "ele era o rei do baile". Já o maestro Duda afirma: "todo conjunto sabia tocar *Morena* de Vilarim", cantarola um trecho... "é uma samba bossa nova de 1957".

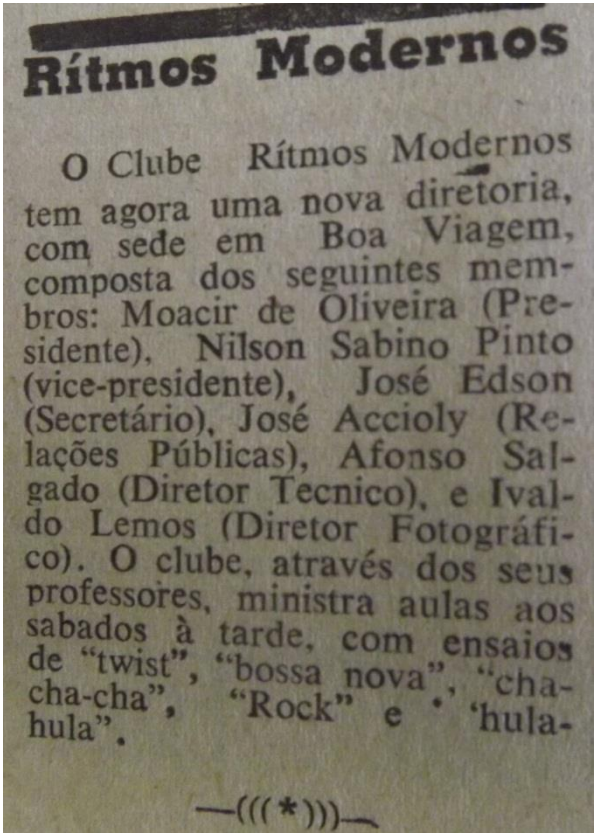
Em entrevista para essa pesquisa o baterista Maurício Chiappetta[21] afirma: “em 1958 eu já ia pras festas e já ouvia um som diferente, que era justamente o samba moderno”. Maurício afirma também que tocou no conjunto de Vilarim em 1959 e depois com Giuseppe Mastroiani e Mário Gris.

Maurício Chiappetta foi um dos bateristas mais atuantes na cena de música instrumental no Recife. É professor aposentado do Conservatório Pernambucano de Música. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1966 tocando inclusive no famoso Beco Das Garrafas, a “Meca” da Bossa Nova. De lá partiu para a Europa aonde chegou a gravar Bossa Nova. “Gravei disco de Bossa Nova lá que nem chegou aqui” (disco do cantor italiano Mario Ruska gravado pela extinta ARISTON). É componente da *CONTRABANDA*, quarteto já citado do qual faz parte como saxofonista o maestro Edson Rodrigues.

Embora sabendo que haviam inventado a “dança Bossa Nova” nos Estados Unidos (GAVA 2006), essa pesquisa constatou que a Bossa Nova como dança também acontecia no Recife. Os jornais relatam e as entrevistas confirmam o fato de que a Bossa Nova era tocada pelos conjuntos nos bailes para que as pessoas pudessem dançar.

[21] Entrevista concedida para essa pesquisa na residência do próprio Maurício em 14 de outubro de 2014.

Uma nota no *Diario de Pernambuco* em Novembro de 1962 e outra de maio de 1963 (já apresentada no capítulo 2, só que agora em destaque) exemplificam bem esse fato.



Rítmos Modernos

O Clube Rítmos Modernos tem agora uma nova diretoria, com sede em Boa Viagem, composta dos seguintes membros: Moacir de Oliveira (Presidente), Nilson Sabino Pinto (vice-presidente), José Edson (Secretário), José Accioly (Relações Públicas), Afonso Salgado (Diretor Tecnico), e Ivaldo Lemos (Diretor Fotográfico). O clube, através dos seus professores, ministra aulas aos sabados à tarde, com ensaios de "twist", "bossa nova", "cha-cha-cha", "Rock" e "hula-hula".

—(((*)))—

Figura 40: Diario de Pernambuco, 28 de novembro de 1962.

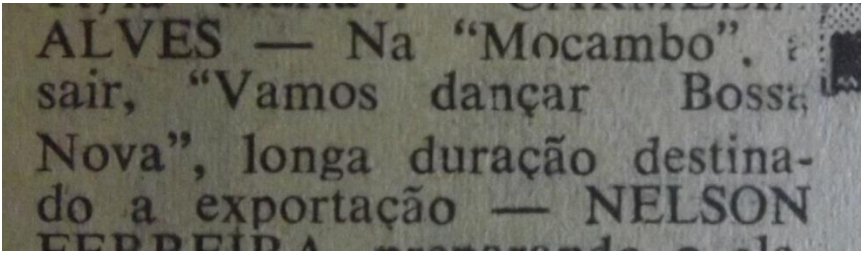

ALVES — Na "Mocambo".
sair, "Vamos dançar Bossa
Nova", longa duração destina-
do a exportação — NELSON

Figura 41: Diario de Pernambuco, 26 de maio de 1963, segundo caderno página 09.

Zé Gomes afirma: "as pessoas dançavam Bossa Nova nos bailes, todo mundo dançava". Maurício Chiappetta diz: "Todo mundo dançava Bossa Nova. Você tocava as músicas de Johnny Alf, tocava as músicas de Jobim, tocava samba canção...". Já o maestro Duda confirma: "a gente tocava Bossa Nova nos clubes pra dançar. Apesar de ser uma música intimista. Mas a gente tocava nos clubes pro povo dançar". Naná Vasconcelos explica: "a dança que se conhecia era a gafieira, e gafieira era mais para pessoas adultas. Eles tinham que arranjar um jeito de dançar Bossa Nova, pra dizer que Bossa Nova não era só música de apartamento".

Segundo Gava, o presidente da gravadora norte-americana *Audio-Fidelity*, Sidney Frey (que havia tido a ideia de realizar o *show* da Bossa Nova no Carnegie Hall em 1962), estava convencido de que a Bossa Nova era um produto maravilhoso de exportação, Porém: "o aumento da

popularidade da música, segundo ele, dependeria do sucesso da dança, para a qual acabara-se de criar (nos Estados Unidos) uma organização de ensino especializada" (GAVA, 2006, p. 62).

Em junho de 1960 o *Clube Internacional do Recife* anuncia *show* com a cantora Elisete Cardoso e o cantor Juca Chaves. No cartaz do jornal Juca Chaves é apresentado como o cantor "que no momento é a maior autoridade em músicas tipo Bossa Nova". O cantor se apresenta no canal 6 no dia 28 daquele mês (dia em que faria a apresentação no *Clube Internacional*), pouquíssimos dias antes do lançamento do programa *CLUBE DA BOSSA*, no mesmo canal.

Pouco menos de um mês depois o *Diario de Pernambuco* publica nota sobre uma entrevista realizada com três senhoritas da sociedade recifense, no canal 6, no domingo que havia passado. Uma delas (Ana Lúcia Chaves), segundo a nota, se mostrou bastante conhecedora da "música em Bossa Nova", e indagada sobre o cantor Juca Chaves foi sincera e afirmou não gostar do estilo de cantar nem das composições do "jovem artista". E foi categórica: "eu o acho muito quadrado". É claro que se trata da opinião de apenas uma pessoa, mas Juca Chaves não é citado em nenhum dos livros ou trabalhos científicos consultados para essa pesquisa como

um artista da Bossa Nova. Seu nome ficou associado ao movimento por conta da música *Presidente Bossa Nova* (um 78rpm lançado em 1960 pela RGE), uma sátira ao então presidente Juscelino Kubitschek, em que Juca Chaves utiliza a batida do violão e a instrumentação características da Bossa Nova (violão, contrabaixo, bateria tocada suavemente com baquetas de "vassoura" como no *jazz* e flauta transversal). Ao que parece, a juventude do Recife estava "antenada" com a Bossa Nova naquele início dos anos 1960 e o programa *CLUBE DA BOSSA* estava sendo lançado pela emissora para suprir um anseio dessa juventude de tocar e cantar aquilo que no momento mais lhe agradava (DIARIO DE PERNAMBUCO, 24, 28 de junho e 20 de julho de 1960).

Em 1961 essa relação do público recifense com a Bossa Nova irá se estreitar por conta de programas televisivos, como o apresentado por Bibi Ferreira (anteriormente citado), que traziam atrações nacionais relacionadas ao estilo. Eram muitos artistas que por conta dessa exposição acabavam por ser contratados pelos clubes locais recifenses e apresentavam-se em *shows* pela cidade. Em novembro de 1961 o *Diario de Pernambuco* em sua coluna social (em que relatava o sucesso do *show* de Bossa Nova de Lenny Andrade no *Iate Clube*) fala da "preferência da elite pela moderna música brasileira".

Assim como no Rio de Janeiro, a Bossa Nova era taxada de elitizada (DIARIO DE PERNAMBUCO, 1º de Novembro de 1961). O maestro Edson Rodrigues afirma: "A Bossa Nova aqui, assim como no Rio, começou nos apartamentos". O compositor parceiro de Luiz Gonzaga, Humberto Teixeira, taxava a Bossa Nova de "música para tapete" (CASTRO, 1990, p. 240). Nelson Motta relata: "aquela música de praia era chamada pejorativamente de 'música de apartamento', como se fosse uma música restrita e fechada, distante das ruas, apesar de a bossa nova ser um grande sucesso popular, que ia muito além da classe média de Copacabana" (MOTTA, 2000, p. 27).

Em dezembro daquele ano o disco *João Gilberto* (lançado pela ODEON, era o terceiro álbum do cantor), foi eleito um dos melhores de 1961 pelo cronista do *Diario*. Fazia pouco tempo que João havia estado no Recife (segundo o próprio Jornal) e segundo o mesmo jornal sua apresentação foi um sucesso. Não era a primeira vez que João havia estado no Recife:

> Meu primeiro contato com a Bossa Nova foi na *Rádio Jornal do Commercio*. No fim da década de 1950, João Gilberto veio aqui e foi um acontecimento. Totalmente desconhecido, mas tinha acabado de gravar o *Chega de Saudade*. Muita gente com uma interrogação na cabeça

> né? O que é isso? Que música é essa? O povo só conhecia samba de morro né? Ele cantou na *Rádio Jornal do Commercio* sozinho com o violão (Maestro Zé Gomes, Entrevista em 19 de Novembro de 2014).

Já o maestro Duda afirma:

> Quando começou esse negócio de Bossa Nova, João Gilberto veio aqui com Sylvinha Telles e Roberto Menescal, bem novinho na época. Fomos tocar *Desafinado*. É em Fá né? Quem me ensinou Sol com décima primeira foi Menescal (risos). Era novidade, entendeu? (Maestro Duda, entrevista em 17/10/2014).

Essa "novidade" citada pelo maestro Duda é resultado da "modernidade" trazida pela Bossa Nova. A palavra aparece muitas vezes nos textos e notas de jornal da época. Não se tratava da influência do movimento dos anos 1920, embora alguma coisa daquele movimento estivesse presente nos discursos encontrados nessas fontes. A "modernidade" aqui relatada é a mesma que aparece, por exemplo, desde a Idade Média quando começa a surgir algo fora dos padrões por algum tempo estabelecidos. Era sempre o novo, o inusitado sendo taxado de moderno.

Como vimos no capítulo 1, a Bossa Nova abriu vias

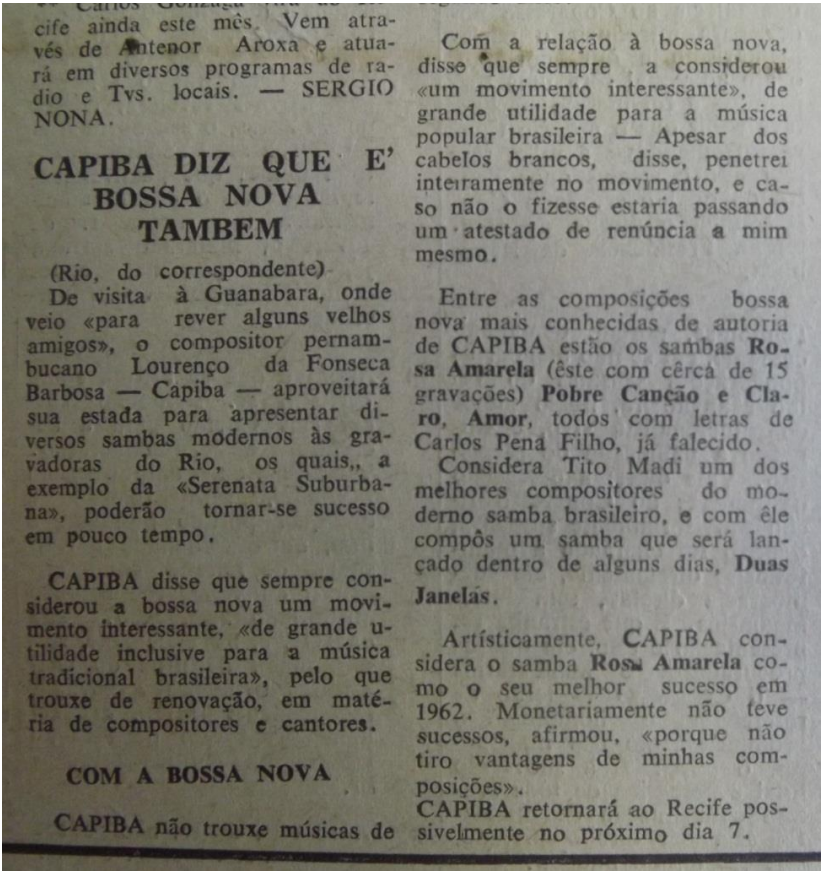
que antes (por conta da tecnologia acessível e outros fatores) eram inimagináveis. O ritmo da batida de João Gilberto, as harmonias e melodias que utilizavam dissonâncias não usuais na música popular anterior, a maneira de cantar e as letras que interagiam com a harmonia e a instrumentação musical (além da mudança de foco das mesmas), formavam um caldeirão de mudanças radicais em relação ao que se ouvia cotidianamente nas rádios. Muitos artistas e escritores relatam o impacto que a canção *Chega de Saudade*, na voz de João Gilberto (lançada nas rádios em 1959), causou em todos eles. Edu Lobo lembra-se de estar no Recife de férias quando ouviu a música pela primeira vez. Afirma ter sido tomado de uma surpresa e admiração muito fortes. Como afirma Dunn "*Chega de Saudade* marcou o início do movimento e provocou um enorme impacto sobre a música popular brasileira" (DUNN, 2008, p. 47). Era o Brasil da capital federal Brasília, do presidente "moderno" Juscelino Kubitschek e da arquitetura "moderna" de Oscar Niemeyer (embora seu estilo fosse considerado pós-modernista). "Moderno" e "modernidade" aparecem como sinônimo de atualidade. Eram os "anos dourados" (CASTRO, 1990; AGUIAR, 1993; MELLO, 2008).

Em janeiro de 1962, o *Diario de Pernambuco* em sua coluna intitulada DISCOS, faz uma reportagem especial sobre

João Gilberto e a Bossa Nova, além de publicar as letras das canções de *O Barquinho* (Roberto Menescal e Ronaldo Bôscoli) e *Coisa mais linda* (Carlos Lyra e Vinícius de Morais). Para o colunista: "consideradas como as mais importantes contribuições do ano findo" (DIARIO DE PERNAMBUCO, 07 de janeiro de 1962).

A Bossa Nova estava fervilhando no Brasil e no mundo. Como já explicado no primeiro capítulo, muita gente se aproveitou (e principalmente muitos artistas) do momento e se intitulou Bossa Nova. Era a "onda". O comércio, a propaganda, os políticos, a linguagem jovem, tudo utilizava o termo Bossa Nova se apropriando dele quando convinha. Talvez esse não seja o caso (Capiba era um compositor consolidado, com vários discos vendidos e com músicas gravadas por artistas do Brasil inteiro), mas três anos depois do escritor Ariano Suassuna prefaciar o disco do compositor Capiba, afirmando categoricamente que o mesmo não era de Bossa Nova, o próprio compositor em entrevista em janeiro de 1963 diz que: "penetrei inteiramente no movimento, e caso não o fizesse estaria passando um atestado de renúncia a mim mesmo". Embora Ariano rechaçasse a ideia de um Capiba "Bossa Nova", muitos consideravam suas canções com letra do poeta Carlos Pena Filho como autênticas músicas da Bossa.

A mais conhecida, e com inúmeras gravações, é *Rosa Amarela*[22] (ao ouvir a música na interpretação de Maysa é possível ter uma ideia melhor) como podemos constatar na reportagem abaixo.



cife ainda este mês. Vem através de Antenor Aroxa e atuará em diversos programas de radio e Tvs. locais. — SERGIO NONA.

CAPIBA DIZ QUE E' BOSSA NOVA TAMBEM

(Rio, do correspondente)

De visita à Guanabara, onde veio «para rever alguns velhos amigos», o compositor pernambucano Lourenço da Fonseca Barbosa — Capiba — aproveitará sua estada para apresentar diversos sambas modernos às gravadoras do Rio, os quais,, a exemplo da «Serenata Suburbana», poderão tornar-se sucesso em pouco tempo.

CAPIBA disse que sempre considerou a bossa nova um movimento interessante, «de grande utilidade inclusive para a música tradicional brasileira», pelo que trouxe de renovação, em matéria de compositores e cantores.

COM A BOSSA NOVA

CAPIBA não trouxe músicas de

Com a relação à bossa nova, disse que sempre a considerou «um movimento interessante», de grande utilidade para a música popular brasileira — Apesar dos cabelos brancos, disse, penetrei inteiramente no movimento, e caso não o fizesse estaria passando um atestado de renúncia a mim mesmo.

Entre as composições bossa nova mais conhecidas de autoria de CAPIBA estão os sambas **Rosa Amarela** (êste com cêrca de 15 gravações) **Pobre Canção e Claro**, **Amor**, todos com letras de Carlos Pena Filho, já falecido.

Considera Tito Madi um dos melhores compositores do moderno samba brasileiro, e com êle compôs um samba que será lançado dentro de alguns dias, **Duas Janelas**.

Artísticamente, CAPIBA considera o samba **Rosa Amarela** como o seu melhor sucesso em 1962. Monetariamente não teve sucessos, afirmou, «porque não tiro vantagens de minhas composições».

CAPIBA retornará ao Recife possivelmente no próximo dia 7.

Figura 42: Diario de Pernambuco, 06 de janeiro de 1963. Segundo caderno página 07.

[22] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-61aGW0K2Xo Acesso em 13 de fevereiro de 2015.

Capiba nasceu em Surubim-PE (Lourenço da Fonseca Barbosa *28.10.1904 – +31.12.1997), criou a Jazz Band Acadêmica na década de 1930 (tocava sax tenor) que foi muito atuante nos salões do Recife à época e chegou a se apresentar em todo o Brasil. Em 1934 começa a se apresentar nos carnavais pernambucanos com a composição *É de amargar*. Musicou versos de poetas como Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto dentre outros. Fez parte do teatro pernambucano musicando várias peças. No início da década de 1970 toma parte do Movimento Armorial comandado por Ariano Suassuna. Foi aluno de composição de Guerra Peixe (que orquestrou sua *Suíte Nordestina*) quando o mesmo se instalou no Recife. Possui cerca de trezentas músicas gravadas. Capiba ainda hoje é reverenciado no Recife e em Pernambuco. A postura de Capiba em relação à Bossa Nova naquela época representava uma opinião de peso para todos que o admiravam (PHAELANTE, 1997; AMORIM 2006).

Mas nem todo mundo era "amigo" da Bossa Nova, como já foi percebido nas citações de José Ramos Tinhorão. O radialista e compositor pernambucano Antônio Maria era colunista no Rio de Janeiro e sua coluna, assim como outras (tais como a de Nelson Rodrigues), era publicada no *Diario de*

Pernambuco. "De 1948 a 1964, Antônio Maria manteve uma popularíssima coluna em diversos jornais do Rio (*Diário Carioca*, *O Jornal*, *Última Hora* e *O Globo*)". (CASTRO, 1990, p. 87). Nos dias 05 e 08 de janeiro de 1963 o *Diario de Pernambuco* publica críticas ferozes à Bossa Nova e seus expoentes, feitas por Antônio Maria. Chama seus letristas (com exceção de Vinícius) de esquizofrênicos e recomenda que os mesmos sejam submetidos a "pesquisas cerebrais e psíquicas". Acusa sem pudor Tom Jobim de plágio e lista as músicas que seriam facilmente identificadas como reprodução de músicas norte-americanas ou composições de Chopin.

Antônio Maria Araújo de Morais (* 1º de março de 1921 – + 15 de outubro de 1964) nasceu no Recife na Rua da União. Iniciou sua carreira artística na *Rádio Clube de Pernambuco* onde foi redator, animador de auditório, produtor e locutor esportivo. No fim da década de 1940 assume o comando do departamento de produção da *Rede TUPI*, no Rio de Janeiro. No início dos anos 1950 compõe sua primeira música: *Frevo nº 1 do Recife*. Depois disso começa a compor com mais frequência e chega a ganhar o primeiro *Disco de Ouro* dedicado a um autor musical (prêmio oferecido pela

ABPD[23]: Associação Brasileira de Produtores de Discos, baseado no número de cópias vendidas de um disco) com a música *Ninguém me ama* (Sucesso na voz de Nora Ney). Foi parceiro de Fernando Lobo, Ismael Neto e Vinícius de Morais, dentre outros. Suas músicas foram gravadas por muitos intérpretes como Lúcio Alves, Dolores Duran, Agostinho dos Santos, Nat King Cole e Nelson Gonçalves (PHAELANTE, 1997; AMORIM, 2006).

Convidado por Luiz Bonfá, escreve a letra do tema do filme Orfeu de Carnaval. Surge então a música *Manhã de Carnaval*, talvez seu maior sucesso. Talvez pelo fato do filme marcar época naquele início da expansão da Bossa, a música é considerada e tocada hoje por muitos instrumentistas como uma Bossa Nova. Uma ironia já que Antônio Maria sempre tratou com desdém a Bossa Nova. Seria interessante se pudéssemos saber a opinião de Maria sobre isso.

No entanto, a Bossa Nova continuava em seu ápice de sucesso. Em junho de 1963 Nara Leão esteve no Recife e o *Diario de Pernambuco* aproveitou para entrevistá-la. Na entrevista Nara já prevê uma revolução na Bossa Nova, utilizando as letras dentro de um "nacionalismo puro" e colocando dentro das belas harmonias frases que não sejam

[23] Informações disponíveis em: http://www.abpd.org.br/sobre_apresentacao.asp. Acesso em 13/02/2015.

"meros pontos de apoio". Nara também afirma que a Bossa Nova não irá substituir o samba tradicional. Para ela há e sempre haverá espaço para todo tipo de manifestação musical. "Há público para tudo. Para o frevo e para o *twist*. Para o maracatu e para o merengue. Para o bolero e para o bumba-meu-boi". (DIARIO DE PERNAMBUCO, 19 de junho de 1963, pág. 08).

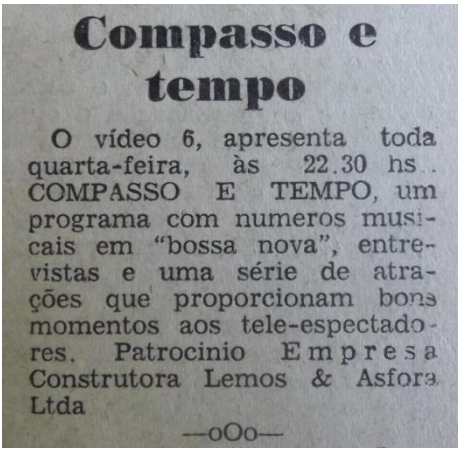
Em julho do mesmo ano um cartaz anuncia um *show* no *Clube Internacional do Recife*. Além da orquestra de Mastroiani e do conjunto de Mário Gris, é anunciado como atração Eduardo Lobo, o "REI DA BOSSA NOVA". Não foi possível descobrir de quem se tratava. Porém, na entrevista dada pela cantora Nara Leão no mês anterior, o colunista se refere aos expoentes da Bossa Nova, dentre eles: "[...] Vinícius de Morais, João Gilberto, Carlos Lira (sic), Tom Jobim, Eduardo Lobo, Rui Guerra e outros [...]". Possivelmente o colunista estivesse se referindo a Edu Lobo. Talvez fosse o mesmo Edu Lobo que estivesse se apresentando no *Internacional* naquele *show*.

Figura 43: Diario de Pernambuco, 23 de julho de 1963, página 06.

Os jornais de 1963 continuam a divulgar shows, eventos e programas de televisão que de uma forma ou de outra envolvem a Bossa Nova, como veremos em recortes abaixo. Em relação aos jornais de 1964 só foi possível o acesso até março. Por conta do golpe militar ocorrido naquele ano (e, portanto completando 50 anos em 2014), os jornais daquele período estavam interditados pelo desgaste causado por um

enorme número de consultas para pesquisas nos mais variados campos.

Porém, esse inconveniente não prejudicou de forma contundente a pesquisa, uma vez que os jornais de 1965 trouxeram muitas informações da Bossa Nova produzida e reproduzida na capital pernambucana.

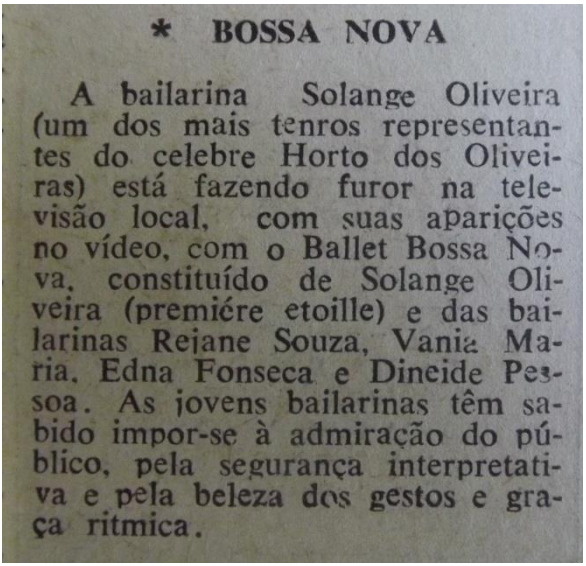


Compasso e tempo

O vídeo 6, apresenta toda quarta-feira, às 22.30 hs.. COMPASSO E TEMPO, um programa com numeros musicais em "bossa nova", entrevistas e uma série de atrações que proporcionam bons momentos aos tele-espectadores. Patrocinio Empresa Construtora Lemos & Asfora Ltda

—oOo—

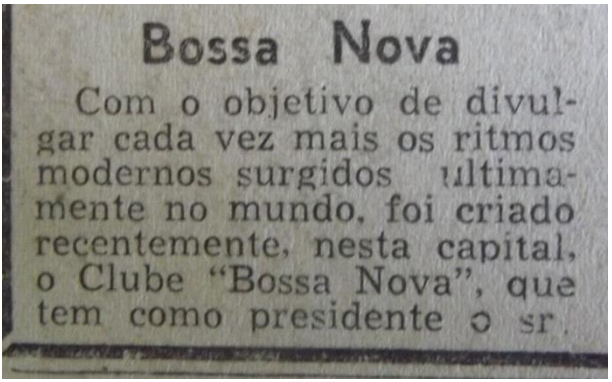
Figura 44: Diario de Pernambuco, 13 de novembro de 1963. Primeiro caderno, página 09.



* BOSSA NOVA

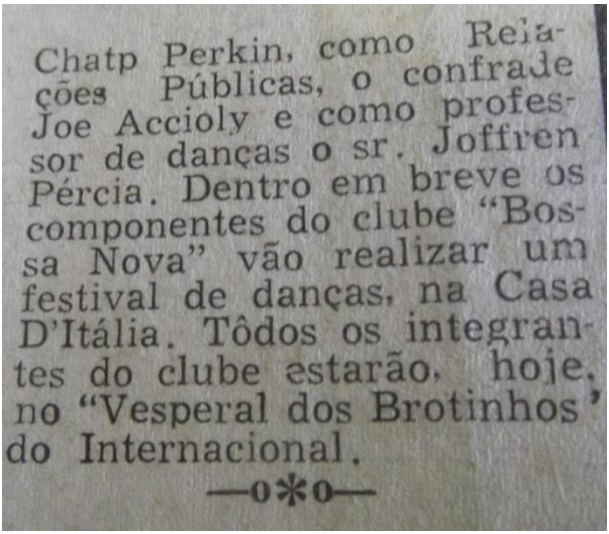
A bailarina Solange Oliveira (um dos mais tenros representantes do celebre Horto dos Oliveiras) está fazendo furor na televisão local, com suas aparições no vídeo, com o Ballet Bossa Nova, constituído de Solange Oliveira (premiére etoille) e das bailarinas Rejane Souza, Vania Maria, Edna Fonseca e Dineide Pessoa. As jovens bailarinas têm sabido impor-se à admiração do público, pela segurança interpretativa e pela beleza dos gestos e graça ritmica.

Figura 45: Diario de Pernambuco, 19 de novembro de 1963. Segundo caderno, página 03.



Bossa Nova

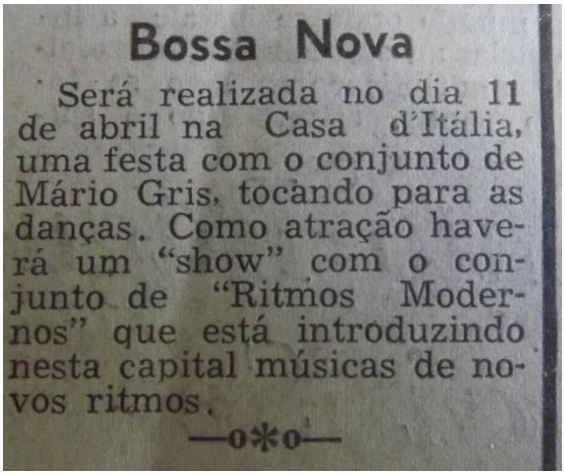
Com o objetivo de divulgar cada vez mais os ritmos modernos surgidos ultimamente no mundo, foi criado recentemente, nesta capital, o Clube "Bossa Nova", que tem como presidente o sr.



Chatp Perkin, como Relações Públicas, o confrade Joe Accioly e como professor de danças o sr. Joffren Pércia. Dentro em breve os componentes do clube "Bossa Nova" vão realizar um festival de danças, na Casa D'Itália. Tôdos os integrantes do clube estarão, hoje, no "Vesperal dos Brotinhos" do Internacional.

—o*o—

Figura 46: Diario de Pernambuco, 1º de março de 1964, página 06.

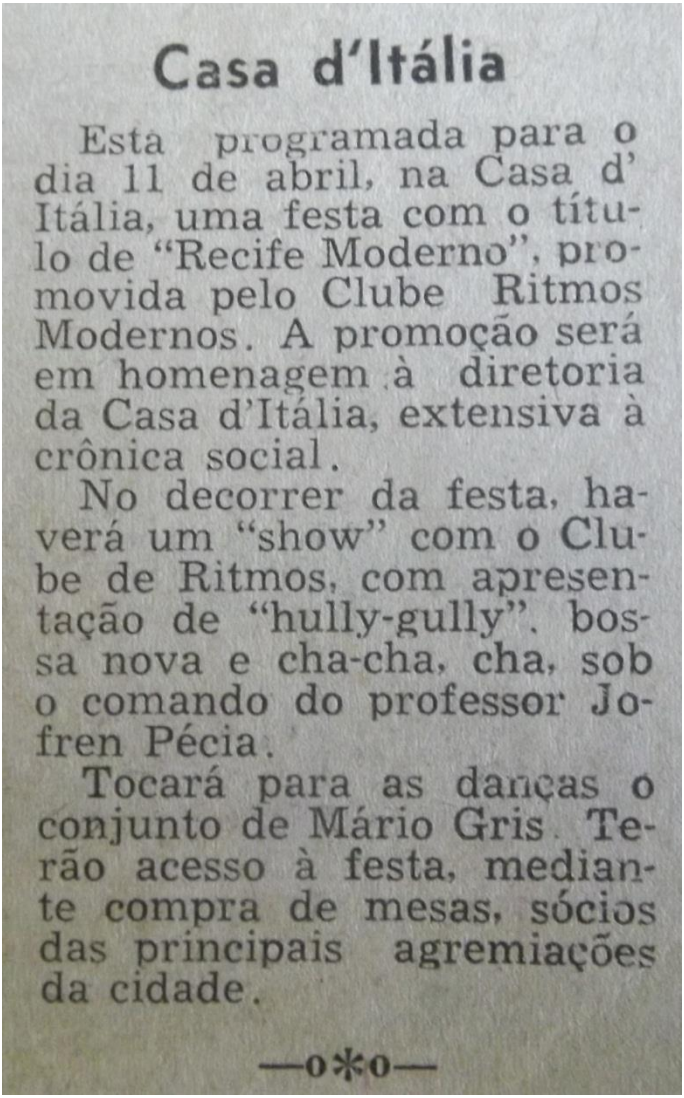


Bossa Nova

Será realizada no dia 11 de abril na Casa d'Itália, uma festa com o conjunto de Mário Gris, tocando para as danças. Como atração haverá um "show" com o conjunto de "Ritmos Modernos" que está introduzindo nesta capital músicas de novos ritmos.

—o*o—

Figura 47: Diario de Pernambuco, 13 de março de 1964, primeiro caderno página 06.



Casa d'Itália

Esta programada para o dia 11 de abril, na Casa d' Itália, uma festa com o título de "Recife Moderno", promovida pelo Clube Ritmos Modernos. A promoção será em homenagem à diretoria da Casa d'Itália, extensiva à crônica social.

No decorrer da festa, haverá um "show" com o Clube de Ritmos, com apresentação de "hully-gully", bossa nova e cha-cha, cha, sob o comando do professor Jofren Pécia.

Tocará para as danças o conjunto de Mário Gris. Terão acesso à festa, mediante compra de mesas, sócios das principais agremiações da cidade.

—o*o—

Figura 48: Diario de Pernambuco, 21 de março de 1964, primeiro caderno página 06.

3.2 1965: O ANO DA BOSSA NOVA NO RECIFE

Embora alguns autores como Rui Castro (1990), circunscrevam a Bossa Nova entre 1959 e 1964 (atribuindo a ida de Tom Jobim e João Gilberto aos Estados Unidos e a chegada da MPB e da canção de protesto como marcos do fim do movimento Bossa Nova), no Recife ela ganha força exatamente (pelo menos no que diz respeito à quantidade de notas nos jornais, *shows* e programação televisiva) no ano de 1965.

A primeira notícia encontrada em janeiro de 1965 é sobre a movimentação de um empresário local para o "Esquema 65", onde uma programação voltada ao jazz e à Bossa Nova seria apresentada no *Clube Internacional* e nas tevês locais, ainda naquele mês, tendo como atração principal a cantora Sônia Delfino (famosa pela música *Bolinha de sabão* de Orlan Divo), *Naná Show* e *Iassan* (sic). (DIARIO DE PERNAMBUCO, 06 de janeiro de 1965).

Provavelmente a matéria estava se referindo a Naná Vasconcelos e o *Yansã Quarteto* (assim ao menos é a grafia na contracapa do disco gravado em Portugal com o cantor Agostinho dos Santos e lançado pela Rozenblit, como

demonstra a figura na página 94, embora algumas vezes encontra-se grafado de outras formas nos jornais pesquisados, como assinalado no parágrafo acima). Sérgio Kyrillos relata[24] que o Yansã (Sérgio também grafa o nome do quarteto dessa forma) era formado por ele (piano), João Paulo Luca (vibrafone), Camilo Moreno (contrabaixo) e Naná Vasconcelos (bateria). Maurício Chiappetta afirma que foi baterista do quarteto antes de Naná. Maurício havia substituído Normando Pinheiro (não confundir com Normando Santos). Maurício, assim como havia feito Normando Pinheiro, muda-se para o Rio de Janeiro e Naná Vasconcelos assume a função no grupo.

Sérgio Kyrillos explica:

> O Yansã Quarteto se tornou uma referência da bossa nova em Recife e por ser um chamado "pequeno conjunto" que se prestava para o estilo bossanovista, começamos a ser procurados por cantores da bossa para acompanhá-los em suas apresentações por estas bandas. Sônia Delfino foi a primeira. Outros vieram em seguida (Sérgio Kyrillos, entrevista em 17/10/2014).

Edson Rodrigues confirma "eles tiveram uma fase muito marcante aqui". Naná Vasconcelos lembra um episódio:

[24] Entrevista concedida para essa pesquisa, via *e-mail*, por Sérgio Kyrillos em 17 de outubro de 2014.

“eu levei o Quarteto Yansã pra tocar em Sítio Novo (bairro de Olinda, divisa com Recife). Não tinha som. Trouxeram uma caixa em uma carroça (risos)”. Mas Naná Vasconcelos reafirma o sucesso que o quarteto possuía: “mas era muita gente, era sucesso porque era Bossa Nova, tocava Bossa Nova”.

Sérgio Kyrillos (*08/02/1945) ainda adolescente inicia sua vida musical e com alguns amigos cria um pequeno conjunto chamado *Elite Ritmos*. Nos anos 1960 e 1970 trabalha na *TV Jornal do Commercio* e na *TV Universitária* como produtor. Em 1966 faz sua primeira viagem para a Europa (com o *Yansã Quarteto*) onde encontra com o cantor Agostinho dos Santos e grava, pela gravadora portuguesa TECLA, o disco já citado (figura 21 páginas 93 e 94). Tocou por 25 anos em grupos de baile (*Banda Tropical*) inclusive tendo tocado algumas vezes com Inaldo Villarim. Tem por volta de 1000 discos gravados entre as funções de músico, arranjador e produtor musical para cantores da região norte/nordeste. Possui por volta de 500 peças publicitárias entre *jingles* e trilhas para comerciais de rádio e televisão. Em 1992 gravou três CDs instrumentais com 15 músicas cada, com composições de Tom Jobim, Chico Buarque e Vinícius de Moraes. O selo foi o pernambucano *Polidisc* e a distribuição foi feita pela *Sony*

Music. Uma mistura de MPB com Bossa Nova. Tais discos alcançaram a cifra de mais de 30 mil cópias vendidas[25] (Informações oferecidas pelo entrevistado).

O *Yansã Quarteto* foi contratado pela *TV Jornal do Commercio*. Segundo Kyrilllos e Naná Vasconcelos, era pra que o grupo acompanhasse artistas da bossa que vinham se apresentar ao vivo nos programas da emissora (entre eles o bailarino e cantor argentino Lennie Dale) e para ter em seu quadro um grupo local que pudesse tocar Bossa Nova sempre que preciso. Maurício Chiappetta afirma que no início não queria tocar no *Yansã*, mas pensou: "bom, eu vou tocar no canal 2". No período em que esteve na emissora Maurício afirma que viu se apresentarem no *canal 2* vários artistas relacionados à Bossa Nova: *Zimbo Trio*, *Tamba Trio*, os bateristas Milton Banana e Edison Machado, Sérgio Mendes e outros. E enfatiza: "rolava bossa nova demais aqui na televisão".

Mas não era só o *Yansã* que tocava bossa na televisão. O maestro Zé Gomes possuía um grupo, o *SAMBOSSA TRIO* (também contratado da *TV Jornal* e já citado no fim do capítulo 2). E dele também passou a fazer parte Naná Vasconcelos, depois que o baterista Walter Moura foi para Fortaleza

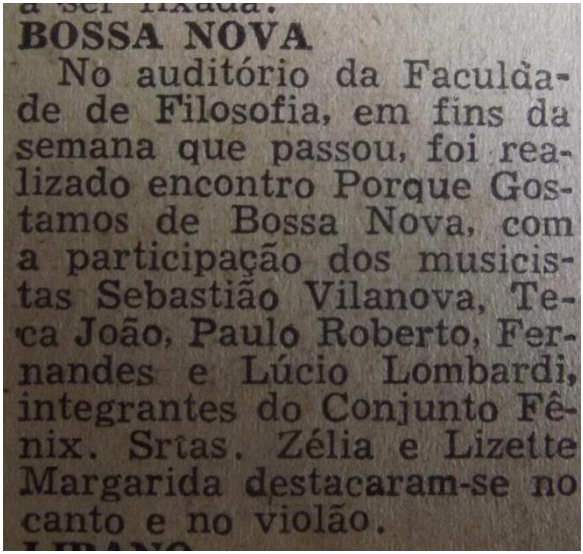
[25] Algumas destas músicas estão disponíveis em: www.youtube.com/user/MrSkyrillos. Acesso em 25 de janeiro de 2014.

acompanhar o artista *Ivanildo do Sax de Ouro*. Zé Gomes recorda que acompanhou diversos artistas de projeção nacional por ocasião de apresentações dos mesmos na televisão local. Peri Ribeiro, Maysa, Nara Leão. Em relação a Tito Madi afirma: "toquei tanto com Tito Madi que me tornei amigo do peito (risos)". O maestro também relembra que o seu trio tocava toda semana na televisão: "e música instrumental, Bossa Nova instrumental".

Em fevereiro daquele 1965 acontecia no Recife (no auditório da *Rádio Jornal do Commercio*), organizado pelo cronista Washington França, o *I Festival de Bossa & Balanço*. A coluna Ronda dos Discos, do *Diario de Pernambuco* afirma que o evento "excedeu a expectativa geral". Segundo a coluna participaram daquela apresentação "nomes de escol da Bossa Nova recifense". A reportagem cita os participantes, dentre eles Fernando Filizola (que por influência da Bossa Nova, como afirma Renato Phaelante [1997] formou o *Quinteto ZOGO*, depois fez parte dos *SIVER JETS*, junto com o cantor Reginaldo Rossi, e finalmente foi um dos fundadores do *Quinteto Violado* em 1971) Quarteto *Bossa Norte*, Sebastião Vila Nova (sociólogo e compositor, atuante no teatro, rádio e televisão recifenses, que posteriormente dirigiria o programa *RECIFE MODÉSTIA À PARTE*, no canal 2, com programação

quase que exclusivamente de Bossa Nova) e os maestros Duda e Zé Gomes. O colunista também sugere que a *MOCAMBO* aproveite a gravação feita em fita cassete por Washington França e grave um LP com ajuda da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura da cidade do Recife (DIARIO DE PERNAMBUCO, 07 de fevereiro de 1965. Segundo caderno página 11; PHAELANTE 1997; GASPAR, 2009).

Naquele mesmo mês o mesmo jornal publica uma nota que revela que uma parcela da juventude, ativa artisticamente na cidade, estava com os olhares voltados à Bossa Nova. O nome do encontro, realizado na FAFIRE, é bastante sugestivo: *Porque Gostamos de Bossa Nova* (Sobre esse encontro e suas repercussões vide página 157).



BOSSA NOVA

No auditório da Faculdade de Filosofia, em fins da semana que passou, foi realizado encontro Porque Gostamos de Bossa Nova, com a participação dos musicistas Sebastião Vilanova, Teca João, Paulo Roberto, Fernandes e Lúcio Lombardi, integrantes do Conjunto Fênix. Srtas. Zélia e Lizette Margarida destacaram-se no canto e no violão.

Figura 49: Diario de Pernambuco, 24 de fevereiro de 1965. Primeiro caderno página 06.

Sobre esse encontro Naná Vasconcelos esclarece:

> Era a turma, digamos assim, dos amigos de Jomard Muniz de Britto. Era muito mais um teatro musicado [...] eu virei baterista oficial do teatro musicado, das coisas todas e também da Bossa Nova. Eu tenho um troféu aí, de melhor baterista de Bossa Nova [...] Jomard era assim um incitador cultural da cidade, era uma época onde as artes estavam muito unidas [...] Jomard começou a criar esses *shows* alternativos, mas sempre envolvendo a Bossa Nova. Pernambuco virou assim um celeiro de curiosidades. As pessoas vinham porque sabiam que aqui tinha um negócio diferente (Naná Vasconcelos, entrevista em 06/10/2014).

Jomard Muniz de Britto (*08/04/1937) é escritor e poeta. Graduado em Filosofia iniciou sua carreira como professor da disciplina em cursos secundários e em universidades do Recife. Trabalhou com Paulo Freire em seu sistema de alfabetização nos anos 1963/64. Sempre envolvido com cinema, Jomard Muniz tornou-se amigo de Glauber Rocha e em 1958 foi passar férias na pensão da mãe de Glauber em Salvador. Glauber Rocha estava fazendo seu primeiro curta metragem: *O Pátio*. Jomar Muniz afirma[26]: "acabei sendo assistente de direção do filme por gentileza de Glauber". A amizade entre os dois se fortalece a ponto do cineasta sempre afirmar em suas entrevistas que Jomard Muniz era um dos precursores do movimento da Tropicália. Glauber Rocha também prefacia o livro de Jomard Muniz, *Do Modernismo à Bossa Nova*, que contém informações interessantes sobre a Bossa Nova praticada no Recife naqueles anos 1960 (a versão original de 1966, a única que possui um apêndice sobre os eventos de Bossa Nova realizados no Recife e Campina Grande – PB, foi gentilmente cedida por Jomard Muniz para essa pesquisa).

[26] Entrevista concedida por Jomard Muniz de Britto para essa pesquisa, no Parque 13 de Maio, (por sugestão de Jomard) no centro do Recife, em 03 de novembro de 2014.

O livro *Do Modernismo à Bossa Nova*, de Jomard Muniz, é fruto de uma pesquisa que traz uma releitura de poesias e principalmente ensaios de Mário de Andrade e uma análise de outros poetas como Manuel Bandeira e Ascenso Ferreira. Envolvido com a educação e principalmente com a filosofia educacional de Paulo Freire (de quem foi amigo e colaborador), Jomard Muniz também analisa de forma filosófica a educação resultante da influência da modernidade, utilizando o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, redigido por Fernando de Azevedo em 1932, como referencial. Chega à Bossa Nova começando por uma abordagem sobre Noel Rosa e seus reflexos "nesse movimento de renovação da música popular brasileira". Nos apêndices da primeira edição de 1966, Jomard Muniz traz uma definição pessoal do que seria a Bossa Nova e uma postura de adesão à mesma, fruto da interação com grupos do Recife assumidamente de Bossa Nova, dentre eles o *Construção* (BRITTO, 1966).

O grupo que mais aparece nesse período, nas notas e críticas nos jornais do Recife e em citações em dissertações e teses consultadas para essa pesquisa, é justamente o *Construção*. Segundo Jomard Muniz todos os componentes eram do MCP (Movimento de Cultura Popular). O *Construção* foi criado "para aparentar para a ditadura que o pessoal do

MCP não existia mais". Ainda segundo Jomard Muniz, todos os componentes do MCP eram considerados subversivos, e todos foram presos, inclusive ele. "Meus companheiros de cela eram Gregório Bezerra e Joel Câmara". Jomard Muniz foi recolhido ao Forte das Cinco Pontas e passou menos de um mês preso.

Sobre o espetáculo *Cantochão* João Denys afirma:

> Em 1965, Benjamin Santos funda o Grupo Construção, com Teca Calazans, Paulo Guimarães, José Fernandes, Marcus Siqueira e mais um grande número de postulantes. Passada a fase eufórica das reuniões, o núcleo do grupo é formado por Benjamin, Teca, Paulo, Zé Fernandes e Jones Melo. Destes, nasce o espetáculo Cantochão, na trilha do histórico Opinião e dos desdobramentos das propostas do Arena de São Paulo. Estreou no Teatro de Arena da Avenida Conde da Boa Vista, Recife, em junho, tendo uma grande repercussão (LEITE, 2012, p. 33).

Abaixo uma nota e um anúncio sobre o espetáculo:

Figura 50: Jornal do Commercio, 19 de junho de 1965. Página 16.

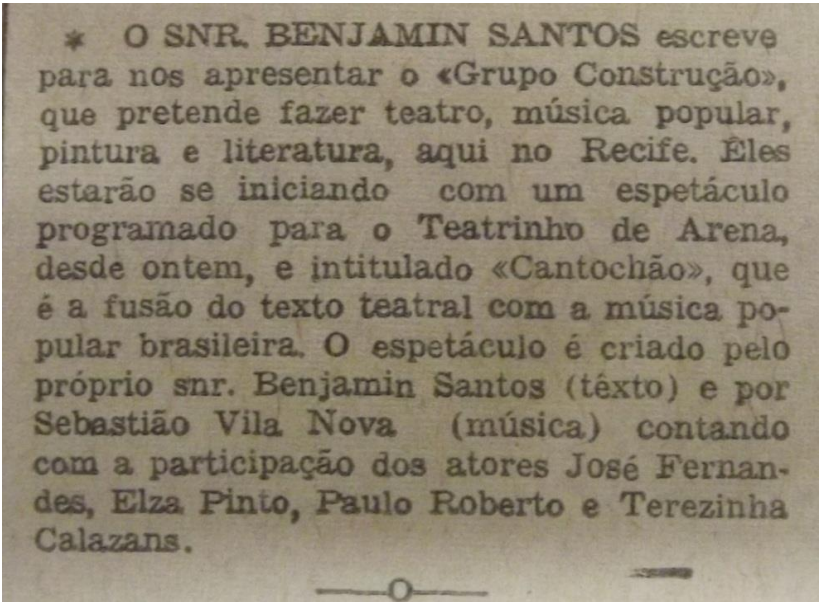

* O SNR. BENJAMIN SANTOS escreve para nos apresentar o «Grupo Construção», que pretende fazer teatro, música popular, pintura e literatura, aqui no Recife. Êles estarão se iniciando com um espetáculo programado para o Teatrinho de Arena, desde ontem, e intitulado «Cantochão», que é a fusão do texto teatral com a música popular brasileira. O espetáculo é criado pelo próprio snr. Benjamin Santos (têxto) e por Sebastião Vila Nova (música) contando com a participação dos atores José Fernandes, Elza Pinto, Paulo Roberto e Terezinha Calazans.

Figura 51: Jornal do Commercio, 16 de junho de 1965. página 06.

De fato, em sua tese de doutorado em que aborda a biografia de Benjamin Santos e sua contribuição para a memória do teatro brasileiro, Francisco Nascimento esclarece que o espetáculo *Cantochão* seguia os mesmos parâmetros do *show* "Opinião" com interlocução de outras linguagens artísticas com a música. Benjamin havia assistido o *Opinião* e absorveu a inter-relação texto-canto, considerada uma nova tendência naquela década. Tanto que "o espetáculo *Cantochão* foi apresentado na imprensa de São Paulo como o primeiro fruto do teatro Opinião, pelo jornalista Adones de Oliveira do Jornal *Folha de São Paulo*" (NASCIMENTO, 2009, p. 179).

Em relação ao encontro *PORQUE GOSTAMOS DE BOSSA NOVA* (figura 49, página 152) O *Jornal do Commercio* publica duas páginas inteiras em seu caderno suplementar no domingo dia 13. Jomard Muniz era colunista do jornal aos domingos e publicou, na íntegra, o trecho de seu livro (que seria lançado no ano seguinte) que tratava da Bossa Nova regional. Era como um manifesto. Em um texto que serviu de roteiro para o *Festival Bossa I*, realizado em Campina Grande, Paraíba, encontramos o texto: "Estamos aqui para tomar posição. Que se possa ter da Bossa Nova uma consciência verdadeiramente cultural. Esta nossa exigência mínima, nossa máxima confiança" (BRITTO, 1966, p. 133; JORNAL DO

COMMERCIO, 13 de junho de 1965, segundo caderno página 07). A continuação do texto esclarece que não se tratava de uma imitação daquilo que se ouvia oriundo de fora da região: “Reunimo-nos para ouvir e fazer Bossa Nova: não apenas para repetir mecanicamente nem mesmo para copiar inteligentemente o que (melhor) se cria em outros estados” (BRITTO, 1966, p. 134).

No domingo seguinte Jomard Muniz publica mais um trecho de seu livro, dessa vez uma entrevista de Tom Jobim que ele adaptou. Na página ao lado uma reportagem sobre o espetáculo *Cantochão* que incluía uma foto de Teca Calazans ao violão. A seguir algumas notas da opinião do colunista (Antônio Teixeira Jr) que afirma que a regionalização da Bossa Nova não foi algo restrito ao Recife.

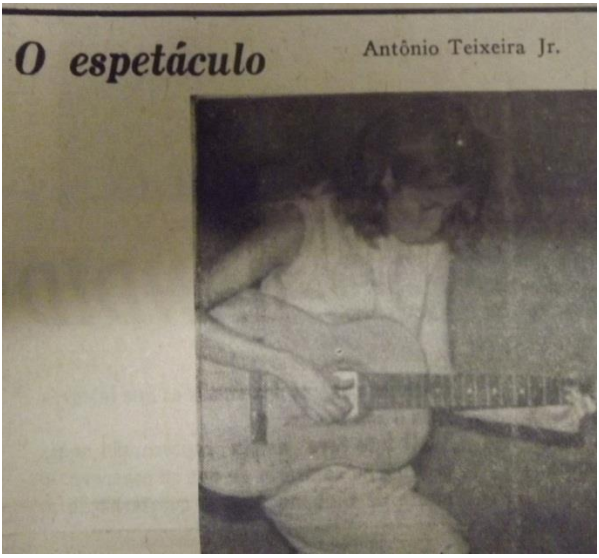
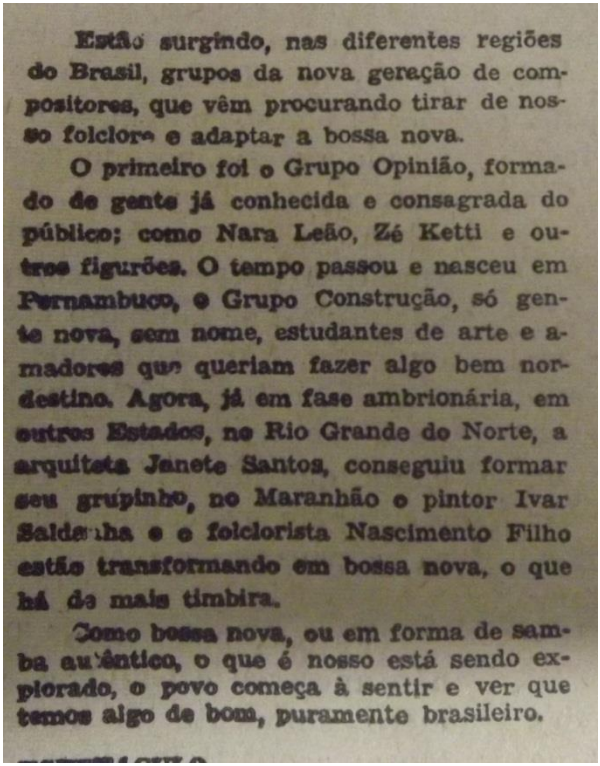


Figura 52: Jornal do Commercio, 20 de junho de 1965. Segundo caderno página 07.

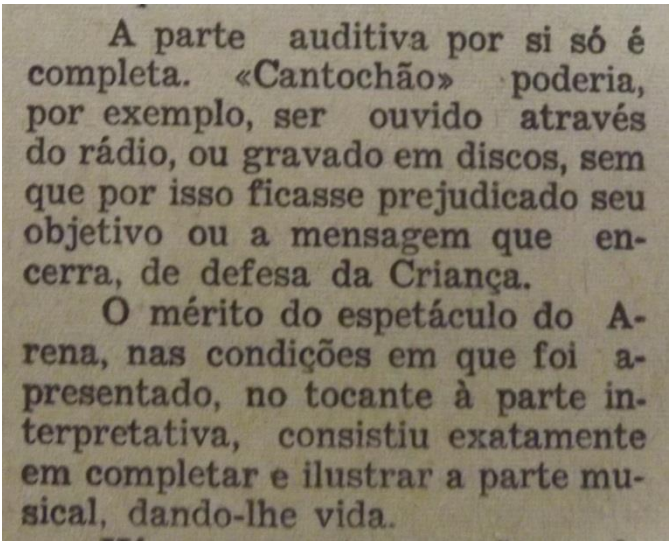


Estão surgindo, nas diferentes regiões do Brasil, grupos da nova geração de compositores, que vêm procurando tirar de nosso folclore e adaptar a bossa nova.

O primeiro foi o Grupo Opinião, formado de gente já conhecida e consagrada do público; como Nara Leão, Zé Ketti e outros figurões. O tempo passou e nasceu em Pernambuco, o Grupo Construção, só gente nova, sem nome, estudantes de arte e amadores que queriam fazer algo bem nordestino. Agora, já em fase ambrionária, em outros Estados, no Rio Grande do Norte, a arquiteta Janete Santos, conseguiu formar seu grupinho, no Maranhão o pintor Ivar Saldanha e o folclorista Nascimento Filho estão transformando em bossa nova, o que há de mais timbira.

Como bossa nova, ou em forma de samba autêntico, o que é nosso está sendo explorado, o povo começa à sentir e ver que temos algo de bom, puramente brasileiro.

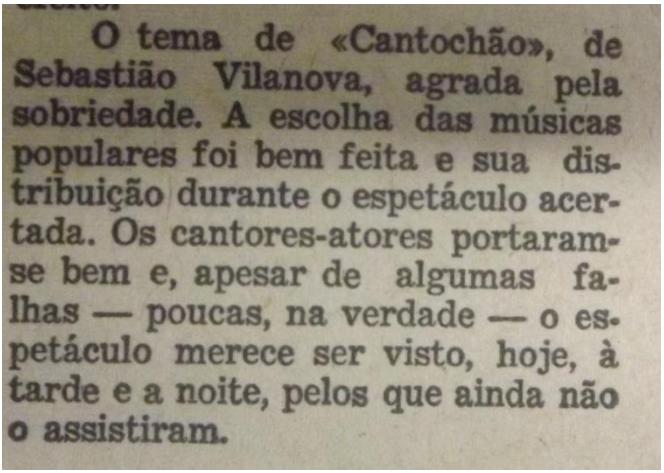
Figura 53: Jornal do Commercio, 20 de junho de 1965, segundo caderno página 07.



A parte auditiva por si só é completa. «Cantochão» poderia, por exemplo, ser ouvido através do rádio, ou gravado em discos, sem que por isso ficasse prejudicado seu objetivo ou a mensagem que encerra, de defesa da Criança.

O mérito do espetáculo do Arena, nas condições em que foi apresentado, no tocante à parte interpretativa, consistiu exatamente em completar e ilustrar a parte musical, dando-lhe vida.

Figura 54: Jornal do Commercio. Idem figura anterior.

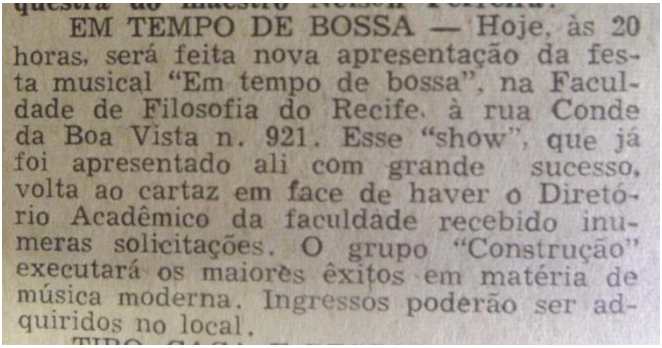


O tema de «Cantochão», de Sebastião Vilanova, agrada pela sobriedade. A escolha das músicas populares foi bem feita e sua distribuição durante o espetáculo acertada. Os cantores-atores portaram-se bem e, apesar de algumas falhas — poucas, na verdade — o espetáculo merece ser visto, hoje, à tarde e a noite, pelos que ainda não o assistiram.

Figura 55: Jornal do Commercio, Ibidem.

Em setembro o grupo *Construção*, em parceria mais uma vez com Jomard Muniz, realiza a "festa musical" *Em*

Tempo de Bossa. No cartaz abaixo se pode ler que é uma segunda apresentação, resultado do sucesso obtido na primeira vez e de inúmeros pedidos para que ocorresse novamente.

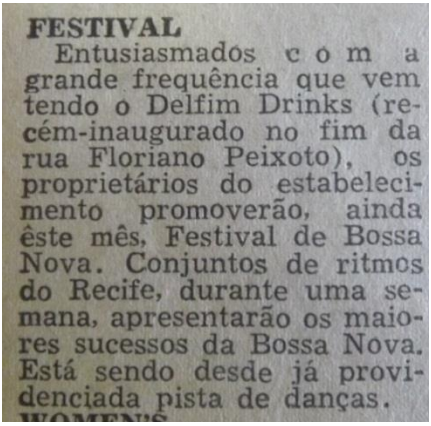


EM TEMPO DE BOSSA — Hoje, às 20 horas, será feita nova apresentação da festa musical "Em tempo de bossa", na Faculdade de Filosofia do Recife, à rua Conde da Boa Vista n. 921. Esse "show", que já foi apresentado ali com grande sucesso, volta ao cartaz em face de haver o Diretório Acadêmico da faculdade recebido inumeras solicitações. O grupo "Construção" executará os maiorès êxitos em matéria de música moderna. Ingressos poderão ser adquiridos no local.

Figura 56: Diario de Pernambuco, 04 de setembro de 1965. Primeiro caderno página 06.

Sobre essa "festa musical" Jomard relata: "Era muita gente, gente, gente... E no final eu ficava olhando, pra ver a reação das pessoas. Eu dirigia os ensaios. Vi um pessoal filmando. Achei que era televisão. Não! Era a polícia! Eles eram competentes (risos)".

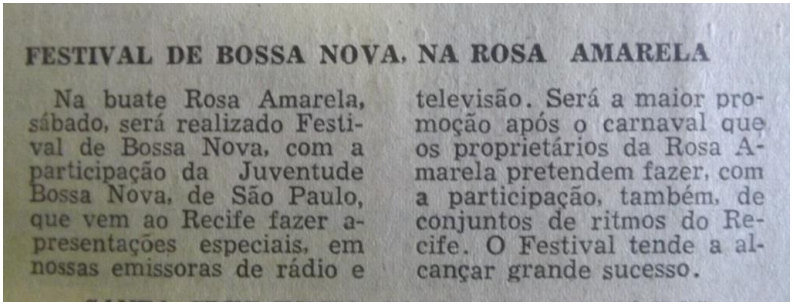
Naqueles meses de 1965 aparecem muitas notícias sobre festivais ou apresentações de Bossa Nova, como podemos constatar nas imagens a seguir:



FESTIVAL

Entusiasmados com a grande frequência que vem tendo o Delfim Drinks (recém-inaugurado no fim da rua Floriano Peixoto), os proprietários do estabelecimento promoverão, ainda êste mês, Festival de Bossa Nova. Conjuntos de ritmos do Recife, durante uma semana, apresentarão os maiores sucessos da Bossa Nova. Está sendo desde já providenciada pista de danças.

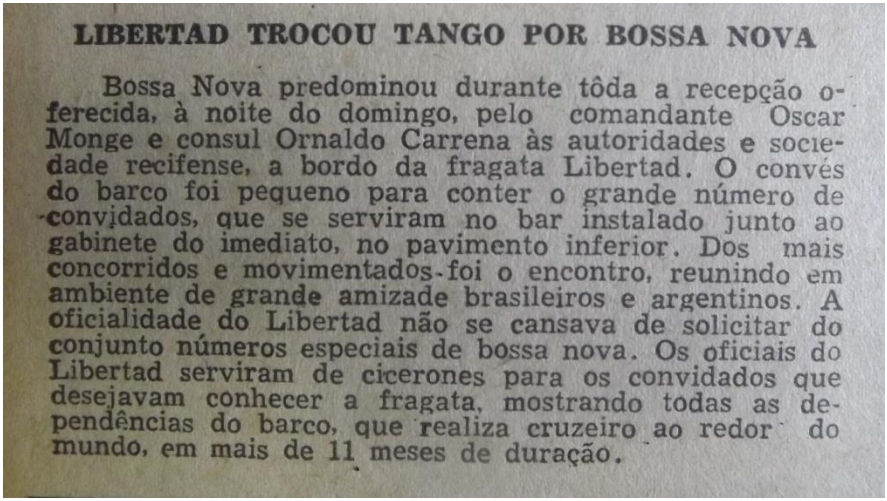
Figura 57: Diario de Pernambuco, 10 de março de 1965. Primeiro caderno página 06.



FESTIVAL DE BOSSA NOVA, NA ROSA AMARELA

Na buate Rosa Amarela, sábado, será realizado Festival de Bossa Nova, com a participação da Juventude Bossa Nova, de São Paulo, que vem ao Recife fazer apresentações especiais, em nossas emissoras de rádio e televisão. Será a maior promoção após o carnaval que os proprietários da Rosa Amarela pretendem fazer, com a participação, também, de conjuntos de ritmos do Recife. O Festival tende a alcançar grande sucesso.

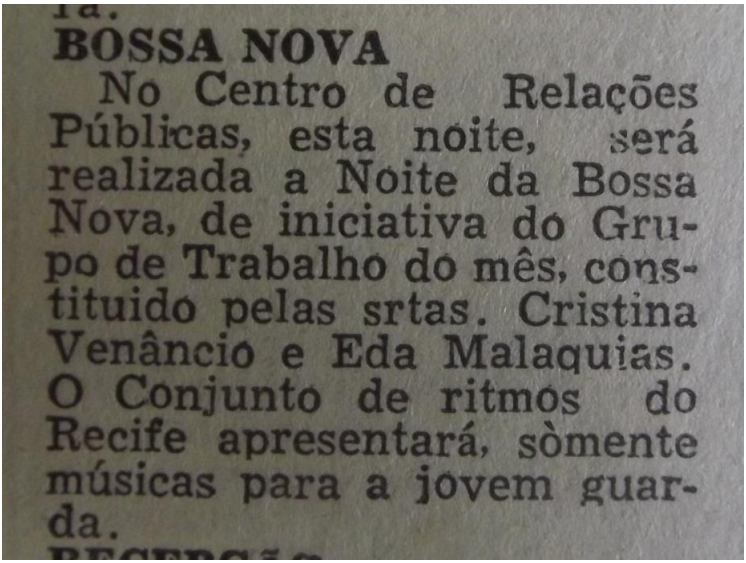
Figura 58: Diario de Pernambuco. Mesma página figura anterior. O nome da boate era uma alusão à música de Capiba, considerada uma Bossa Nova.



LIBERTAD TROCOU TANGO POR BOSSA NOVA

Bossa Nova predominou durante tôda a recepção oferecida, à noite do domingo, pelo comandante Oscar Monge e consul Ornaldo Carrena às autoridades e sociedade recifense, a bordo da fragata Libertad. O convés do barco foi pequeno para conter o grande número de convidados, que se serviram no bar instalado junto ao gabinete do imediato, no pavimento inferior. Dos mais concorridos e movimentados foi o encontro, reunindo em ambiente de grande amizade brasileiros e argentinos. A oficialidade do Libertad não se cansava de solicitar do conjunto números especiais de bossa nova. Os oficiais do Libertad serviram de cicerones para os convidados que desejavam conhecer a fragata, mostrando todas as dependências do barco, que realiza cruzeiro ao redor do mundo, em mais de 11 meses de duração.

Figura 59: Diario de Pernambuco, 13 de abril de 1965. Primeiro caderno página 06.

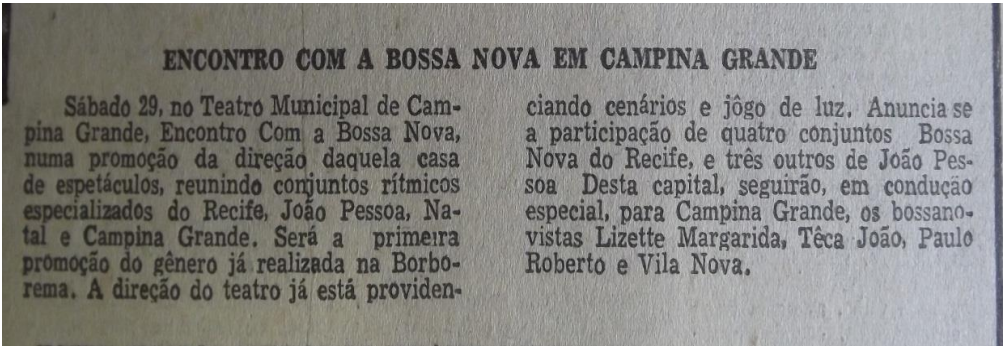


BOSSA NOVA

No Centro de Relações Públicas, esta noite, será realizada a Noite da Bossa Nova, de iniciativa do Grupo de Trabalho do mês, constituido pelas srtas. Cristina Venâncio e Eda Malaquias. O Conjunto de ritmos do Recife apresentará, sòmente músicas para a jovem guarda.

Figura 60: Diario de Pernambuco, 07 de maio de 1965. Primeiro caderno página 06.

Num encontro de Bossa Nova, realizado em Campina Grande – PB, o Recife envia quatro conjuntos especializados e ainda cantores "bossanovistas" como explica a nota a seguir:

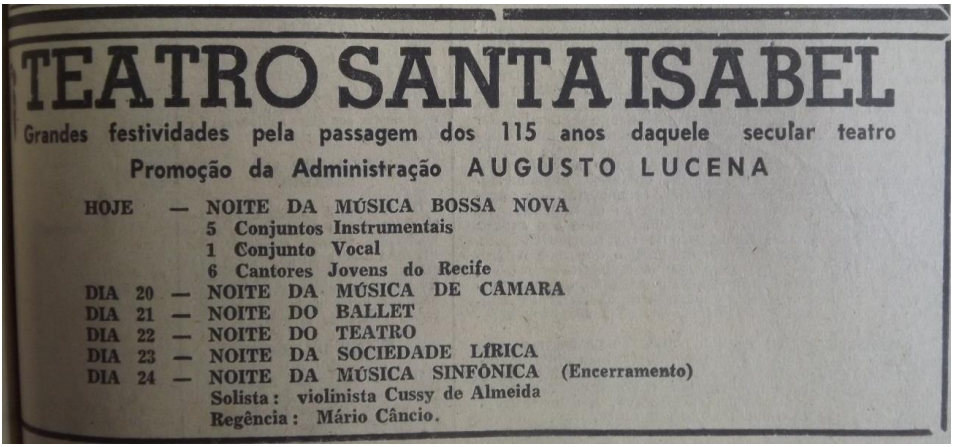


ENCONTRO COM A BOSSA NOVA EM CAMPINA GRANDE

Sábado 29, no Teatro Municipal de Campina Grande, Encontro Com a Bossa Nova, numa promoção da direção daquela casa de espetáculos, reunindo conjuntos rítmicos especializados do Recife, João Pessoa, Natal e Campina Grande. Será a primeira promoção do gênero já realizada na Borborema. A direção do teatro já está providenciando cenários e jôgo de luz. Anuncia se a participação de quatro conjuntos Bossa Nova do Recife, e três outros de João Pessoa Desta capital, seguirão, em condução especial, para Campina Grande, os bossanovistas Lizette Margarida, Têca João, Paulo Roberto e Vila Nova.

Figura 61: Diario de Pernambuco, 21 de maio de 1965. Primeiro caderno página 06.

Naquele mês de maio, por ocasião das comemorações dos 115 anos do Teatro Santa Isabel, uma das atrações seria a "NOITE DA MÚSICA BOSSA NOVA". Sendo o mais antigo e tradicional teatro da cidade, o Santa Isabel sempre foi palco de atrações ligadas à música de concerto. Na figura seguinte se pode observar as atrações para os dias subsequentes à "Noite da Bossa". Todas elas de cunho erudito. Isso talvez demonstre a força que a Bossa Nova tinha adquirido no Recife naqueles anos. Ainda hoje as atrações populares não são maioria no palco do Santa Isabel. É de se imaginar que naqueles anos essa restrição fosse ainda maior.



TEATRO SANTA ISABEL

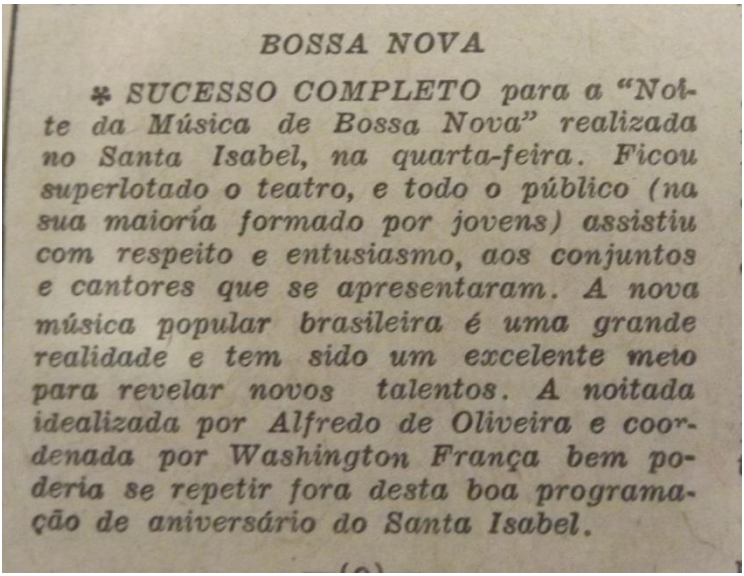
Grandes festividades pela passagem dos 115 anos daquele secular teatro

Promoção da Administração AUGUSTO LUCENA

HOJE — NOITE DA MÚSICA BOSSA NOVA
5 Conjuntos Instrumentais
1 Conjunto Vocal
6 Cantores Jovens do Recife
DIA 20 — NOITE DA MÚSICA DE CÂMARA
DIA 21 — NOITE DO BALLET
DIA 22 — NOITE DO TEATRO
DIA 23 — NOITE DA SOCIEDADE LÍRICA
DIA 24 — NOITE DA MÚSICA SINFÔNICA (Encerramento)
Solista: violinista Cussy de Almeida
Regência: Mário Câncio.

Figura 62: Diario de Pernambuco, 19 de maio de 1965. Segundo caderno página 07.

Dois dias depois o *Jornal do Commercio* publica nota em que enfatiza o sucesso do evento.

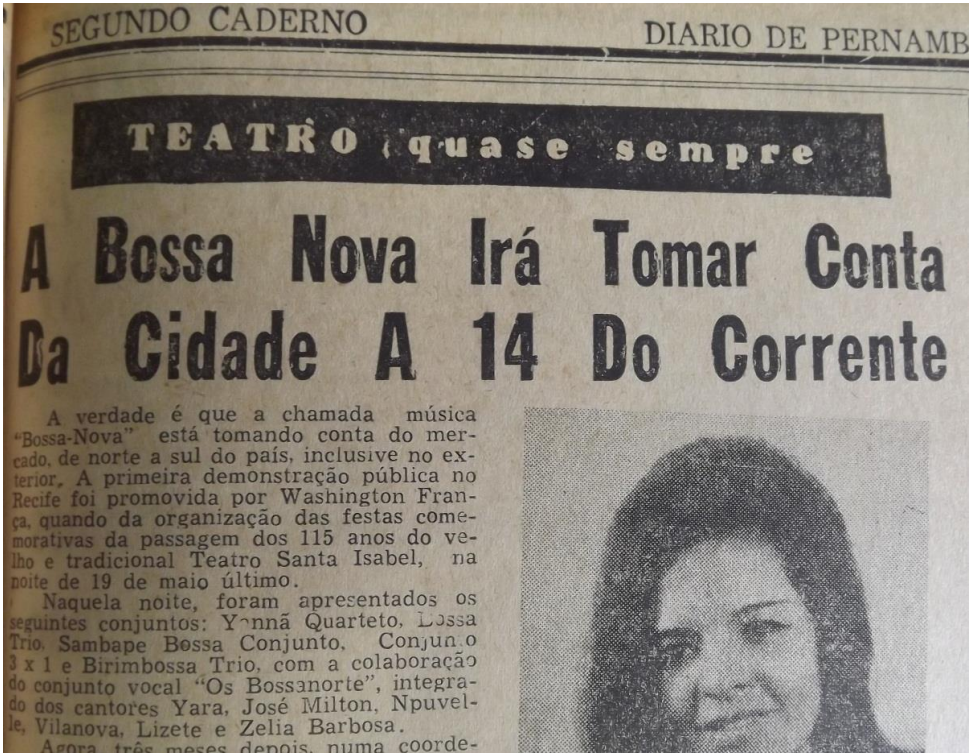


BOSSA NOVA

* SUCESSO COMPLETO para a "Noite da Música de Bossa Nova" realizada no Santa Isabel, na quarta-feira. Ficou superlotado o teatro, e todo o público (na sua maioría formado por jovens) assistiu com respeito e entusiasmo, aos conjuntos e cantores que se apresentaram. A nova música popular brasileira é uma grande realidade e tem sido um excelente meio para revelar novos talentos. A noitada idealizada por Alfredo de Oliveira e coordenada por Washington França bem poderia se repetir fora desta boa programação de aniversário do Santa Isabel.

Figura 63: Jornal do Commercio, 21 de maio de 1965. Página 06.

Três meses depois o *Diario de Pernambuco*, ao fazer matéria sobre outra noite de Bossa Nova que se realizaria no Santa Isabel, relaciona os participantes daquela apresentação de maio.



SEGUNDO CADERNO DIARIO DE PERNAMB

TEATRO quase sempre

A Bossa Nova Irá Tomar Conta Da Cidade A 14 Do Corrente

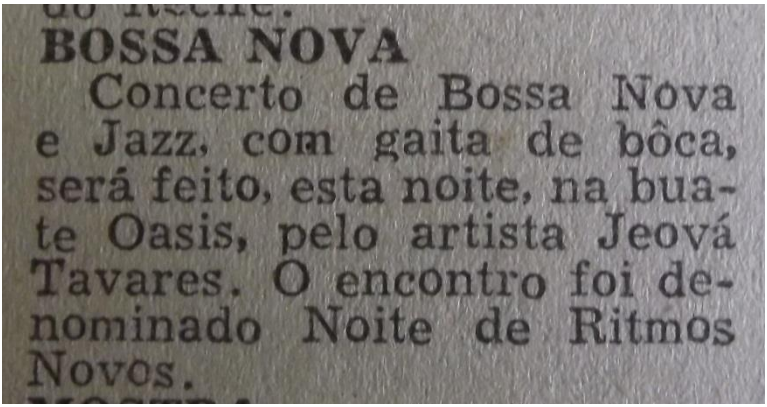
A verdade é que a chamada música "Bossa-Nova" está tomando conta do mercado, de norte a sul do país, inclusive no exterior. A primeira demonstração pública no Recife foi promovida por Washington França, quando da organização das festas comemorativas da passagem dos 115 anos do velho e tradicional Teatro Santa Isabel, na noite de 19 de maio último.

Naquela noite, foram apresentados os seguintes conjuntos: Yannã Quarteto, Bossa Trio, Sambape Bossa Conjunto, Conjunto 3 x 1 e Birimbossa Trio, com a colaboração do conjunto vocal "Os Bossanorte", integrado dos cantores Yara, José Milton, Npuvelle, Vilanova, Lizete e Zelia Barbosa.

Agora, três meses depois, numa coorde-

Figura 64: Diario de Pernambuco, 04 de agosto de 1965. Segundo caderno página 03.

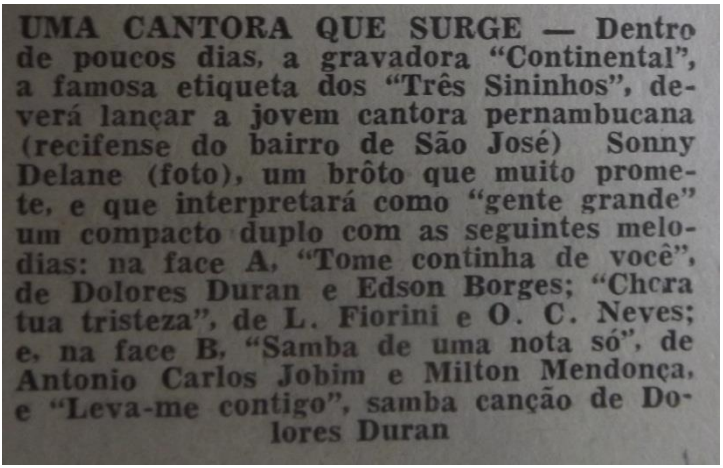
Seguem os anúncios relacionados à Bossa Nova.



BOSSA NOVA

Concerto de Bossa Nova e Jazz, com gaita de bôca, será feito, esta noite, na buate Oasis, pelo artista Jeová Tavares. O encontro foi denominado Noite de Ritmos Novos.

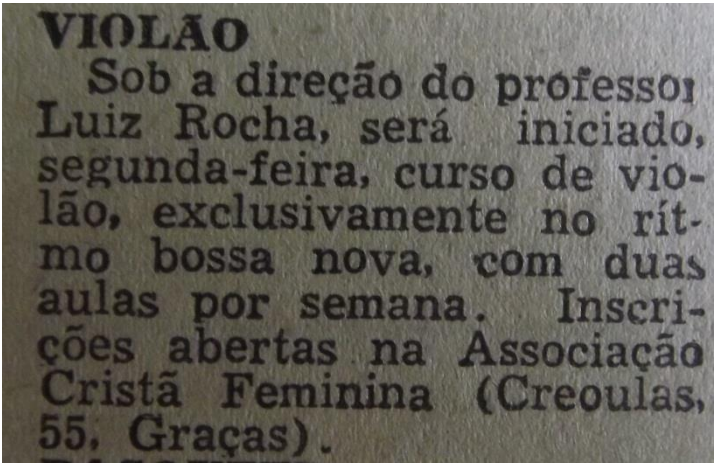
Figura 65: Diario de Pernambuco, 27 de maio de 1965. Primeiro caderno página 06.



UMA CANTORA QUE SURGE — Dentro de poucos dias, a gravadora "Continental", a famosa etiqueta dos "Três Sininhos", deverá lançar a jovem cantora pernambucana (recifense do bairro de São José) Sonny Delane (foto), um brôto que muito promete, e que interpretará como "gente grande" um compacto duplo com as seguintes melodias: na face A, "Tome continha de você", de Dolores Duran e Edson Borges; "Chora tua tristeza", de L. Fiorini e O. C. Neves; e, na face B, "Samba de uma nota só", de Antonio Carlos Jobim e Milton Mendonça, e "Leva-me contigo", samba canção de Dolores Duran

Figura 66: Diario de Pernambuco, 30 de maio de 1965. Segundo caderno página 03.

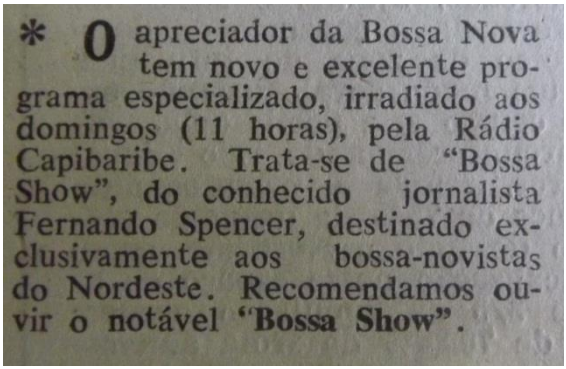
Ao que parece a demanda pela Bossa Nova era mesmo muito crescente. Uma nota no jornal anuncia aulas de violão "exclusivamente no ritmo Bossa Nova".



VIOLÃO

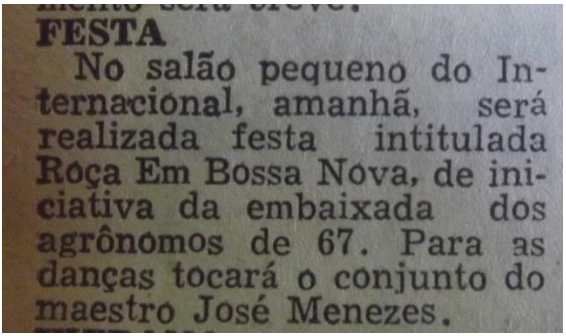
Sob a direção do professor Luiz Rocha, será iniciado, segunda-feira, curso de violão, exclusivamente no rítmo bossa nova, com duas aulas por semana. Inscrições abertas na Associação Cristã Feminina (Creoulas, 55, Graças).

Figura 67: Diario de Pernambuco, 20 de maio de 1965. Primeiro caderno página 06.



* O apreciador da Bossa Nova tem novo e excelente programa especializado, irradiado aos domingos (11 horas), pela Rádio Capibaribe. Trata-se de "Bossa Show", do conhecido jornalista Fernando Spencer, destinado exclusivamente aos bossa-novistas do Nordeste. Recomendamos ouvir o notável "**Bossa Show**".

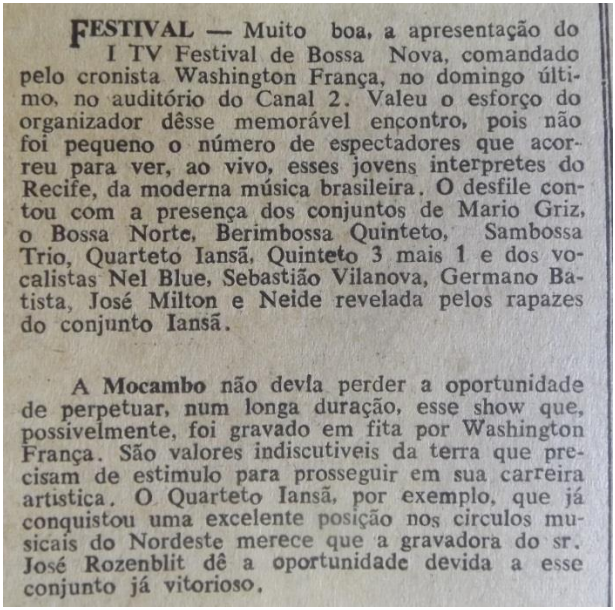
Figura 68: Diario de Pernambuco, 13 de junho de 1965. Segundo caderno página 11.


FESTA

No salão pequeno do Internacional, amanhã, será realizada festa intitulada Roça Em Bossa Nova, de iniciativa da embaixada dos agrônomos de 67. Para as danças tocará o conjunto do maestro José Menezes.

Figura 69: Diario de Pernambuco, 15 de junho de 1965. Primeiro caderno página 06.

Em julho é realizado o *I TV FESTIVAL DE BOSSA NOVA*, também organizado por Washington França. O colunista (Sérgio Nona, codinome do colunista de cinema do mesmo jornal, Fernando Spencer) mais uma vez reforça a ideia de se gravar os talentos da terra.

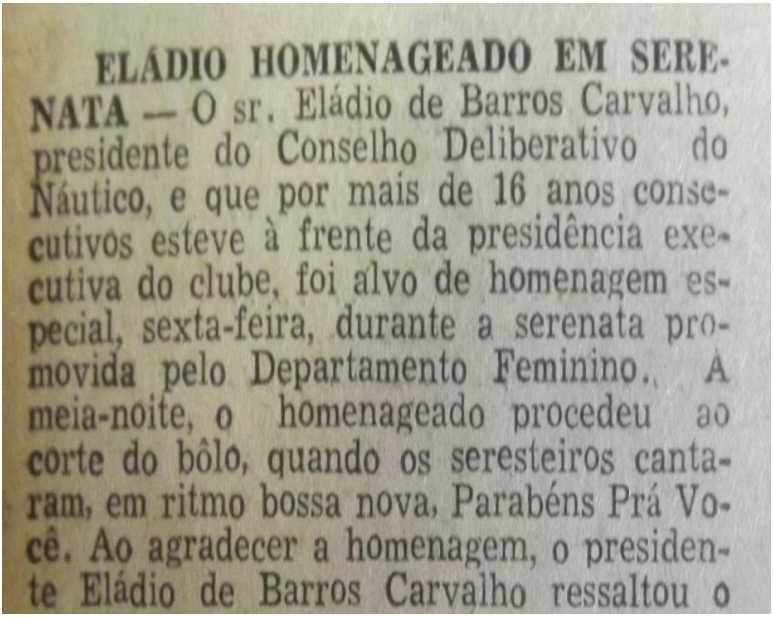


FESTIVAL — Muito boa, a apresentação do I TV Festival de Bossa Nova, comandado pelo cronista Washington França, no domingo último, no auditório do Canal 2. Valeu o esforço do organizador dêsse memorável encontro, pois não foi pequeno o número de espectadores que acorreu para ver, ao vivo, esses jovens interpretes do Recife, da moderna música brasileira. O desfile contou com a presença dos conjuntos de Mario Griz, o Bossa Norte, Berimbossa Quinteto, Sambossa Trio, Quarteto Iansã, Quinteto 3 mais 1 e dos vocalistas Nel Blue, Sebastião Vilanova, Germano Batista, José Milton e Neide revelada pelos rapazes do conjunto Iansã.

A **Mocambo** não devia perder a oportunidade de perpetuar, num longa duração, esse show que, possivelmente, foi gravado em fita por Washington França. São valores indiscutiveis da terra que precisam de estimulo para prosseguir em sua carreira artistica. O Quarteto Iansã, por exemplo, que já conquistou uma excelente posição nos circulos musicais do Nordeste merece que a gravadora do sr. José Rozenblit dê a oportunidade devida a esse conjunto já vitorioso.

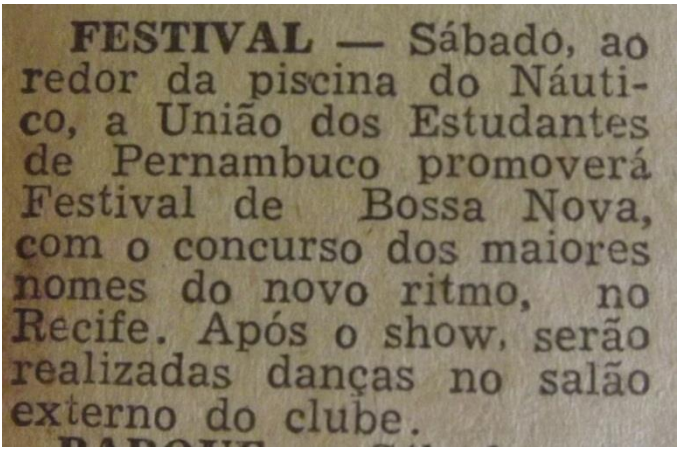
Figura 70: Diario de Pernambuco, 18 de julho de 1965. Segundo caderno página 11.

A Bossa estava mesmo em alta. Numa homenagem a um dos dirigentes do *Clube Náutico Capibaribe*, os parabéns foram cantados “em ritmo bossa nova”.



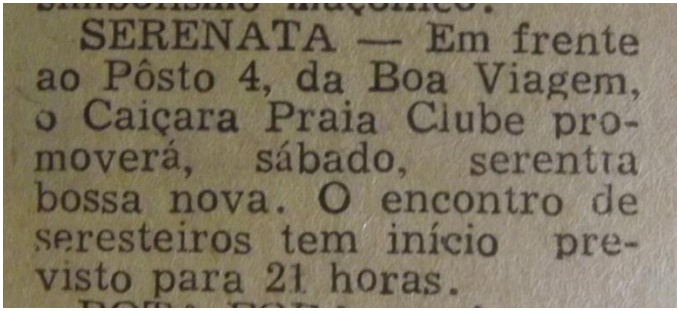
ELÁDIO HOMENAGEADO EM SERENATA — O sr. Eládio de Barros Carvalho, presidente do Conselho Deliberativo do Náutico, e que por mais de 16 anos consecutivos esteve à frente da presidência executiva do clube, foi alvo de homenagem especial, sexta-feira, durante a serenata promovida pelo Departamento Feminino. À meia-noite, o homenageado procedeu ao corte do bôlo, quando os seresteiros cantaram, em ritmo bossa nova, Parabéns Prá Você. Ao agradecer a homenagem, o presidente Eládio de Barros Carvalho ressaltou o

Figura 71: Diario de Pernambuco, 25 de julho de 1965. Primeiro caderno página 06.



FESTIVAL — Sábado, ao redor da piscina do Náutico, a União dos Estudantes de Pernambuco promoverá Festival de Bossa Nova, com o concurso dos maiores nomes do novo ritmo, no Recife. Após o show, serão realizadas danças no salão externo do clube.

Figura 72: Diario de Pernambuco, 03 de agosto de 1965. Primeiro caderno página 06.



SERENATA — Em frente ao Pôsto 4, da Boa Viagem, o Caiçara Praia Clube promoverá, sábado, serentta bossa nova. O encontro de seresteiros tem início previsto para 21 horas.

Figura 73: Diario de Pernambuco, 12 de agosto de 1965. Primeiro caderno página 06.

TEATRO

QUASE SEMPRE

Adeth LEITE

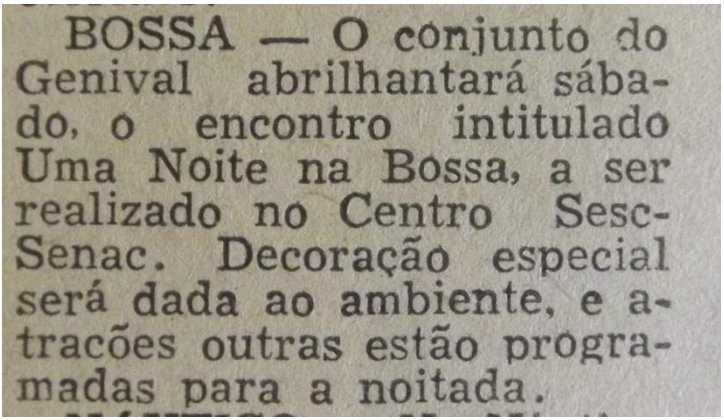
HOJE A NOITE DA BOSSA-NOVA

Numa realização da Juventude Promoções do Nordeste, sob a coordenação de Helio Oliveira, Francisco Dias e José Nagib, direção comercial de Ricarda Cunha Rego, direção artistica de Helio Oliveira e supervisão geral de Antonio Napoles, será realizada hoje, no Santa Isabel, a partir das 21 horas, a I Noite de Gala da Juventude, reunindo o que de mais destacável existe na região em torno da "bossa-nova" e do Yé, Yé, Yé.

A I Noite de Gala da Juventude será apresentada sob os auspicios e promoção do "DIARIO DE PERNAMBUCO".

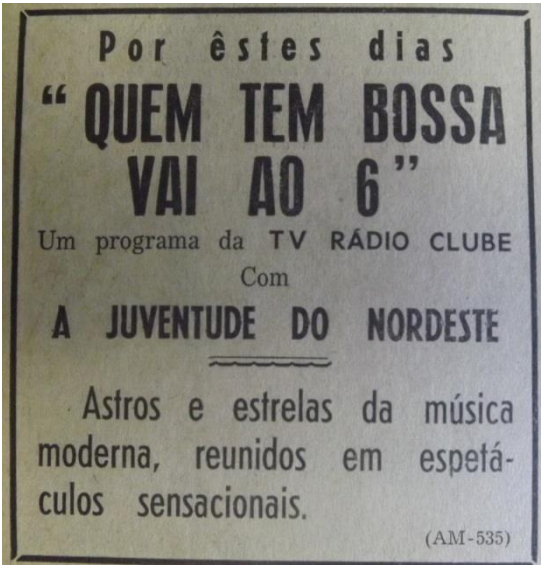
Bons cenários, feérica iluminação, tudo indica que a I Noite de Gala da Juventude se constituirá num belo espetáculo, uma vez que vem sendo carinhosamente preparada há dois meses, com ensaios diários e bom gosto.

Figura 74: Diario de Pernambuco, 14 de agosto de 1965. Primeiro caderno página 09.



BOSSA — O conjunto do Genival abrilhantará sábado, o encontro intitulado Uma Noite na Bossa, a ser realizado no Centro Sesc-Senac. Decoração especial será dada ao ambiente, e atracões outras estão programadas para a noitada.

Figura 75: Diario de Pernambuco, 18 de agosto de 1965. Primeiro caderno página 06.



Por êstes dias

"QUEM TEM BOSSA VAI AO 6"

Um programa da TV RÁDIO CLUBE

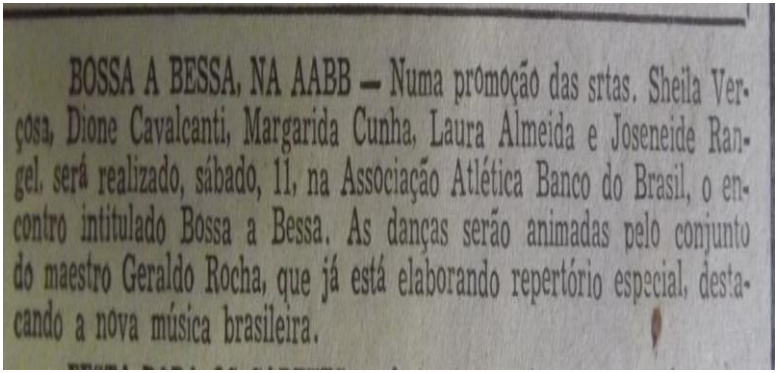
Com

A JUVENTUDE DO NORDESTE

Astros e estrelas da música moderna, reunidos em espetáculos sensacionais.

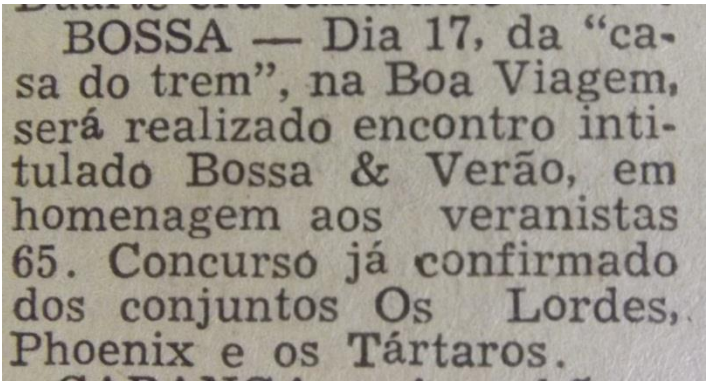
(AM-535)

Figura 76: Diario de Pernambuco, 20 de agosto de 1965. Primeiro caderno página 06.



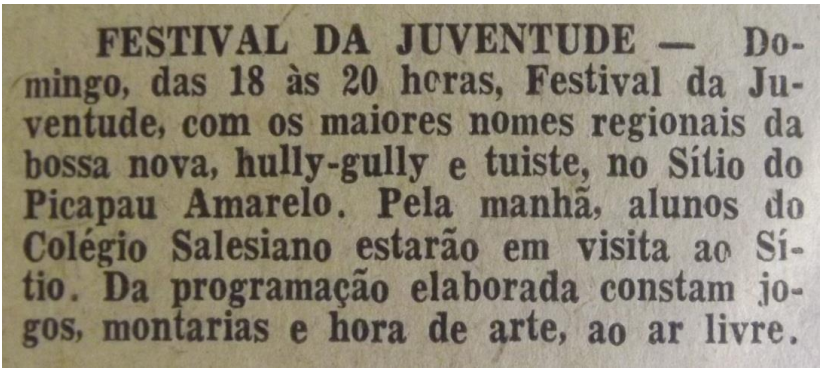
BOSSA A BESSA, NA AABB — Numa promoção das srtas. Sheila Verçosa, Dione Cavalcanti, Margarida Cunha, Laura Almeida e Joseneide Rangel, será realizado, sábado, 11, na Associação Atlética Banco do Brasil, o encontro intitulado Bossa a Bessa. As danças serão animadas pelo conjunto do maestro Geraldo Rocha, que já está elaborando repertório especial, destacando a nova música brasileira.

Figura 77: Diario de Pernambuco, 02 de setembro de 1965. Primeiro caderno página 06.



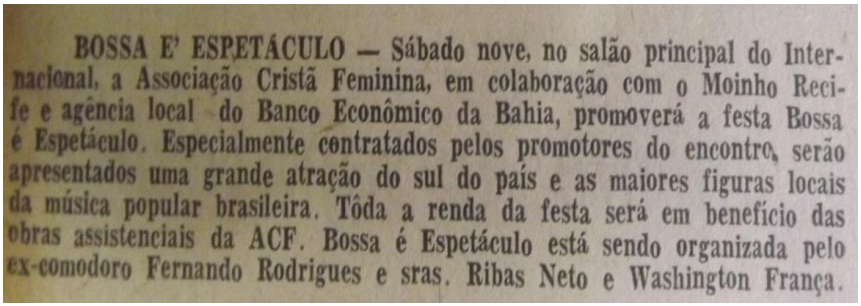
BOSSA — Dia 17, da "casa do trem", na Boa Viagem, será realizado encontro intitulado Bossa & Verão, em homenagem aos veranistas 65. Concurso já confirmado dos conjuntos Os Lordes, Phoenix e os Tártaros.

Figura 78: Diario de Pernambuco, 09 de setembro de 1965. Primeiro caderno página 06.



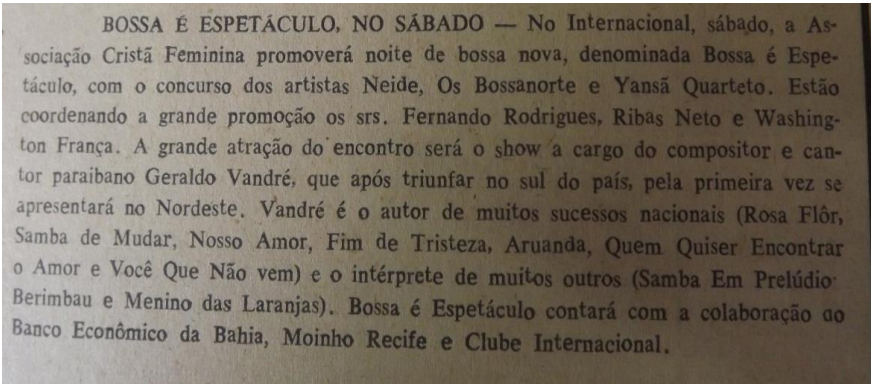
FESTIVAL DA JUVENTUDE — Domingo, das 18 às 20 horas, Festival da Juventude, com os maiores nomes regionais da bossa nova, hully-gully e tuiste, no Sítio do Picapau Amarelo. Pela manhã, alunos do Colégio Salesiano estarão em visita ao Sítio. Da programação elaborada constam jogos, montarias e hora de arte, ao ar livre.

Figura 79: Diario de Pernambuco, 10 de setembro de 1965. Primeiro caderno página 06.



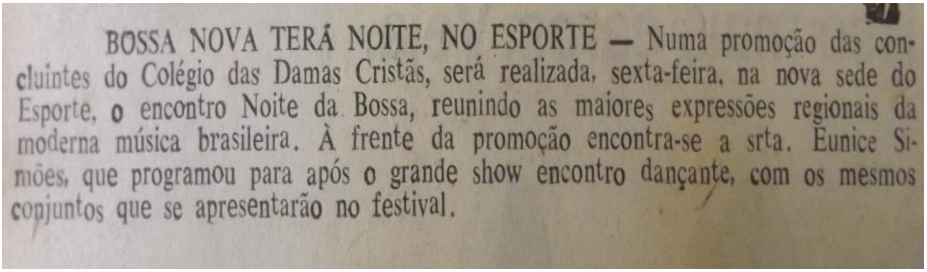
BOSSA E' ESPETÁCULO — Sábado nove, no salão principal do Internacional, a Associação Cristã Feminina, em colaboração com o Moinho Recife e agência local do Banco Econômico da Bahia, promoverá a festa Bossa é Espetáculo. Especialmente contratados pelos promotores do encontro, serão apresentados uma grande atração do sul do país e as maiores figuras locais da música popular brasileira. Tôda a renda da festa será em benefício das obras assistenciais da ACF. Bossa é Espetáculo está sendo organizada pelo ex-comodoro Fernando Rodrigues e sras. Ribas Neto e Washington França.

Figura 80: Diario de Pernambuco, 28 de setembro de 1965. Primeiro caderno página 06.



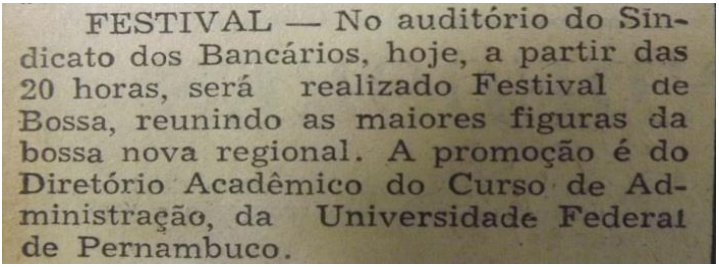
BOSSA É ESPETÁCULO, NO SÁBADO — No Internacional, sábado, a Associação Cristã Feminina promoverá noite de bossa nova, denominada Bossa é Espetáculo, com o concurso dos artistas Neide, Os Bossanorte e Yansã Quarteto. Estão coordenando a grande promoção os srs. Fernando Rodrigues, Ribas Neto e Washington França. A grande atração do encontro será o show a cargo do compositor e cantor paraibano Geraldo Vandré, que após triunfar no sul do país, pela primeira vez se apresentará no Nordeste. Vandré é o autor de muitos sucessos nacionais (Rosa Flôr, Samba de Mudar, Nosso Amor, Fim de Tristeza, Aruanda, Quem Quiser Encontrar o Amor e Você Que Não vem) e o intérprete de muitos outros (Samba Em Prelúdio Berimbau e Menino das Laranjas). Bossa é Espetáculo contará com a colaboração do Banco Econômico da Bahia, Moinho Recife e Clube Internacional.

Figura 81: Diario de Pernambuco, 06 de outubro de 1965. Primeiro caderno página 06.



BOSSA NOVA TERÁ NOITE, NO ESPORTE — Numa promoção das concluintes do Colégio das Damas Cristãs, será realizada, sexta-feira, na nova sede do Esporte, o encontro Noite da Bossa, reunindo as maiores expressões regionais da moderna música brasileira. À frente da promoção encontra-se a srta. Eunice Simões, que programou para após o grande show encontro dançante, com os mesmos conjuntos que se apresentarão no festival.

Figura 82: Diario de Pernambuco, 09 de novembro de 1965. Primeiro caderno página 06.



FESTIVAL — No auditório do Sindicato dos Bancários, hoje, a partir das 20 horas, será realizado Festival de Bossa, reunindo as maiores figuras da bossa nova regional. A promoção é do Diretório Acadêmico do Curso de Administração, da Universidade Federal de Pernambuco.

Figura 83: Diario de Pernambuco, 13 de novembro de 1965. Primeiro caderno página 06.

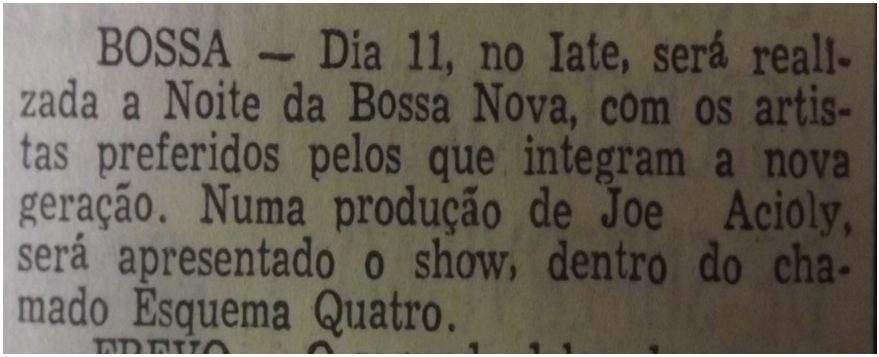
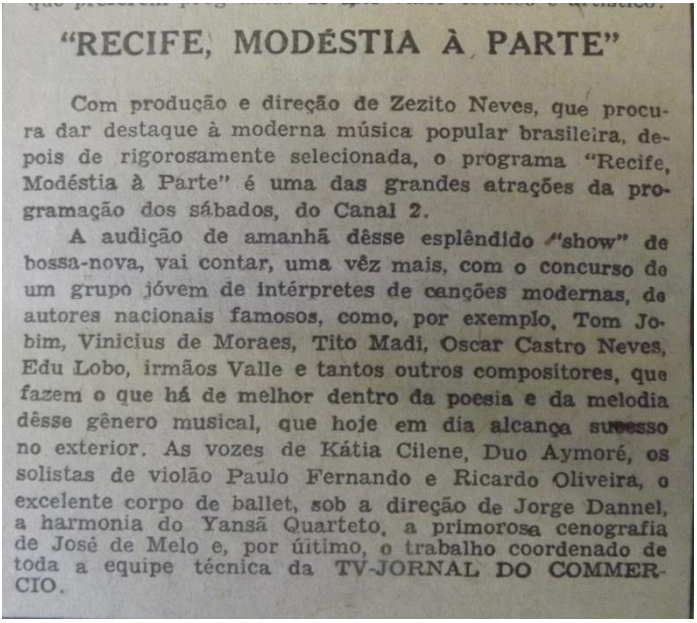

BOSSA — Dia 11, no Iate, será realizada a Noite da Bossa Nova, com os artistas preferidos pelos que integram a nova geração. Numa produção de Joe Acioly, será apresentado o show, dentro do chamado Esquema Quatro.

Figura 84: Diario de Pernambuco, 02 de dezembro de 1965. Primeiro caderno página 06.

3. 3 OS ANOS SEGUINTES

O ano de 1966 começa com o *Cantochão* sendo indicado para o prêmio de melhor espetáculo local. 1966 também é um reflexo da efervescência da Bossa Nova no Recife e região no ano anterior. O programa de televisão mais direcionado à Bossa Nova era o *RECIFE MODÉSTIA À PARTE*, no canal 2. Como podemos perceber pelas notas nos jornais era clara a dedicação à mesma.

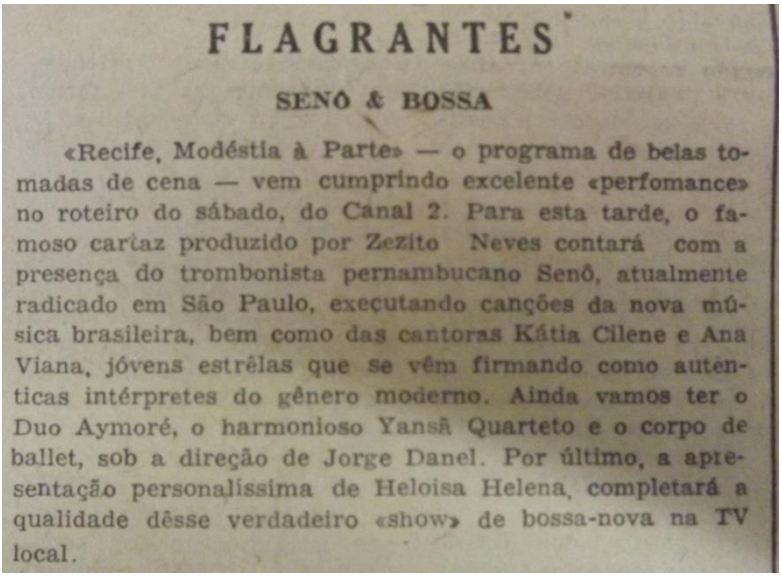


"RECIFE, MODÉSTIA À PARTE"

Com produção e direção de Zezito Neves, que procura dar destaque à moderna música popular brasileira, depois de rigorosamente selecionada, o programa "Recife, Modéstia à Parte" é uma das grandes atrações da programação dos sábados, do Canal 2.

A audição de amanhã dêsse esplêndido "show" de bossa-nova, vai contar, uma vêz mais, com o concurso de um grupo jóvem de intérpretes de canções modernas, de autores nacionais famosos, como, por exemplo, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Tito Madi, Oscar Castro Neves, Edu Lobo, irmãos Valle e tantos outros compositores, que fazem o que há de melhor dentro da poesia e da melodia dêsse gênero musical, que hoje em dia alcança sucesso no exterior. As vozes de Kátia Cilene, Duo Aymoré, os solistas de violão Paulo Fernando e Ricardo Oliveira, o excelente corpo de ballet, sob a direção de Jorge Dannel, a harmonia do Yansã Quarteto, a primorosa cenografia de José de Melo e, por último, o trabalho coordenado de toda a equipe técnica da TV-JORNAL DO COMMERCIO.

Figura 85: Jornal do Commercio, 18 de março de 1966. Página 12.



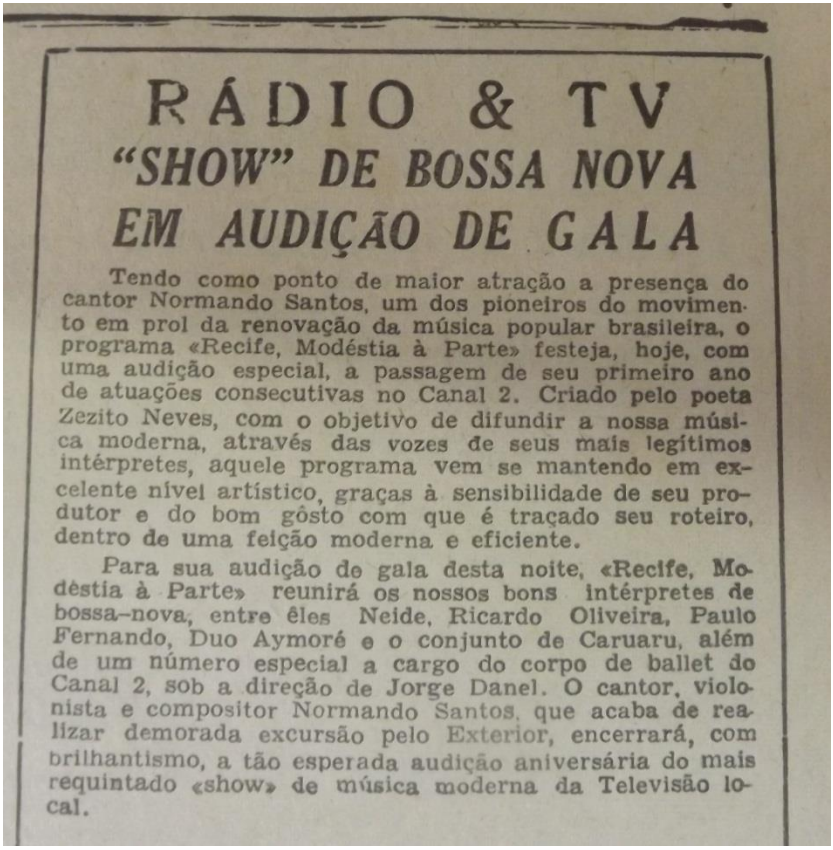
FLAGRANTES

SENÔ & BOSSA

«Recife, Modéstia à Parte» — o programa de belas tomadas de cena — vem cumprindo excelente «perfomance» no roteiro do sábado, do Canal 2. Para esta tarde, o famoso cartaz produzido por Zezito Neves contará com a presença do trombonista pernambucano Senô, atualmente radicado em São Paulo, executando canções da nova música brasileira, bem como das cantoras Kátia Cilene e Ana Viana, jóvens estrêlas que se vêm firmando como autênticas intérpretes do gênero moderno. Ainda vamos ter o Duo Aymoré, o harmonioso Yansã Quarteto e o corpo de ballet, sob a direção de Jorge Danel. Por último, a apresentação personalíssima de Heloisa Helena, completará a qualidade dêsse verdadeiro «show» de bossa-nova na TV local.

Figura 86: Jornal do Commercio, 19 de março de 1966 página 11.

Em agosto de 1966, na comemoração de um ano do programa, o cantor e compositor recifense Normando Santos é anunciado como atração internacional. A matéria de meia página no jornal, anunciando a atração do *show* de comemoração, traça um perfil do pernambucano no cenário da música brasileira e sua participação na criação da Bossa Nova (JORNAL DO COMMERCIO, 16 de agosto de 1966, página 09). A seguir outra nota do evento é publicada no dia seguinte.



RÁDIO & TV

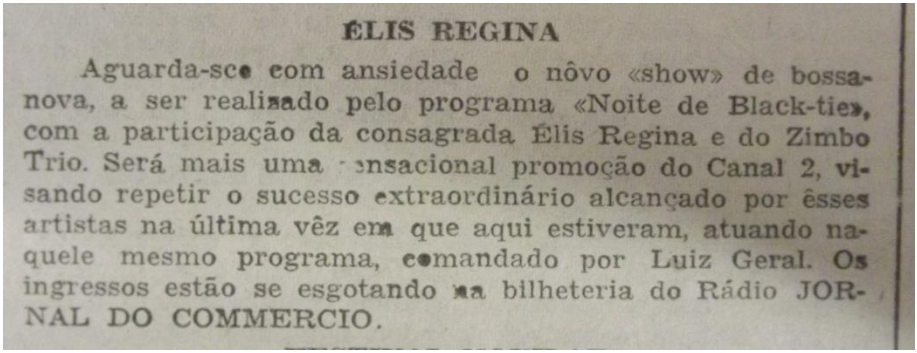
"SHOW" DE BOSSA NOVA EM AUDIÇÃO DE GALA

Tendo como ponto de maior atração a presença do cantor Normando Santos, um dos pioneiros do movimento em prol da renovação da música popular brasileira, o programa «Recife, Modéstia à Parte» festeja, hoje, com uma audição especial, a passagem de seu primeiro ano de atuações consecutivas no Canal 2. Criado pelo poeta Zezito Neves, com o objetivo de difundir a nossa música moderna, através das vozes de seus mais legítimos intérpretes, aquele programa vem se mantendo em excelente nível artístico, graças à sensibilidade de seu produtor e do bom gôsto com que é traçado seu roteiro, dentro de uma feição moderna e eficiente.

Para sua audição de gala desta noite, «Recife, Modèstia à Parte» reunirá os nossos bons intérpretes de bossa-nova, entre êles Neide, Ricardo Oliveira, Paulo Fernando, Duo Aymoré e o conjunto de Caruaru, além de um número especial a cargo do corpo de ballet do Canal 2, sob a direção de Jorge Danel. O cantor, violonista e compositor Normando Santos, que acaba de realizar demorada excursão pelo Exterior, encerrará, com brilhantismo, a tão esperada audição aniversária do mais requintado «show» de música moderna da Televisão local.

Figura 87: Jornal do Commercio, 17 de agosto de 1966, página 07.

No decorrer daquele ano de 1966 eram anunciadas ainda muitas atividades relacionadas à Bossa Nova, mas não com a mesma profusão do ano anterior.



ÉLIS REGINA

Aguarda-se com ansiedade o nôvo «show» de bossa-nova, a ser realizado pelo programa «Noite de Black-tie», com a participação da consagrada Élis Regina e do Zimbo Trio. Será mais uma sensacional promoção do Canal 2, visando repetir o sucesso extraordinário alcançado por êsses artistas na última vêz em que aqui estiveram, atuando naquele mesmo programa, comandado por Luiz Geral. Os ingressos estão se esgotando na bilheteria do Rádio JORNAL DO COMMERCIO.

Figura 88: Jornal do Commercio, 23 de março de 1966, página 12.

BOITE ROSA AMARELA

Restaurante funcionando a partir das 20 horas

::x::

MUSICA - DRINKS - SAM - BOSSA TRIO

::x::

O MELHOR AMBIENTE DO RECIFE

(23.366)

Figura 89: Jornal do Commercio, 24 de março de 1966. Página 06.

Figura 90: Jornal do Commercio, 31 de março de 1966. Página 06.

DIARIO DE PERNAMBUCO — DOMINGO, 3 DE ABRIL DE 1966

Sergio NONA

CLAUDETE SOARES: BOSSA & SIMPATIA, NO RECIFE

país. O disco fez carreira no Rio e em São Paulo, mantendo durante muitas semanas excelente colocação nas paradas de sucessos. O elepê é um primor, não somente pela seleção das musicas que nele desfilam, a magnifica interpretação de Claudete e o acompanhamento a cargo de Manfredo Fest Trio, Jongo Trio, Pedrinho Mattar, maestro Erlon Chaves, Severino Filho (integrante de "Os Cariocas"), Eli Arcoverde, Zezinho (contrabaixo) e outras notorias figuras da musica moderna brasileira.

Após sua curta temporada no Recife, na proxima terça-feira estará integrando o show de Ronald Boscoli, "Rui Barbosa", com o Jongo Trio.

Claudete, que chegou na sexta-feira, foi recebida nos Guararapes pelo seu empresario Winston de Oliveira e Ivanildo Silva, do departamento de Divulgação da Mocambo, da qual Claudete é artista exclusiva.

A simpatica morena de Copacabana disse que hoje estará na praia de Boa Viagem para experimentar o sol pernambucano e

jovem astro da canção francesa Hervé Vilard, com a Orquestra de Jacques Denjean. Cantor moderno e de grandes recursos vocais, Vilard tem possibilidade de agradar o publico brasileiro. Nas 12 canções que interpreta neste seu elepê de estreia, muito bem arranjadas e gravadas consegue agradar ao mais indiferente ouvinte. Ele é, realmente, um sucesso à vista.

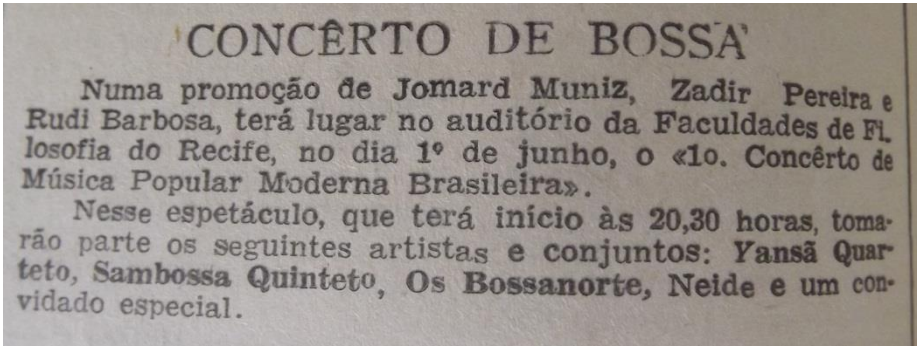
COMPACTOS CBD — Eis alguns lançamentos em compactos, constante do suplemento deste mês da Companhia Brasileira de Discos:

Na etiqueta **Forma**, dois bonitos sambas de Vinicius de Moraes e Baden Powell interpretados pelo primeiro, com a participação do Quarteto em Cy. **Tristeza e Solidão** e **Canto de Ossanha**, são os titulos das duas composições. Restrições fazemos em notar Vinicius para cantar. O que tem de excelente letrista tem ruim cantor. Uma contradição. **Sergio Ricardo**, agora na **Philips**, com duas recentes melodias de

Bossa", com Jair Rodrigues: O do long play as musicas "Menipopular "potpourri" Deus com a lo das laranjas", "Ultimo canfamilia e Ué. No outro compacto, te", "Preciso aprender a ser só" outros sambas do seu melhor dis- co até hoje: "Samba eu canto assim". Foram tiradas do cita- lentão.

"ODEON" LANÇA ROSA MARIA

Figura 91: Diario de Pernambuco, 03 de abril de 1966. Segundo caderno página 11.



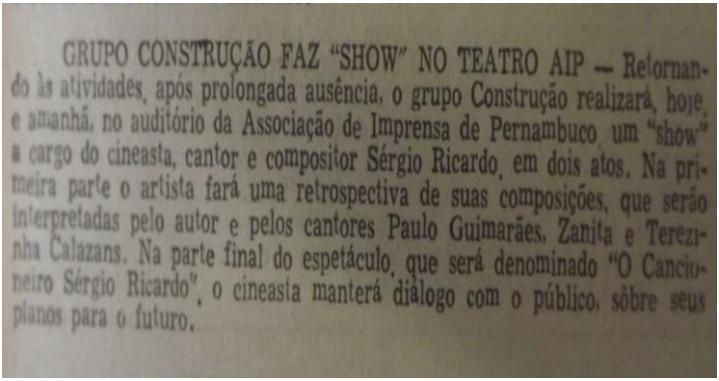
CONCÊRTO DE BOSSA

Numa promoção de Jomard Muniz, Zadir Pereira e Rudi Barbosa, terá lugar no auditório da Faculdades de Filosofia do Recife, no dia 1º de junho, o «1o. Concêrto de Música Popular Moderna Brasileira».

Nesse espetáculo, que terá início às 20,30 horas, tomarão parte os seguintes artistas e conjuntos: Yansã Quarteto, Sambossa Quinteto, Os Bossanorte, Neide e um convidado especial.

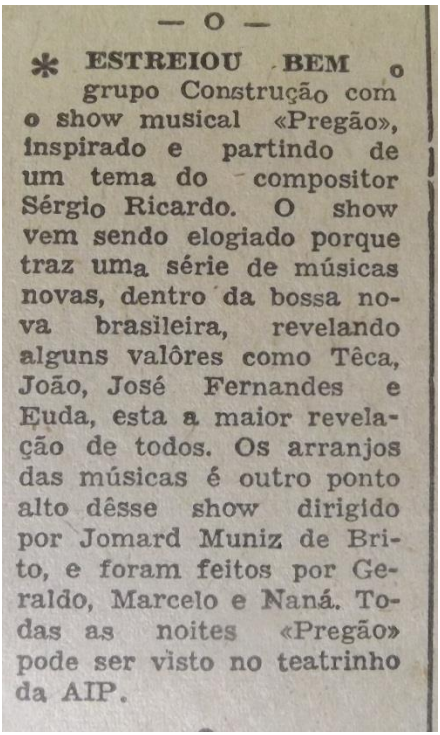
Figura 92: Jornal do Commercio, 26 de maio de 1966, página 11.

Em abril, o cantor e compositor Sérgio Ricardo (famoso pelo incidente em que quebra o violão e joga para a plateia que o vaiava no *Festival da Record* em 1967) vem ao Recife. Em junho ele, em parceria com o grupo *Construção*, faz apresentação na cidade. Em agosto o *Construção* ainda encena peça inspirada em composição de Sérgio Ricardo chamada *Pregão*, com boa aceitação do público (como indicam as figuras seguintes). A direção do espetáculo é atribuída a Jomard Muniz, mas o mesmo afirma: “botaram meu nome como diretor porque eu já era professor. Mas eles não precisavam que eu dirigisse não”.



GRUPO CONSTRUÇÃO FAZ "SHOW" NO TEATRO AIP — Retornando às atividades, após prolongada ausência, o grupo Construção realizará, hoje e amanhã, no auditório da Associação de Imprensa de Pernambuco, um "show" a cargo do cineasta, cantor e compositor Sérgio Ricardo, em dois atos. Na primeira parte o artista fará uma retrospectiva de suas composições, que serão interpretadas pelo autor e pelos cantores Paulo Guimarães, Zanita e Terezinha Calazans. Na parte final do espetáculo, que será denominado "O Cancioneiro Sérgio Ricardo", o cineasta manterá diálogo com o público, sôbre seus planos para o futuro.

Figura 93: Diario de Pernambuco, 11 de junho de 1966. Primeiro caderno página 06.



— O —

* **ESTREIOU BEM** o grupo Construção com o show musical «Pregão», inspirado e partindo de um tema do compositor Sérgio Ricardo. O show vem sendo elogiado porque traz uma série de músicas novas, dentro da bossa nova brasileira, revelando alguns valôres como Têca, João, José Fernandes e Euda, esta a maior revelação de todos. Os arranjos das músicas é outro ponto alto dêsse show dirigido por Jomard Muniz de Brito, e foram feitos por Geraldo, Marcelo e Naná. Todas as noites «Pregão» pode ser visto no teatrinho da AIP.

Figura 94: Jornal do Commercio, 19 de agosto de 1966. Página 06.

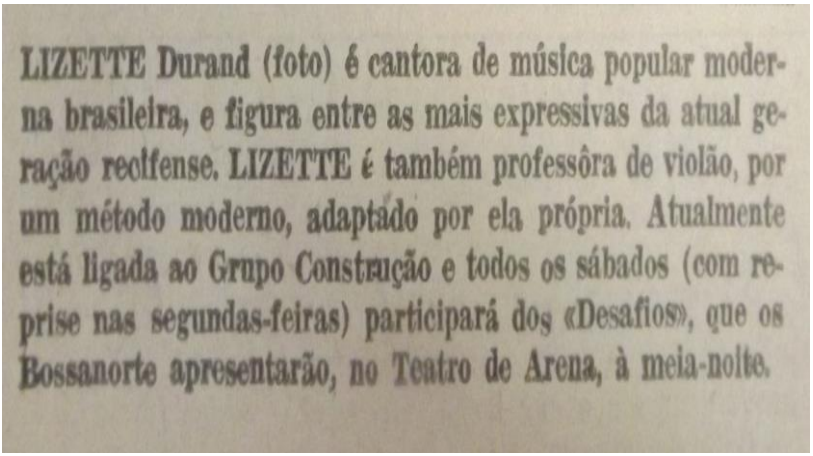
Um grupo que sempre figura nessas apresentações (vide como exemplo a figura 92) é *Os Bossanorte*. O maestro Edson Rodrigues relembra: "nós tínhamos um grupo vocal muito bom que era *Os Bossanorte*, que era Toinho (Alves), que depois fundou o *Quinteto Violado*, era Mário, Zé Franco e Fernando (Filizola)". Naná Vasconcelos, que também foi componente do grupo afirma: "*Os Bossanorte* era um quarteto vocal como o MPB4, Boca Livre. Jomard me incentivou a cantar, o que nunca imaginei fazer. Devo isso a ele". O grupo nunca chegou a gravar, mas uma nota no jornal afirma que a *MOCAMBO* (vide figura a seguir) havia fechado contrato com o quarteto para inicialmente gravar um compacto. O que, segundo Naná Vasconcelos afirma: "infelizmente nunca aconteceu".

OS BOSSANORTE NA MOCAMBO — Ao contrário do que dizíamos anteriormente, a Fábrica Rozenblit, através dos Snrs. Samuel Riff e Marcelo Santos, contratou, por dois anos, o conjunto vocal «Os Bossanorte», que consideramos um dos mais sérios do país. São jovens que se dedicam inteiramente à sua arte, agora reconhecida. Primacialmente, será lançado um compacto com as músicas «Olé Olá» e «Cant de Ossanha». Parabenizamos a fábrica recifense pela aquisição que acreditamos ser de alta valia artística. Vamos aguardar a repercussão.

Figura 95: Jornal do Commercio, 02 de outubro de 1966. Suplemento feminino.

Em dezembro de 1966 o *Jornal do Commercio* faz matéria de meia página com a cantora Lizette. Na reportagem a cantora é apresentada como Lizette Duran. Muito provavelmente se trate da mesma Lizete Margarida que participou de vários eventos relacionados à Bossa Nova e chegou a gravar um compacto pela *Rozenblit* (figura página 93). Na matéria Lizette é associada ao grupo *Construção* e já

comenta algo que se tornaria comum a partir daquele momento: a disputa de espaço entre a Bossa Nova e a Jovem Guarda, chamada por muitos de Iê-Iê-Iê. Os jornais da época assim como os programas de televisão já demonstravam uma clara mudança de tendência em relação à música considerada "moderna".



LIZETTE Durand (foto) é cantora de música popular moderna brasileira, e figura entre as mais expressivas da atual geração recifense. LIZETTE é também professôra de violão, por um método moderno, adaptado por ela própria. Atualmente está ligada ao Grupo Construção e todos os sábados (com reprise nas segundas-feiras) participará dos «Desafios», que os Bossanorte apresentarão, no Teatro de Arena, à meia-noite.

Figura 96: Jornal do Commercio, 14 de dezembro de 1966, página 07.

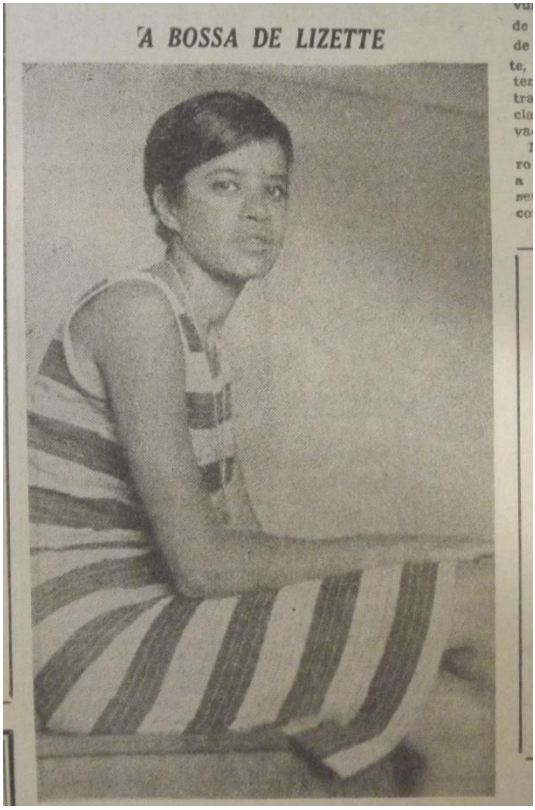
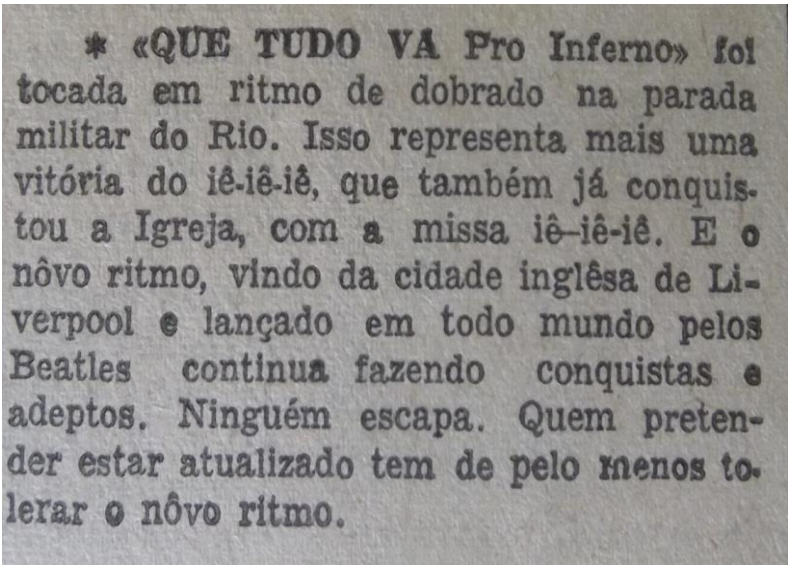


Figura 97: Idem figura anterior.

Uma nota na coluna social representa bem a mudança de perspectiva na música brasileira. O Brasil estava de fato sendo invadido pela Jovem Guarda e a mídia escrita e televisiva acompanhava a tendência. Eram mudanças que a história depois demonstraria serem cruciais na diversidade da música no país e também de Pernambuco. Os festivais, a Jovem Guarda e a música de "pilantragem" iriam ocupando os espaços

e fundindo aquilo que já havia sido construído. Mas isso é uma outra história.

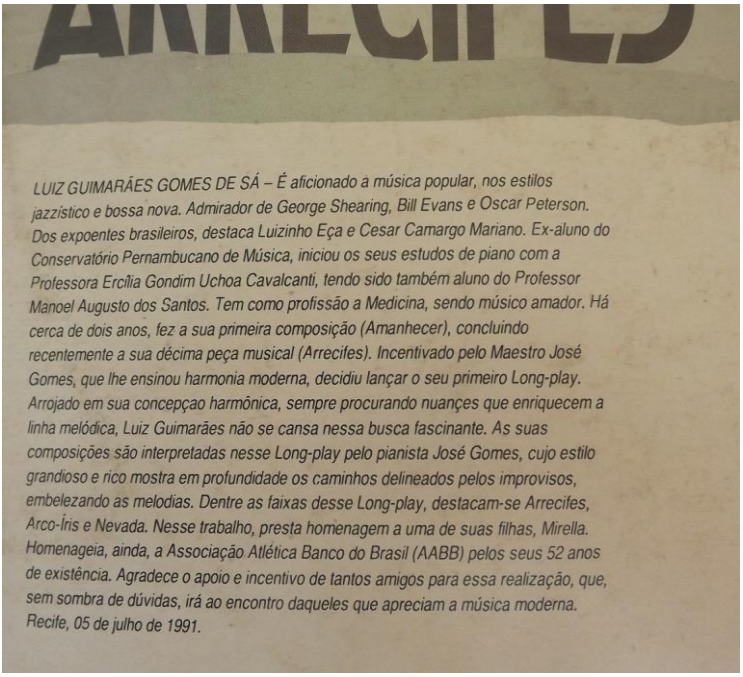


* «QUE TUDO VA Pro Inferno» foi tocada em ritmo de dobrado na parada militar do Rio. Isso representa mais uma vitória do iê-iê-iê, que também já conquistou a Igreja, com a missa iê-iê-iê. E o nôvo ritmo, vindo da cidade inglêsa de Liverpool e lançado em todo mundo pelos Beatles continua fazendo conquistas e adeptos. Ninguém escapa. Quem pretender estar atualizado tem de pelo menos tolerar o nôvo ritmo.

Figura 98: Jornal do Commercio, 14 de setembro de 1966, página 06.

Mas a Bossa Nova não desapareceu. Mesmo no Recife. O maestro Zé Gomes afirma: "faço Bossa Nova até hoje". O maestro Edson Rodrigues afirma que nos anos 1960 os músicos se encontravam pra *jam sessions* "eram sessões que a gente ia pra tocar Bossa Nova" e é categórico: "isso ainda hoje acontece". Pra exemplificar, Maurício Chiappetta apresentou para essa pesquisa um disco, gravado em 1991 em que ele faz a bateria e o maestro Zé Gomes produz e executa o piano. O disco é composto inteiramente de composições (muitas de

Bossa Nova) de Luís Guimarães, sobre o qual Zé Gomes afirma: “Luís é um inovador. Foi um precursor do frevo-jazz aqui”. Uma foto da contra capa do disco é bastante esclarecedora. A Bossa Nova, ao que parece, continua permeando o universo dos artistas no Recife.



LUIZ GUIMARÃES GOMES DE SÁ – É aficionado a música popular, nos estilos jazzístico e bossa nova. Admirador de George Shearing, Bill Evans e Oscar Peterson. Dos expoentes brasileiros, destaca Luizinho Eça e Cesar Camargo Mariano. Ex-aluno do Conservatório Pernambucano de Música, iniciou os seus estudos de piano com a Professora Ercília Gondim Uchoa Cavalcanti, tendo sido também aluno do Professor Manoel Augusto dos Santos. Tem como profissão a Medicina, sendo músico amador. Há cerca de dois anos, fez a sua primeira composição (Amanhecer), concluindo recentemente a sua décima peça musical (Arrecifes). Incentivado pelo Maestro José Gomes, que lhe ensinou harmonia moderna, decidiu lançar o seu primeiro Long-play. Arrojado em sua concepçao harmônica, sempre procurando nuanças que enriquecem a linha melódica, Luiz Guimarães não se cansa nessa busca fascinante. As suas composições são interpretadas nesse Long-play pelo pianista José Gomes, cujo estilo grandioso e rico mostra em profundidade os caminhos delineados pelos improvisos, embelezando as melodias. Dentre as faixas desse Long-play, destacam-se Arrecifes, Arco-Íris e Nevada. Nesse trabalho, presta homenagem a uma de suas filhas, Mirella. Homenageia, ainda, a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) pelos seus 52 anos de existência. Agradece o apoio e incentivo de tantos amigos para essa realização, que, sem sombra de dúvidas, irá ao encontro daqueles que apreciam a música moderna. Recife, 05 de julho de 1991.

Figura 99: Foto contracapa do disco ARRECIFES, de 1991.

4. CONSIDERAÇÕES

Essa pesquisa trouxe evidências de uma interação de artistas e público recifense com a Bossa Nova, porém não de uma forma passiva ou de pura reprodução daquilo que era feito e trazido do Rio e de São Paulo. Artistas como Inaldo Vilarim e Normando Santos, como indicam as fontes, já materializavam uma música que era considerada moderna e embrionária do que viria a se tornar a Bossa Nova. Chico Buarque em entrevista a Zuza Homem de Mello afirma: "Por menos que pareça, a Bossa Nova foi um movimento no qual tomou parte um grande número de pessoas das mais diversas cidades" (MELLO, 2008, p. 132). Já Tom Jobim relembra: "No tempo que eu era militante dos estúdios do Rio de Janeiro, notava-se aquele influxo de talento; geralmente o pessoal da bossa, do ritmo, vinha do Norte ou do Nordeste, da Bahia pra cima" (Idem, p.143). Mesmo que em alguns momentos ela tenha sim acontecido como uma imitação, no decorrer daqueles anos 1960 a Bossa Nova produzida no Recife vai tomando corpo e formas locais, como o berimbau de Naná Vasconcelos, que se torna presente em quase todos os espetáculos do "teatro musicado" na cidade.

Ao ser entrevistado, Jomard Muniz levou um primo

seu que também fez parte daqueles espetáculos de Bossa Nova no Recife naqueles anos: Luiz Augusto Amorim Silva. Luiz Augusto foi baixista e lembra: "Era uma Bossa que tinha muita coisa de Naná, de maracatu"[27]. *Os Bossanorte*, os trios de música instrumental e os cantores locais também produziram trabalhos autorais em Bossa Nova. Alguns inclusive gravaram, mas não adquiriram o sucesso e a repercussão nacional como outros representantes da Bossa Nova no Brasil, mas como afirma Middleton (1990), esse parâmetro de indicadores da mídia sobre a quantificação do consumo não determina a utilização e absorção da cultura popular em sua totalidade.

Como afirma Marcos Napolitano:

> Portanto, o universo de recepção de cantores, musicistas e compositores e o universo de recepção da audiência mais ampla (os chamados "ouvintes comuns") não podem ser vistos de maneira dicotômica nem generalizante, mesmo dentro do mesmo momento histórico, cuja configuração é sempre complexa e nunca completamente determinada por forças estruturais que estariam por trás dos fatos (NAPOLITANO, 2002, p. 57).

[27] Luiz Augusto autorizou seus comentários na entrevista concedida no mesmo dia e horário que Jomard Muniz foi entrevistado (03/11/2014).

Luís Fernando Hering Coelho, ao analisar a oposição entre o "popular" e o "erudito", alinha-se ao pensamento de Richard Middlenton (1990) de que o processo de formação dos gêneros musicais pode ser pensado em termos da noção gramsciana sobre a "autonomia relativa das superestruturas". Coelho afirma:

> Penso que a noção de articulação, no campo da música, ajuda a pensar a relação entre a expressão musical (o "som da música") e o contexto de sua produção e consumo, na busca de onde e como, neste meio-de-campo, possa estar ancorado o significado (COELHO, 2013, p. 141).

Dessa forma concordo com os autores, entendendo que mesmo que tenha ocorrido uma imposição midiática da Bossa Nova em todo o país, o resultado ou seu "significado" no horizonte local (nesse caso o Recife) é algo peculiar e diverso daquilo que ocorreu em outras regiões do país, e, portanto digno de ser tratado como objeto de estudo. Os reflexos desses processos de articulação e seus desdobramentos podem ser constatados nos anos seguintes e até nos dias de hoje na música local produzida e divulgada no Recife.

Como terceira cidade do país em população à época, Recife possuía, já havia algum tempo, um voo direto para o

Rio de Janeiro. Esses dois aspectos contribuíam para que inúmeros artistas do Rio e de São Paulo estivessem na capital pernambucana em apresentações nos clubes e casas de espetáculos além das rádios e emissoras de televisão da cidade. Toda essa movimentação moldava uma interação natural entre músicos locais e nacionais, gerando inclusive amizades que perduram até hoje, como relatado nas entrevistas aqui apresentadas.

Aconteceram várias ações (programas de rádio e TV locais dedicados à Bossa Nova, grupos instrumentais criados para tocar o estilo, apresentações e palestras em universidades, *shows* em clubes, colégios e lugares públicos) sendo elas direcionadas ao mercado consumidor fonográfico ou estabelecidas de forma espontânea. Pelos dados apresentados entendo que houve uma contribuição de artistas recifenses na formação da Bossa Nova nacional. Houve também uma cena local, embora não amplamente divulgada na mídia nacional, voltada para a Bossa Nova e criando linguagem própria dentro da mesma.

5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joaquim. *A poesia da canção*. São Paulo: Scipione, 1993.

ALBIN, Dicionário Cravo Albin da Música popular Brasileira. Disponível em: http://www.dicionariompb.com.br/normando-santos acesso em: 18 jun 2014.

ALCIDES, Jota. *O Recife Berço Brasílico*. Brasília: Thesaurus, 1998.

AMORIM, Leny. *Música e Músicos de Pernambuco*. Recife: Ed. do Autor, 2006.

BARBOSA DE SOUSA, Moacir. FILHO, Luís Maranhão. *A fábrica de melodias*. **Temática**, Revista Eletrônica. João Pessoa, ano V n. 2, p 1 – 17 fev. 2009.

BARRETO, Flávia. GASPARINI, Fernando. *Sivuca e a música do Recife*. Recife: Publikimagem, 2010.

BASTOS, Rafael José de Menezes. *Músicas latino - americanas, hoje: Musicalidade e Novas fronteiras.* Trabalho apresentado no II Congresso Latino-americano da Associação internacional para o estudo da Música Popular (IASPM). Santiago-Chile, 1997.

_____. *Para uma antropologia histórica da música popular brasileira*. Trad. Luís Fernando Hering Coelho. **Antropologia em Primeira Mão**: Revista do Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

V.142. Florianópolis, 2014: p. 05 – 61.

BATISTA NETO, José. *MCP: A hora e a vez das forças populares*. REZENDE, Antônio Paulo (ORG). *Recife que história é essa?* Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1987. p: 237-245.

BERNARDES, Denis. *O Caranguejo e o Viaduto*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1996.

_____. *Para reler o Recife e suas origens*. REZENDE, Antônio Paulo. (ORG). Recife: que história é essa? Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1987. P 17-38.

BESSA, Virgínia de Almeida. *A escuta singular de Pixinguinha: História e música popular no Brasil dos anos 1920 e 1930.* São Paulo: Alameda, 2010.

BRAGA, Alê. *Bossa Nova Sol Nascente.* Direção: Alê Braga. Roteiro: Alessandra Paiva e Alê Braga. Cine Vídeo, 2008 (DVD-50 min).

BRITTO, Jomard Muniz. *Do Modernismo à Bossa Nova*. Recife: Editora Civilização Brasileira S. A, 1966.

CABRAL, Sérgio. *A MPB na era do Rádio*. São Paulo: Editora Moderna, 1996.

CAMPOS, Augusto de. *Balanço da Bossa e outras bossas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2ª ed. 1974.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa, Heloísa Pezza Cintrão e Gênese Andrade. 4ª Edição –

São Paulo: Edusp, 2008.

CARTER, Tim. *The sound of silence: models for an urban musicology*. Urban History, v. 29.2002. p. 8-18.

CARVALHO, José Jorge de. *As duas faces da tradição. O clássico e o popular na modernidade latino americana*. 1987. Notas Para uma Revisión Conceptual de los Estudios de la Cultura Popular Tradicional. Trabalho apresentado na II Reunión Interamericana sobre Cultura Popular y Tradicional. Caracas.

CASTELÃO, Fernando. *Todos contam a sua história*. Recife: Bagaço, 1999.

CASTRO, Ruy. *Chega de Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

_____. *A onda que se ergueu no mar*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

CENSO IBGE. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6&uf=00 Acesso em 27 nov 2014.

CHEDIAK, Almir. *Harmonia e Improvisação*. Rio de Janeiro: Lumiar. 1986.

COELHO, Luís Fernando Hering. *Os músicos transeuntes: de palavras em torno de uns batutas*. Itajaí: Casa Aberta, 2013.

COSTA, Nelson Barros da; MENDES, Maria das Dores Nogueira. *A Bossa Nova e a música cearense dos anos 70. **Per Musi***. Belo Horizonte, n.29, 2014, p. 176-184.

DONATO, Maria das Graças Andrada. *Recife, Cidade Maurícia*. Recife: Comissão de Moral e Civismo – COMOCI – PE, 1986.

DUNN, Christopher. *Brutalidade jardim: A Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira.* Tradução de Cristina Yamagami. São Paulo: UNESP, 2009.

FARGE, Arlette. *Lugares para a História*. Belo Horizonte. Autêntica, 2011.

FILHO, Luiz Maranhão. *Memória do rádio*. Recife: Editorial Jangada, 1991.

FRANÇA, Déborah Gwendolyne Callender. *Quem deu a ciranda a Lia? A história das mil e uma Lias da ciranda (1960-1980).* 203f. Dissertação (Mestrado em História). UFPE: Recife, 2011.

FREYRE, Gilberto. *O Recife sim! Recife, não!* São Paulo: Editora Arquimedes, 1967.

_____. *Manifesto Regionalista de 1926*. Recife: IJNPS (edição modificada), 1952.

GARCIA, Walter. *Bim Bom*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GASPAR, Lúcia. Sebastião Vila Nova. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar> acesso em: 23 jan 2015.

GAVA, José E. *A linguagem harmônica da Bossa Nova*. 2ª

ed. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____ Momento Bossa Nova. 1a ed. São Paulo: Annablume/ FAPESP, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. 2ª reimp. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

GLOBO, o. Disponível em:<http://oglobo.globo.com/cultura/garota-de-ipanema-a-segunda- cancao-mais-tocada-da-historia-4340449> acesso em 27 mai 2013.

GOMES, Marcelo Silva. *Samba Jazz, aquém e além da Bossa Nova: três arranjos para* ***Céu e Mar*** *by Jonhnny* Alf. Campinas, [s.n] Tese (Doutorado em Música). UNICAMP, 2010.

GUERRA-PEIXE, César. *Estudos de folclore e música popular urbana*. Introdução e notas: Samuel Araújo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

HOBSBAWN Eric J. [trad. Angela Noronha] *História Social do Jazz*. São Paulo. Paz e Terra, 2012.

LEITE, João Denys Araújo. *Marcus Siqueira: Um teatro novo e libertador*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2012.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. *160 anos da Confederação do Equador*. Recife: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco, 1985.

LINS e SILVA, Hugo. *Recife Conceitos e Evocações*. Recife: Câmara Municipal do Recife, 1984.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *Fontes históricas*. In: PINSKY,Carla Bassanezi. (organizadora). 2.ed., 1ª reimpressão.— São Paulo: Contexto, 2008. 111-153.

LUFT, Marcos Vinícios. *A defesa da posse de Juscelino Kubitscheck nas páginas do Diário de Notícias*. **Revista Thema**. Porto Alegre: IFSUL, 2011.

MACHADO, Cristina Gomes. *Zimbo Trio e o Fino da Bossa: uma perspectiva histórica e sua repercussão na moderna música popular brasileira.* São Paulo, 2008. 410f. Dissertação (Mestrado em Música). UNESP.

MELLO, Zuza Homem de. *Eis aqui os Bossa Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MELLO, José Antônio Gonsalves de. *Tempo dos Flamengos*. 3ª ed. rev. e aum. Recife: Massangana, 1987.

MIDDLETON, Richard. *Studying Popular Music*. Philadelphia: Open University Press, 1990.

MILLARD, Andre. *America on Record*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MOTTA, Nelson. *Noites Tropicais: Solos, improvisos e memórias musicais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

MURCE, Roberto. *Bastidores do radio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NAPOLITANO, Marcos. *Fontes audiovisuais: a história depois do papel.* In. PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006. p.235-290.

_____. *A historiografia da música popular brasileira (1970-1990): síntese bibliográfica e desafios atuais da pesquisa histórica*. Revista **ARTCultura** Uberlândia, v. 8, n. 13, 2006: p. 135-150.

_____. *História e Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. *Teatro Dialógico: Benjamin Santos em incursão pela História e Memória do Teatro Brasileiro.* Rio de Janeiro, 2009. 240f. Tese (Doutorado em História Social). UFF.

PAIVA, Rivaldo. Saudades de 60. O Recife ao sabor de um tempo. Recife: CEPE, 2002.

PEREIRA, Simone L. *Escutas da memória: os ouvintes das canções da bossa nova* (Rio de Janeiro, décadas de 1950 e 1960). Tese (Doutorado em Ciências Sociais), PUC, São Paulo, 2004.

PERNAMBUCO.COM. Disponível em: <http://www.old.pernambuco.com/diario/historia.shtml> Acesso em 21 maio 2014.

PHAELANTE, Renato. *Fragmentos da história do Rádio Clube de Pernambuco*. Recife: CEPE, 1994.

_____. MPB: *Compositores Pernambucanos (Coletânea Bio-Músico-Fonográfica 1920/1995)*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1997.

PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Algumas questões da pesquisa em etnomusicologia. FREIRE, Vanda Bellard (Org.). *Horizontes da pesquisa em música*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010, p. 63.

_____. *Jazz, música brasileira e fricção de musicalidades*. **OPUS**: Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música - ANPPOM - n. 11. Campinas, 2005: p. 197- 207.

PINTO, Márcio da Costa Ferreira. *No olho da rua: bossa nova, samba-jazz e paisagem musical carioca*. Dissertação (Mestrado em Musicologia/Etnomusicologia), UDESC: Florianópolis, 2013.

POLETTO, Fabio Guilherme. *As noites que eu não queria: Tom Jobim no III Festival Internacional da Canção de 1968*. Trabalho apresentado no I Congresso de Música, História e Política. Curitiba. Faculdade de Artes do Paraná, 2013: p. 77 – 102.

PORTO, Sérgio Dayrell. - (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. – 2. ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

PRIORE, Mary Del. Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

_____. *A Revolução Praieira*. São Paulo: Ática, 1995.

SALDANHA, Leonardo Vilaça. *Elementos estilísticos tipicamente brasileiros na "suíte pernambucana de bolso" de José Ursicino da Silva (Maestro Duda).* [s.n.] Campinas, Dissertação (Mestrado em Música). UNICAMP, 2001.

SANTOS, Fábio Saito do. *Estamos aí: um estudo sobre as influências do Jazz na Bossa-Nova.*156f. Dissertação (Mestrado em Música). UNICAMP: Campinas, 2006.

SANTOS, Eurides de Souza. *Nordestinidade gonzagueana na música de Sivuca*. **Opus**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 161-180, dez. 2012.

SIQUEIRA, Magno Bissoli. *Samba e Identidade Nacional: das origens à Era Vargas.* 1. ed. São Paulo: UNESP, 2012.

SILVA, Luiz Geraldo da. *Guerra dos Mascates*. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, José Amaro Santos da. *De música e músicos (biografias, teorias, histórias, críticas...).* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2011.

SOARES, José Arlindo. Pelópidas: Ética e Modernidade. FILHO, Jaime de A. Gusmão (ORG). *Pelópidas; O Homem e a Obra*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005. p. 147-177.

SOBRINHO, Antônio Alves. *Desenvolvimento em 78 rotações: A Indústria Fonográfica Rozenblit (1953 – 1964)* Dissertação (Mestrado em História), UFPE: Recife, 1993.

TADA, Elton Vinicius Sadao. BALEEIRO. Cleber Araujo Souto. *O que nos dizem as capas dos discos? Análise*

semiótica e hermenêutica em busca de um diálogo entre Pop culture e estudos de religião. Revista Eletrônica Correlatio. São Paulo. Universidade Metodista v. 11, n. 22 – 2012: p. 121 – 133.

TÁVOLA, Artur da. *Nara Leão*: O canto da resistência. Brasília: SENADO FEDERAL, 1999. 27 p. Discurso.

TELES, José. *O mistério na história da bossa*. JC On Line. Recife. 14 Jul.2008. Disponível em:< http://www.nordesteweb.com/not07_0908/ne_not_20080716b.htm >. Acesso em: 15 Jun.2013.

_____. *Do Frevo ao Manguebeat*. Recife: Editora 34. 2000.

THIAGO, Paulo. *Coisa mais linda. História e casos da Bossa Nova*. Roteiro e Direção: Paulo Thiago. Produção: Pedro Antônio Paes. Artistas: Oscar Castro Neves, Johnny Alf, Billy Blanco, Carlos Lyra, Roberto Menescal, João Donato, Wanda Sá, Joyce. Fotografia: Guy Gonçalves. Sony Pictures Entertainment. 2005. 1 DVD (128 min.), letterbox 4x3, 5.1 sound, color, legendas em português.

TINHORÃO, José Ramos. *Do gramofone ao rádio e TV*. São Paulo: Ática, 1978.

_____. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. *Pequena história da música popular*. São Paulo: Círculo do Livro, 19--.

TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São

Paulo: Atlas, 1987.

VICENTE, Rodrigo Aparecido. *A segmentação do campo da música popular brasileira na década de 1950: O caso do Trio Surdina.* Anais do Simpósio de Pesquisa em Música: SIMPEMUS 6. Org. Norton Dudeque. UFPR: Curitiba, 2013.

VIDAL, Erick de Oliveira. *As capas da Bossa Nova: Encontros e desencontros dessa história visual* (*LPs da ELENCO,1963*). Dissertação (Mestrado em História). Juiz de Fora: UFJF, 2008.

ZAN, José Roberto. *Do fundo de quintal à Vanguarda: Contribuição para uma história social da música popular brasileira*. Tese (Doutorado em Sociologia) UNICAMP: Campinas, 1997.

6. ANEXOS

Jornais Consultados (foram consultados todos os dias dos meses relacionados):

DIARIO DE PERNAMBUCO:
1959: janeiro, fevereiro, abril, maio, junho, agosto, setembro;
1960: janeiro, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro;
1961: junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro;
1962: janeiro, fevereiro, março, abril, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro;
1963: todos os meses do ano;
1964: janeiro, fevereiro, março, abril;
1965: todos os meses do ano;
1966: janeiro, fevereiro, abril, junho,
1967: abril, maio, junho;
1968: setembro, outubro;
1969: janeiro, fevereiro, abril.

JORNAL DO COMMERCIO
1959: abril, maio, junho, outubro;
1960: fevereiro, março;
1961: janeiro, fevereiro, março;
1962: maio;
1963: abril;
1964: abril;
1965: maio, junho;
1966: março, maio, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro;
1967: abril;
1968: setembro, outubro, novembro, dezembro;
1969: março.

ENTREVISTAS (Por ordem cronológica):

Naná Vasconcelos – 06 de outubro de 2014;
Maurício Chiappetta – 14 de outubro de 2014;
Maestro Duda – 17 de outubro de 2014;
Sérgio Kyrillos – 17 de outubro de 2014 (via e-mail);
Jomard Muniz – 03 de novembro de 2014;
Maestro Zé Gomes – 19 de novembro de 2014.